ISSN: 1645-4790

12
dezembro 2007

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Teologia da Missão • Caminhos da Missão
Missão e Cultura • Fontes Espiritanas
Encontro com os Fundadores • Missão Espiritana • Figuras Espiritanas
Páginas da História Espiritana • Biblioteca Espiritana

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Lourenço Ndjimbu (Superior Provincial de Angola);
P. Adalberto Ferezini (Superior Provincial de Brasil);
P. João Baptista F. Barros (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Conceição Sousa (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1200-801 Lisboa
Tel.: 213 933 000 - Fax: 213 933 019
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2007: Portugal 12€, Outros Países 15€

Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda. - www.graficapovoense.com

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 300 exs.

sumário

- Editorial 3

- *Teologia da Missão:*
  Coração Ad Gentes na Igreja da cidade
  – por D. ANTÓNIO COUTO 5

- *Caminhos da Missão:*
  A Missão hoje: os caminhos da esperança
  – por TONY NEVES 19

- *Missão e Cultura:*
  O culto dos espíritos no Sudoeste de Angola
  – por SERAFIM LOURENÇO 39

- *Fontes Espiritanas:*
  O nome que recebemos
  – por ADÉLIO TORRES NEIVA 61
  A descoberta do Espírito Santo
  – por JOSEPH LECUYER 77

- *Encontro com os Fundadores*
  Sobre a personalidade psico-humana de Libermann
  – por MANUEL GONÇALVES 85

- *Missão Espiritana*
  A missão em situação de conflito-Testemunho
  – por ANTÓNIO MOREIRA LOUREIRO 101

- *Figuras Espiritanas:*
  O P. Ernesto Lecomte, Prefeito Apostólico da Cimbebásia ... 107

- *Páginas da História Espiritana*
  1. A divisa da Congregação 125
  2. A missão da Guiné: uma experiência-fonte
  da Missão Espiritana 129

- *Biblioteca Espiritana:*
  A Missão também se escreve: Recensões críticas 135

Center for Spiritan Studies
Duquesne University

Center for Spiritan Studies
Duquesne University

editorial

"Missão Espiritana" pretende ser uma tribuna atenta às novas pistas que se abrem à Missão da Igreja e às suas experiências mais significativas para o mundo de hoje e uma viagem permanente às fontes e caminhos da Missão espiritana. A investigação e a reflexão serão os instrumentos com que procuraremos abordar este espaço que nos leva ao coração da Trindade de Deus

Neste número apresentamos dois trabalhos sobre a urgência da Missão num mundo em mudança *(Coração Ad Gentes na igreja da cidade)* e os sinais de esperança por onde actualmente a Missão abre caminho *(A missão hoje: os caminhos da esperança).*

D. António Couto apresenta-nos as exigências da missão nesta etapa histórica que nos foi dado viver. Esta urgência passa sobretudo pelo coração. O amor é o motor da missão. A missão tem as suas raízes no nosso próprio coração onde Deus nos convida para partilhar o mistério do seu amor. Tony Neves, por um lado faz de caixa de ressonância de alguns gritos do mundo de hoje que nos interpelam para aventura da missão; e por outro lembra algumas iniciativas que um pouco por toda a parte mobilizaram comunidades inteiras para responder a esses desafios. São caminhos de coragem e de esperança que desafiam a missão do nosso tempo.

Sobre o diálogo da missão com a cultura, apresentamos um trabalho de um missionário recentemente falecido e que à missão de Angola deu mais de 50 anos de vida e de estudo *(O culto dos espíritos no Sudoeste de Angola).* Para Serafim Lourenço o anúncio do Evangelho entre os Bantus do Sudoeste de Angola passa pelo encontro, embora difícil, entre a sua cultura tradicional e a novidade cristã.

As "Fontes Espiritanas" consagra neste número dois estudos: um sobre as origens e as razões históricas do nome da Congregação *(O nome que recebemos: o Espírito Santo e o Coração de Maria nas origens da Congregação)* e outro sobre a descoberta do Espírito Santo pelo P. Libermann, numa leitura a partir da sua correspondência. É um tema que o P. Lecuyer aprofundou e que temos vindo a expor nesta revista.

Ao nosso fundador o P. Libermann dedicamos um estudo sobre os traços psico-humanos da sua personalidade, à luz das cartas que escreveu nos últimos dois anos da sua vida

(Sobre a personalidade psico-humana de Libermann: traços para a sua definição extraídos da correspondência dos seus dois últimos anos de vida). Conhecemos bastante bem a sua espiritualidade e os caminhos da sua experiência de fé; mas conhecemos menos bem as constantes da sua actividade como superior, administrador e orientador, que emergem da sua correspondência. É uma vertente humana sobre a qual raramente nos debruçamos.

Uma das vertentes da missão nos tempos de hoje é a sua convivência com tensões e situações de conflito. O artigo *A missão em situação de conflito.* conta-nos a experiência dum missionário que viveu uma das situações mais dramáticas durante a última guerra de Angola.

A missão espiritana é uma missão com rosto. Mais que uma teoria ela é uma biografia. Ou melhor: uma galeria de biografias de missionários que procuraram incarnar nas suas vidas o zelo apostólico do Coração de Cristo. Por isso em cada um dos números da nossa revista procuramos apresentar um missionário significativo para a missão espiritana. Neste número responde à chamada um dos missionários que mais marcaram a história e os caminhos da Missão em Angola, o *P. Ernesto Lecomte, Prefeito Apostólico da Cimbebásia.*

Abrimos neste número duas novas rubricas da nossa revista: *Páginas da História Espiritana e Biblioteca Espiritana.* Nas "Páginas da história espiritana" procuraremos recordar alguns pequenos factos que marçaram e acompanham a nossa história; e na secção "Biblioteca Espiritana" faremos uma análise crítica de obras que vão aparecendo sobre os espaços da nossa actividade missionária. Estamos de facto conscientes que a missão também se escreve e que estes textos são parte integrante da nossa missão.

Adélio Torres Neiva

Coração Ad Gentes na Igreja da Cidade Para um rosto missionário das paróquias num mundo em mudança

- D. António Couto

Estamos, sem dúvida, num mundo em profunda mudança. Na cidade hodierna cruzam-se pessoas de diferentes cores, culturas, línguas e credos. A busca de melhores condições de vida tão depressa traz para a cidade pessoas de outros países e de diferentes situações sociais, culturais e religiosas, como faz partir muitos dos seus anteriores habitantes. Dado o crescente pluralismo cultural e religioso, já não são os campanários das igrejas que marcam o ritmo da vida das pessoas da cidade. O Evangelho de Jesus Cristo é cada vez menos conhecido. E mesmo para aqueles que o conhecem, já perdeu muito do seu significado. Este cenário é preocupante e pede, com urgência, à Igreja presente na cidade dos homens uma nova cultura de evangelização, que vá muito para além de uma simples pastoral de manutenção. Deve notar-se que o termo euaggélion não é um mero nomen status, mas um nomen actionis: não pode ser traduzido por «evangelho» nem pode confundir-se com um livro colocado na estante; na verdade, significa «evangelização». E evangelização implica movimento e comunicação, e requer tempo, formação, entranhas e coração.

As páginas que se seguem traçam as principais etapas da evangelização, detendo-se na terceira, por ser aquela em que estamos hoje. Olhando atentamente o nosso mundo e analisando a documentação da Igreja, teremos ainda presentes os desafios que o

Papa Bento XVI lançou recentemente à Igreja em Portugal (Discurso aos Bispos portugueses, Visita ad Limina, Novembro de 2007), e retiraremos, no final, algumas inevitáveis conclusões.

I. AS TRÊS ETAPAS DA MISSÃO

1.1. Primeira etapa da missão

Na tarde daquele primeiro dia da semana, o Ressuscitado convoca-nos para a missão nova e frágil da paz e do perdão e do sopro criador:

«20,[21]Disse-lhes então Jesus outra vez: "A paz convosco! Como *(kathôs)* me enviou (*apéstalken:* perf. de *apostéllô*) o Pai, também Eu vos mando ir *(pémpô)*"» (Jo 20,21). 22, E tendo dito isto, soprou *(eneph_sêsen)* e diz-lhes: "Recebei o Espírito Santo. [23]Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, serão retidos"» (Jo 20,21-23).

Como em muitas outras passagens, o uso do verbo apostéllô (enviar) acentua o papel do «enviado», que é Jesus, do mesmo modo que o uso do verbo pémpô (também enviar) sublinha o papel do «enviante»[1], que, neste caso, continua a ser Jesus. Por outro lado ainda, o envio de Jesus apresenta-se no perfeito grego, pelo que a sua missão começou e continua. Não terminou. Ele continua em missão. A nossa missão está no presente. O presente da nossa missão aparece, portanto, agrafado à missão de Jesus[2], e não faz sentido sem ela e sem Ele: «Como me enviou o Pai, também eu vos mando ir». Nós implicados e imbricados n'Ele e na missão d'Ele, sabendo nós que Ele está connosco todos os dias (cf. Mt 28,20). E aquele «como» define o estilo da nossa missão de acordo com o estilo da missão de Jesus, que nos ama descendo ao nosso nível[3].

"O presente da nossa missão aparece, portanto, agrafado à missão de Jesus, e não faz sentido sem ela"

Assim, a missão nova e frágil da paz e do perdão e do sopro criador foi-se espalhando pelas diferentes parcelas do mundo. É a primeira, e sempre paradigmática, etapa da missão. Sem pesos atrás, sem móveis nem imóveis, sem ouro nem prata nem cobre, sem alforge nem duas túnicas, com Cristo apenas (cf. Mt 10,9-10; Act 3,6).

---

[1] *E. TESTA, La missione e la catechesi nella Bibbia, Roma – Brescia, Urbaniana University Press – Paideia, 1981, p. 170-171.*

[2] *F. BLANQUART, Le premier jour (Jn 20), Paris, Cerf, 1991, p. 97.*

[3] *Sobre este «como», ver CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000 (29 de Junho de 2001), n.º 10 e 63.*

1.2. Segunda etapa da missão

Durante a Idade Média, pensou-se mesmo que o Evangelho já tinha chegado ao mundo inteiro, e que o mundo inteiro era cristão[4]. Mas as grandes descobertas dos séculos XV e XVI vieram mostrar a existência de um vasto mundo que ainda não conhecia o Evangelho. Deu-se então início à segunda etapa da missão. E então as grandes Ordens Religiosas (Jesuítas, Dominicanos, Franciscanos) começaram a partir da Europa («território de cristandade») para os territórios não evangelizados («territórios de missão»). Este esforço de missionação recebeu um novo impulso nos séculos XIX e XX com o contributo de Institutos especializados (Padres Brancos, Combonianos, Espiritanos, Oblatos de Maria Imaculada, Sociedades Missionárias de Vida Apostólica).

"Durante a Idade Média, pensou-se mesmo que o Evangelho já tinha chegado ao mundo inteiro, e que o mundo inteiro era cristão"

Este imenso esforço de missionação tinha o seu centro de organização e orientação em Roma (os Bispos das Igrejas dos «territórios de cristandade» estavam fora deste planeamento), onde, em 1572, foi criada a Comissão Pontifícia *De Propaganda Fide*, convertida em Congregação *De Propaganda Fide* em 1622[5].

Enquadrando-se já no contexto da terceira etapa da missão, é significativa a sua transformação em Congregação para a Evangelização dos Povos em 1967, fazendo ver que é agora à Igreja inteira que compete a causa missionária: todos os Bispos, e, com eles, todas as Igrejas locais, são «colegialmente» responsáveis pela evangelização do mundo[6].

1.3. Terceira etapa da missão

Com o Concílio Vaticano II abre-se a terceira etapa da missão. O Decreto *Ad Gentes* (AG), de 7 de Dezembro de 1965, afirma logo a abrir que «A Igreja é por sua natureza missionária» (n.º 2), e convoca a Igreja inteira para a tarefa missionária. Este aspecto será desenvolvido e acentuado por documentos posteriores, como a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN),

"«A Igreja é por sua natureza missionária», e convoca a Igreja inteira para a tarefa missionária."

[4] *Veja-se, por exemplo, TOMÁS DE AQUINO, Summa Theologica. Prima Secundae, Quaestio CVI, Articulus IV; G. COLZANI, Teologia della missione. Vivere la fede donandola, Pádua, Edizioni Messaggero, 1996, p.13.*

[5] *Sobre o assunto, ver G. COLZANI, Teologia della missione, p. 22.*

[6] *Cl. GEFFRÉ, L'evoluzione della teologia della missione. Dalla Evangelii Nuntiandi alla Redemptoris Missio, in G. COLZANI, T. TSHIBANGU, M. ZAGO, C. GEFFRÉ, F. CIARDI, F. KABASELE, B. NZUZI, D. N. POWER, R. LUNEAU, A. BWANGA, J. B. MALENGE, Le sfide missionarie del nostro tempo [Tradução das Actas do Colóquio Internacional de Missiologia, realizado em Kinshasa, 20-26 de Fevereiro de 1994], Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 1996, p. 65.*

de 8 de Dezembro de 1975, de Paulo VI, a Instrução *Postquam Apostoli* (PA) sobre a necessidade da cooperação entre as Igrejas particulares, de 25 de Março de 1980, da Congregação para o Clero, o Documento *«Diálogo e Missão»* (DM), de 10 de Junho de 1984, do Secretariado para os não-cristãos, a Carta Apostólica *Redemptoris Missio* (RM), de 7 de Dezembro de 1990, de João Paulo II, a Instrução *«Diálogo e Anúncio»* (DA), de 19 de Maio de 1991, do Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso e da Congregação para a Evangelização dos Povos, a Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte* (NMI), de João Paulo II, de 6 de Janeiro de 2001.

Tendo em conta que o objectivo principal é mudar o coração e a atitude das paróquias, não podemos deixar de referir aqui também três importantes documentos da Conferência Episcopal Italiana (CEI): *Comunicar o Evangelho num mundo em mudança. Orientações pastorais do episcopado italiano para o primeiro decénio de 2000* (CEMM)[7], de 29 de Junho de 2001; *O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança. Nota pastoral* (RMP)[8], de 30 de Maio de 2004; *Esta é a nossa fé. Nota pastoral sobre o primeiro anúncio do Evangelho* (ENF)[9], de 15 de Maio de 2005. A elaboração de *O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança* mobilizou a Igreja italiana e recolheu contributos de especialistas, agentes de pastoral e leigos, empenhou os Bispos da CEI durante mais de dois anos, em várias sessões do Conselho Permanente e três Assembleias Plenárias: a de Maio de 2003, em Roma, dedicada à «Iniciação Cristã»; a de Novembro de 2003, em Assis, sobre «A Paróquia: Igreja que vive no meio das casas dos homens»; a de Maio de 2004, em Roma, em que se ultimou este Documento que visa delinear o rosto missionário que devem assumir as paróquias.

"a missão diz respeito a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais, aos bispos, aos presbíteros, aos religiosos e aos fiéis leigos."

Todos estes Documentos insistem em que a missão é tarefa da Igreja toda e de cada uma das Igrejas, que a missão diz respeito a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais, aos bispos, aos presbíteros, aos religiosos e aos fiéis leigos. Para esta terceira etapa da missão, todos, mesmo todos, estamos convocados. E todos não somos demais. Em 1965, o Concílio calculava em dois mil milhões (2.000.000.000) o número de não-cristãos (AG, n.º 10). Vinte e

[7] *CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'Episcopato Italiano per il primo decennio del 2000 (29 de Junho de 2001).*

[8] *CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia. Nota Pastorale (30 de Maio de 2004).*

[9] *CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, Questa è la Nostra Fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo (15 de Maio de 2005).*

cinco anos depois, em 1990, João Paulo II refere que este número quase duplicou (RM, n.º 3). A missiografia calculava para esse ano de 1990 três mil quatrocentos e quarenta e nove milhões e oitenta e quatro mil (3.449.084.000) não-cristãos[10], e para o ano 2.000 o número de quatro mil e sessenta e nove milhões e seiscentos e setenta e dois mil (4.069.672.000) não-cristãos[11]. Em 2006 esse número subia para quatro mil e trezentos e setenta e três milhões e setenta e seis mil (4.373.076.000) não-cristãos[12]. As estimativas apontam para 2025 uma população mundial de 7.851.455.000, com 2.630.559.000 cristãos (1.334.338.000 católicos), e 5.220.896.000 não-cristãos[13].

II. TEXTOS SELECTOS DA TERCEIRA ETAPA DA MISSÃO

2.1. Textos do Magistério

- «A Igreja é por sua natureza missionária» (AG, n.º 2; RM, n.º 62).

- «O mandato de Cristo não é algo de contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja» (RM, n.º 62).

- «A Igreja toda e cada uma das Igrejas é enviada aos não-crentes» (RM, n.º 62).

- «A missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais» (RM, n.º 2).

- Os bispos são directamente responsáveis pela evangelização do mundo na sua dupla qualidade de membros do colégio episcopal e de Pastores das Igrejas particulares (AG, nº 38; EN, n.º 68; PA, n.º 4; RM, n.º 63).

- Os presbíteros são ordenados, «não para uma missão limitada e restrita, mas para uma vastíssima e universal missão de salvação "até aos confins da terra"» (AG, n.º 39; EN, n.º 68; PA, n.º 5; RM, n.º 67).

- Os Religiosos, «por força da sua consagração, ficam (igualmente) obrigados a prestar o seu serviço especialmente na acção missionária» (AG, n.º 40; EN, n.º 69; PA, n.º 6; RM, n.º 69).

- E também aos fiéis leigos, não apenas por uma «questão de eficácia apostólica», mas em virtude da sua «dignidade baptismal» (RM, n.º 71), incumbe a tarefa da missão, uma vez que se trata de uma tarefa de todos os fiéis (AG, n.º 11.21.36.41; EN,

[10] *M. ZAGO, La missione a dimensione mondiale. Aspetti missionografici secondo la Redemptoris Missio, in G. COLZANI..., Le sfide missionarie del nostro tempo p. 40.*

[11] *Os números referidos constam no International Bulletin of Missionary Research., Janeiro de 2000.*

[12] *Números citados no International Bulletin of Missionary Research, Janeiro de 2006.*

[13] *Números citados no International Bulletin of Missionary Research, Janeiro de 2006.*

n.º 70-73; PA, n.º 7; RM, nº 71-74).

- «Cada Igreja particular é responsável de toda a missão. E mesmo cada cristão, em virtude do baptismo, é chamado a exercitá-la de algum modo toda» (DM, n.º 14).

- «A missionariedade é para cada cristão expressão normal da sua fé» (DM, n.º 10).

- «Esta paixão («Ai de mim se não evangelizar!»: 1 Cor 9,16) não deixará de suscitar na Igreja uma nova missionariedade, que não poderá ser delegada a um grupo de "especialistas", mas deverá corresponsabilizar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-l'O para si; tem de O anunciar» (NMI, n.º 40; CEMM, n.º 46).

- «A paróquia será tanto mais capaz de redefinir a sua tarefa missionária no seu território quanto mais saiba projectar-se no horizonte do mundo, sem delegar apenas em alguns a responsabilidade da evangelização dos povos. [...] Não é um empenhamento ulterior» (RMP, n.º 1 e 6): está no início, não no fim (CEMM, n.º 32).

- «A missão *ad gentes* não é apenas o ponto conclusivo do empenho pastoral, mas o seu constante horizonte e o seu paradigma por excelência» (CEMM, n.º 32; RMP, n.º 1 e 6).

- «Acabou o tempo da paróquia auto-suficiente» (RMP, n.º 11), «fechada sobre si mesma» (RMP, n.º 13).

2.2. Todos operadores da missão

Traduzindo de forma sintética o conteúdo dos números que compõem o Capítulo VI da Carta Apostólica *Redemptoris Missio* (n.º 61-76) que trata de «Os responsáveis e os agentes da pastoral missionária», refere o missiólogo Francesco Pavese: «Fica claro que a RM, de forma diferente do *Ad Gentes*, recenseia os sacerdotes, os consagrados e os leigos, não entre os "cooperadores", mas entre os "operadores" da missão, modificando desta forma substancialmente o ângulo de visão e impedindo qualquer futuro equívoco acerca da natureza da sua vocação missionária»[14].

III. LEITURA DA ACTUAL REALIDADE RELIGIOSA: RELIGIOSIDADE SELVAGEM E CRISTIANISMO SEM VOCATIVO

3.1. Um erro de diagnóstico

O Cardeal G. Danneels referia, na sua intervenção no

[14] *F. PAVESE, Vocazione missionaria, in Dizionario di missiologia, Bolonha, EDB – Urbaniana University Press, 1993, p. 544.*

Sínodo especial sobre a Europa, em 4 de Dezembro de 1991, que, nos anos 60, a Igreja se preparou para evangelizar um homem secularizado e ateu tranquilo. Só que este homem não chegou verdadeiramente a aparecer. O que apareceu e temos por aí hoje neste fim de século [e início de novo milénio] é um homem espantosamente religioso, mas de uma religiosidade selvagem, absolutamente imprevisível há vinte anos atrás[15].

Feitos os cálculos, a Igreja desenhou a estratégia de evangelização achada oportuna, e Paulo VI empreendeu, em 1975, duas iniciativas consonantes: a) a criação do Secretariado para o diálogo com os não-crentes; b) encarregou os Jesuítas de travar o desafio do ateísmo.

Não se tendo verificado as previsões, foi também necessário mudar as estratégias. Nesse sentido, em Maio de 1993, João Paulo II integrou o referido organismo para o diálogo com os não-crentes no Pontifício Conselho da Cultura, do mesmo modo que os Jesuítas, reunidos em Assembleia Geral, dão grande relevo ao termo «cultura», sendo o termo «ateísmo» apenas aflorado. A descrença e a indiferença religiosa movem-se hoje, não no plano ideológico, mas cultural[16].

3.2. Valores evangélicos sem Cristo

Mas há ainda outra ruptura a que não podemos deixar de prestar atenção: a que separa os valores evangélicos da pessoa de Cristo vivo. Por outras palavras, trata-se da separação entre a ética e o culto. Muita gente, nas nossas paróquias, escolas e movimentos, permanece firmemente agarrada aos valores evangélicos, sobretudo aqueles que temos em comum com todos os homens de boa vontade, tais como a liberdade, a justiça, a paz, a solidariedade, o respeito pela criação. Mas este culto dos valores está separado do culto da pessoa viva de Cristo, e manifesta-se no *deficit* da oração, da adoração, da prática sacramental. Cristo é então relegado para um discurso no passado e na 3.ª pessoa, do género: «ele disse isto», «ele fez aquilo». Neste discurso, há uma ausência significativa do vocativo da oração e do encontro sacramental. Um tal cristianismo, reduzido a uma ética, não pode resistir muito tempo[17].

Somos todos contemporâneos do Ressuscitado. Não simples continuadores. Ele está connosco todos os dias (Mt 28,20), presidindo-nos, precedendo-nos, chamando-nos e en-

"Somos todos contemporâneos do Ressuscitado. Não simples continuadores."

[15] *Cardeal G. DANNEELS, Intervention au synode spécial sur l'Europe (décembre 1991), in Lumen Vitae, 47, 1992, p. 7-13.*

[16] *M. P. GALLAGHER, Nuevos horizontes ante el desafío de la increencia, in Razón y Fe, 232, 1995, p. 279-293.*

[17] *Cardeal G. DANNEELS, Intervention, p. 9-10.*

"A igreja é a esposa de Cristo. Não a sua viúva nem a sua filha."

viando-nos, implicando-nos na sua missão. A igreja é a esposa de Cristo. Não a sua viúva nem a sua filha.

3.3. Metodologia da evangelização

Já a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* lançava à Igreja a questão da eficácia com estas palavras: «Segundo que métodos é preciso proclamar o Evangelho para que a sua força seja eficaz?» (EN, n.º 4). E no n.º 40, refere a mesma Exortação Apostólica que «é preciso remodelar com ousadia e prudência os processos da evangelização».

3.3.1. «Primeiro anúncio» alargado e intensificado

E no n.º 52, a *Evangelii Nuntiandi* enuncia assim os destinatários do chamado «primeiro anúncio»: «Se este primeiro anúncio (expressão usada pelo Sínodo dos Bispos, 1974) se dirige especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus ou às crianças, ele mostra-se cada vez mais necessário também, por causa das situações de descristianização frequentes nos nossos dias, para as multidões de pessoas que receberam o baptismo mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que têm uma certa fé mas conhecem mal os fundamentos desta fé, para os intelectuais que sentem a necessidade de conhecer Jesus Cristo sob uma luz diferente do ensinamento recebido na sua infância, e para muitos outros casos».

"E o anúncio é como o amor. Só sendo primeiro é verdadeiro. Mas como pode ser primeiro com tantas coisas ou posses, móveis e imóveis atrás, a atrapalhar, que a poeira do tempo amontoou? Impõe-se a conversão a estilos de vida verdadeiramente evangélicos."

A Nota Pastoral da CEI, intitulada *O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança* (n.º 1) adverte que «uma pastoral que vise apenas a manutenção da fé e o cuidado pastoral da comunidade cristã não é suficiente», acrescentando logo que «é necessária uma pastoral missionária que anuncie novamente o Evangelho».

É, portanto, imensa a dimensão do «primeiro anúncio». E o anúncio é como o amor. Só sendo primeiro é verdadeiro. Mas como pode ser primeiro com tantas coisas ou posses, móveis e imóveis atrás, a atrapalhar, que a poeira do tempo amontoou? Impõe-se a conversão a estilos de vida verdadeiramente evangélicos.

3.3.2. Para além do anúncio, o testemunho

É, portanto, necessário ir para além das palavras e das «muitas coisas» (Lc 10,41) e das posses acumuladas, móveis e imóveis. O testemunho conta sempre mais, porque é a vida exposta, sem outros argumentos. E a experiência da testemunha é sempre mais forte e mais radical do que as provas que eventual-

mente queira dar. É por isso que Filipe fala de Jesus a Natanael, mas face às objecções deste, não lhe dissipa as dúvidas (Jo 1,45-46). Diz-lhe simplesmente: «Vem e vê!» (Jo 1,46), no seguimento do paradigmático «vinde e vede» (Jo 1,39) de Jesus aos dois discípulos de João Baptista que o seguiam. O testemunho não é eficaz senão quando incita o destinatário, não a inclinar-se perante as provas, mas a fazer, por sua vez, a experiência.

"O testemunho não é eficaz senão quando incita o destinatário, não a inclinar-se perante as provas, mas a fazer, por sua vez, a experiência."

O Decreto *Ad Gentes* deixou admiravelmente expresso, no n.º 21, que «sem a presença activa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo», acrescentando logo que «o principal dever deles, homens e mulheres, é o testemunho de Cristo, que todos têm obrigação de dar, pela sua vida e palavras, na família, no grupo social, no meio profissional». No seu discurso aos Membros do *Consilium de Laicis*, proferido em 02 de Outubro de 1974[18], Paulo VI fez uma importante afirmação, que depois retomou na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 41: «O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas». Na mesma linha de ideias, são marcantes as palavras que Mons. Luigi Giussani, fundador do movimento «Comunhão e Libertação», proferiu na sua intervenção no Sínodo dos Bispos sobre os leigos, em Roma, em 09 de Outubro de 1987: «O que faz falta mesmo não é a repetição verbal ou cultural do anúncio, mas a experiência do encontro com pessoas em cuja vida Cristo se tornou uma realidade de tal modo presente, que a sua vida mudou»[19].

É aqui que se pode regressar sempre ao maior missionário de todos os tempos: Paulo. Diz ele: «Ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor 9,16). Paulo anuncia convictamente a notícia da Ressurreição de Jesus, e oferece como garante o relato da transformação operada na sua própria vida, confessando que deixou muitas coisas para trás, e que se atira agora para as coisas que estão à sua frente (Fl 3,13). Aí está o retrato e o relato da testemunha credível.

Com tantas coisas atrás, móveis e imóveis, como podemos falar do «primeiro anúncio» de forma credível?

3.3.3. Do território (não se evangelizam territórios) ao coração

A nova situação que fez emergir um vocabulário novo é a mundialização da missão, assim traduzida pelo dominicano Claude Geffré, do Instituto Católico de Paris: «O espaço

[18] *AAS, 66, 1974, p. 568.*

[19] *Publicada em L. GIUSSANI, L'avvenimento cristiano, Milão, Bur, 2003, p. 23-24.*

"O espaço da missão define-se menos por um *território* do que pelo mundo ao qual a Igreja é enviada"

da missão define-se menos por um *território* do que pelo mundo ao qual a Igreja é enviada, o qual, como mundo pagão, se encontra quer num espaço geográfico, quer num ambiente social e cultural, quer no coração de cada homem»[20].

3.3.4. «Vou falar-lhe ao coração». A missão parte do coração, dirige-se ao coração, passa de coração a coração

Por isso, vou falar-lhe ao coração (Os 2,16), diz Deus, falai-lhe ao coração (Is 40,2), diz Deus. Convulsão *(hafak)*, palpitação, frémito de amor no coração de Deus e nas suas entranhas maternas (Os 11,8). Eis o perdão que muda o nosso coração: perdão verdadeiro, sempre primeiro, que antecede e provoca a conversão (Ez 16,62-63; 36,31; Rm 5,8; 1 Jo 4,10)[21], convulsão, palpitação, frémito no nosso coração. Melhor do que «primeiro anúncio» e «nova evangelização», a Missão é a Nova Anunciação deste amor novo e subversivo, feita por alguém já habitado por este amor novo e subversivo, que gera e dá à luz novos filhos de Deus. Ver outra vez os filhos gerados *(gennáô)* (1 Cor 4,14-15; Flm 10), as dores de parto *(ôdínô)* (Gl 4,19) e a ternura maternal *(thálpô)* de Paulo (1 Ts 2,7-8). O amor verdadeiro está lá sempre primeiro. O amor como vocação, como motor da missão (RM, n.º 60; *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* (2006), n.º 3). A missão coração a coração, sem coisas atrás a atrapalhar.

"O amor como vocação, como motor da missão"

"A missão coração a coração, sem coisas atrás a atrapalhar."

Em 2004, por ocasião dos 1250 anos do martírio de S. Bonifácio, Apóstolo da Alemanha, o Cardeal Karl Lehmann, Arcebispo de Mainz, dirigiu à sua Diocese uma Carta Pastoral, intitulada *Testemunho missionário*, em que se lê: «Tornámo-nos um mundo velho. Deixámo-nos vencer pelo cansaço (...). É necessário um radical revigoramento missionário da nossa Igreja. Não se trata apenas de reformar as estruturas. É preciso começar por cada um de nós. Se não estivermos entusiasmados pela profundidade e pela beleza da nossa fé, não podemos verdadeiramente transmiti-la nem aos vizinhos nem aos filhos nem às gerações futuras. (...) É necessário também ganhar outras pessoas para a nossa fé cristã e arrastar os cristãos que cederam ao cansaço ou que até abandonaram a Igreja (...). Devemos difundir verdadeiramente o Evangelho de casa em casa, de coração a coração».

Nesta Carta Pastoral, o Cardeal Lehmann traça um quadro realista de uma Igreja que parece envelhecida e

[20] *Cl. GEFFRÉ, L'evoluzione della teologia della missione, in G. COLZANI..., Le sfide missionarie del nostro tempo, p. 65.*

[21] *J. L. SICRE, Profetismo en Israel. El Profeta. Los Profetas. El Mensaje, Estella, Verbo Divino, 7.ª ed., 2005, p. 278.*

cansada, mas aponta também, com mestria e clarividência, as coordenadas que devem moldar o rumo do futuro: não basta reformar por fora estruturas e edifícios; é preciso reformar por dentro, mudar o coração, acendê-lo com a luz nova de Cristo e do seu Evangelho.

"é preciso reformar por dentro, mudar o coração, acendê-lo com a luz nova de Cristo e do seu Evangelho."

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 46, depois de falar da importância da pregação feita para todos, refere logo também a validade e a importância da transmissão «de pessoa para pessoa». E a já referida Nota Pastoral da CEI, intitulada "*O rosto missionário das paróquias num mundo em mudança*" (n. 6), acentua que «para a evangelização é essencial a comunicação de crente para crente, de pessoa a pessoa», aspecto que volta a ser salientado na recente *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização*, n.º 11, da Congregação para a Doutrina da Fé, de 3 de Dezembro de 2007[22].

No mesmo sentido, na cerimónia de encerramento do Congresso Internacional realizado em Roma, de 09 a 11 de Março de 2006, para celebrar e reflectir sobre o Decreto Conciliar Ad Gentes, no quadragésimo ano da sua promulgação (07 de Dezembro de 1965), referiu o Papa Bento XVI, entre outras coisas, que: «Não são, de facto, somente os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos sócio-culturais, e, principalmente os corações, os verdadeiros destinatários da actividade missionária do Povo de Deus».

"«Não são, de facto, somente os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos sócio-culturais, e, principalmente os corações, os verdadeiros destinatários da actividade missionária do Povo de Deus»."

E, nas palavras proferidas antes da Oração do Angelus do 80.º Dia Missionário Mundial (22.10.2006), Bento XVI acentuou esta dinâmica afirmando agora que «A missão parte do coração».

Novo tempo, novo modo, nova Anunciação, nova missão coração a coração. Aí está muito do novo estilo e da nova mentalidade que Bento XVI acaba de pedir à comunidade eclesial portuguesa, no seu Discurso, de 10 de Novembro de 2007, aos Bispos portugueses na recente *Visita ad Limina*. Bento XVI partiu da constatação de que «a confissão mais frequente nos lábios dos cristãos foi a falta de participação na vida comunitária», para referir, sem meios termos, que «é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros», e acrescentou que na «eclesiologia de comunhão na senda do Concílio», os clérigos e os leigos, cada um nas suas funções, devem tomar consciência de que «todos somos um, desde quando fomos baptizados e integrados na família dos filhos de Deus, e todos somos corresponsáveis pelo crescimento da Igreja».

[22] CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Nota dottrinale su alcuni aspetti dell'evangelizzazione*, 3 de Dezembro de 2007.

3.3.5. Evangelizar é a nossa maneira de ser

Diz Paulo a Timóteo, mas nós podemos também receber estas palavras oportunas: «Recordo-te *(anamimnêskô)* que reavives *(anazôpyreîn)* o carisma *(tò chárisma)* de Deus que está em ti» (cf. 2 Tm 1,6). Reavivar o carisma é reacender o dom de Deus, como o fogo que se reacende das cinzas, como se vê pelo verbo grego, e como bem explica o Papa João Paulo II na Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis (1992), n.º 70. Para que o dom de anunciar o Evangelho arda no nosso coração, mas arda também no coração de cada baptizado, dado que evangelizar é a nossa maneira de ser, mas é também a maneira de ser da Igreja, de toda a Igreja (EN, n.º 14; RM, n.º 62), isto é, de todos os cristãos, de todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais (RM, n.º 2 e 61-76; NMI, n.º 40; DA, n.º 82; DM, n.º 10 e 14).

"O nosso serviço de evangelização já não consiste simplesmente em evangelizar o outro até um certo ponto, mas em evangelizá-lo até que ele sinta a necessidade de se constituir em evangelizador. Então sim, evangelizar será a nossa (de todos) maneira de ser."

O nosso serviço de evangelização já não consiste simplesmente em evangelizar o outro até um certo ponto, mas em evangelizá-lo até que ele sinta a necessidade de se constituir em evangelizador. Então sim, evangelizar será a nossa (de todos) maneira de ser.

IV. ALGUMAS CONCLUSÕES

4.1. Evangelizar

"«Uma pastoral que vise apenas a manutenção da fé e o cuidado pastoral da comunidade cristã não é suficiente»."

A Igreja é por sua natureza missionária. Evangelizar é a sua, e, portanto, também a nossa maneira de ser. «Uma pastoral que vise apenas a manutenção da fé e o cuidado pastoral da comunidade cristã não é suficiente». (...) «É necessária uma pastoral missionária que anuncie novamente o Evangelho» (RMP, n.º 1). Nada nos pode distrair da «verdadeira missão da Igreja: esta não deve falar primariamente de si mesma, mas de Deus» (Bento XVI, Discurso aos Bispos portugueses em *Visita ad Limina*, 10 de Novembro de 2007).

4.2. Fiéis leigos: vocação, missão e formação

Para levar o Evangelho ao coração da sociedade e de cada homem e mulher, é necessária a presença activa dos fiéis leigos. Sem essa acção, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo. É a eles que compete, pela presença, pelo testemunho e pela palavra, levar o fermento do Evangelho à família, ao grupo social, ao meio profissional (*Ad Gentes*, n.º 21).

É necessário tirar todas as conclusões da lição do Papa

aos Bispos portugueses na recente *Visita ad Limina* (Novembro de 2007). Partindo da constatação de que «a confissão mais frequente nos lábios dos cristãos foi a falta de participação na vida comunitária», Bento XVI referiu, sem meios termos, que «é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros», e acrescentou que na «eclesiologia de comunhão na senda do Concílio», os clérigos e os leigos devem tomar consciência de que «todos somos um, desde quando fomos baptizados e integrados na família dos filhos de Deus, e todos somos corresponsáveis pelo crescimento da Igreja».

"«é preciso mudar o estilo de organização da comunidade eclesial portuguesa e a mentalidade dos seus membros»"

4.3. «Primeiro anúncio» do Evangelho, dimensão essencial da Igreja e da paróquia

Num mundo plural, diversificado e cada vez mais descristianizado, é necessário e urgente descobrir o primeiro anúncio do Evangelho como dimensão essencial, e não apenas residual ou excedentária, da Igreja e da paróquia. E que esta dimensão não seja vista apenas como etapa final do percurso de uma dinâmica pastoral programada e conseguida, mas que seja o próprio paradigma e condição da vida pastoral paroquial (CEMM, n.º 32; RMP, n.º 1 e 6).

4.4. Rosto missionário da paróquia

A paróquia, que é a Igreja a residir no meio das casas dos homens (RMP, n.º 4 e 13), tem de assumir o seu verdadeiro rosto missionário, anunciando o Evangelho de Jesus Cristo, não apenas dentro das suas fronteiras, mas até ao fim do mundo.

"A paróquia, que é a Igreja a residir no meio das casas dos homens (RMP, n.º 4 e 13), tem de assumir o seu verdadeiro rosto missionário"

4.5. Novos «protagonistas» e novos ministérios

Nascerão na paróquia novos «protagonistas» e novos ministérios, de resto, já entrevistos na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 73, onde se prospecta a «abertura para ministérios eclesiais susceptíveis de rejuvenescer e de reforçar o dinamismo evangelizador». Um grupo de evangelização é indispensável e tem, hoje por hoje, de estar na primeira linha do rosto da pastoral paroquial. Mas também as dimensões da Caridade, do Acolhimento e da Procura (como Jesus em busca da ovelha perdida), visita às famílias em dificuldades, «grupos de escuta», acompanhamento de jovens casais, terão de estar presentes e de ter visibilidade (CEMM, n.º 62; RMP, n.º 6 e 12).

4.6. Cultura do Domingo e da Eucaristia

"Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-l'O para si; tem de O seguir e de O anunciar."

O Domingo e a Eucaristia terão de assumir centralidade e visibilidade na dinâmica pastoral, fontes propulsoras da alegria pascal e da evangelização, átrio e escola de fraternidade, onde todos aprendemos a alegria e a riqueza de estar juntos: crianças, jovens, adultos e idosos, pobres e ricos, agricultores e doutores.

4.7. Cristo, primeira referência pessoal

Quem vive na paróquia e quem vem à paróquia e quem vê a paróquia tem de encontrar Cristo Ressuscitado, e de aprender a ver n'Ele a sua principal referência pessoal. Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-l'O para si; tem de O seguir e de O anunciar.

"É absolutamente necessário cultivar um cristianismo com vocativo."

4.8. Cristianismo com vocativo

O encontro com Cristo presente no meio de nós deve levar-nos a cultivar o vocativo da oração e a vivência dos sacramentos. Não podemos contentar-nos apenas com a adesão a um cristianismo ético. É absolutamente necessário cultivar um cristianismo com vocativo.

A Missão hoje: Os caminhos da esperança

Tony Neves

1. Do 'Ad Gentes' (Vaticano II, 1965) e da 'Redemptoris Missio' (J. Paulo II, 1990) à 'Mensagem para Dia Missionário Mundial' (Bento XVI, 2007)

O decreto **'Ad Gentes'** sobre a actividade Missionária da Igreja, foi votado um dia antes do fim do Concílio (7.12.1965) com 2394 votos a favor e apenas 5 contra. É o Documento com uma votação mais conclusiva.

A Encíclica **'Redemptoris Missio'** foi publicada em 1990 e apresenta o Espírito Santo como protagonista da Missão. Tem um capítulo especial dedicado aos imensos horizontes e novos âmbitos da Missão Ad Gentes. Ali são apresentados os modernos areópagos: 'a comunicação social, o empenhamento pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos (sobretudo das minorias), a promoção da mulher e da criança, a protecção da natureza, o vastíssimo areópago da cultura, da pesquisa científica e das relações internacionais' (RM 37).

Os Bispos (a Igreja local) são os primeiros responsáveis da actividade missionária (RM 63).

A encíclica apresenta, no Cap. IV, os gritos da Missão hoje: - primeira Evangelização; a Ásia onde moram dois terços da humanidade; o mundo da cidade; o planeta dos jovens; o mundo da mobilidade; as periferias e todos os problemas de justiça, paz e ecologia; o diálogo com outras religiões e culturas.

'Todas as Igrejas para o mundo inteiro' foi o tema escolhido por Bento XVI para a tradicional mensagem papal para o Dia Missionário Mundial de 2007. O Papa convida as Igrejas locais de cada continente a uma partilhada consciência sobre a urgente necessidade de relançar a acção missionária perante os numerosos e graves desafios do nosso tempo.

Há uma homenagem clara aos padres diocesanos que, nos últimos 50 anos, partiram rumo às 'linhas da frente da Missão Ad Gentes' (Fidei Donum) e uma referência aos mártires que

'ao testemunho da palavra e à dedicação apostólica, uniram o sacrifício da vida. Também não podemos esquecer os numerosos religiosos, religiosas e leigos voluntários que, juntamente com os presbíteros, se prodigalizaram em difundir o Evangelho até aos extremos confins do mundo'.

2. 'Sacramentum Caritatis' e 'Spe Salvi' (Bento XVI, 2007)

Bento XVI, depois do Sínodo sobre a Eucaristia, publicou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal **'Sacramentum Caritatis'** (22.02.2007). Na 3ª parte, o Papa faz uma ponte entre a Missa e a Missão, apresentando a Eucaristia como mistério anunciado e oferecido ao mundo, insistindo muito no testemunho dos cristãos, na fraternidade e na solidariedade com os mais pobres. O pão partido na Eucaristia tem de ser repartido no dia a dia, através de um empenho por um mundo mais justo e mais fraterno: *'Como sucedeu na multiplicação dos pães e dos peixes, temos de reconhecer que Cristo continua, ainda hoje, exortando os seus discípulos a empenharem-se pessoalmente: «Dai-lhes vós de comer» (Mt 14, 16). Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Jesus, pão repartido para a vida do mundo'* (SC 88).

"O pão partido na Eucaristia tem de ser repartido no dia a dia, através de um empenho por um mundo mais justo e mais fraterno"

Celebrar a Eucaristia tem implicações sociais. Diz o Papa: *'A Igreja não pode nem deve ficar à margem da luta pela justiça. (...) Na perspectiva da responsabilidade social de todos os cristãos, os padres sinodais lembraram que o sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente; dirijo, pois, um apelo a todos os fiéis para que se tornem realmente obreiros de paz e justiça: «Com efeito, quem participa na Eucaristia deve empenhar-se na edificação da paz neste nosso mundo marcado por muitas violências e guerras, e, hoje de modo particular, pelo terrorismo, a corrupção económica e a exploração sexual»; (245) problemas, estes, que geram por sua vez outros fenómenos degradantes que causam viva preocupação'* (SC 89).

O número mais ousado da Exortação, no que diz respeito à opção pela justiça e pelos mais pobres, é o 90: *"Não podemos ficar inactivos perante certos processos de globalização, que não raro fazem crescer desmesuradamente a distância entre ricos e pobres a nível mundial. Devemos denunciar quem esbanja as riquezas da terra, provocando desigualdades que bradam ao céu (Tg 5, 4). Por exemplo, é impossível calar diante das «imagens impressionantes dos grandes campos de deslocados ou refugiados — em várias partes do mundo — amontoados em condições precárias para escapar a sorte pior,*

"Devemos denunciar quem delapida as riquezas da terra, provocando desigualdades que bradam ao céu"

mas carenciados de tudo. Porventura estes seres humanos não são nossos irmãos e irmãs? Os seus filhos não vieram ao mundo com os mesmos legítimos anseios de felicidade que os outros?'. O Senhor Jesus, pão de vida eterna, incita a tornarmo-nos atentos às situações de indigência em que ainda vive grande parte da humanidade: são situações cuja causa se fica a dever, frequentemente, a uma clara e preocupante responsabilidade dos homens. De facto, «com base em dados estatísticos disponíveis, pode-se afirmar que bastaria menos de metade das somas imensas globalmente destinadas a armamentos para tirar, de forma estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres. Isto interpela a consciência humana. Às populações que vivem sob o limiar da pobreza, mais por causa de situações que dependem das relações internacionais políticas, comerciais e culturais do que por circunstâncias incontroláveis, o nosso esforço comum verdadeiramente pode e deve oferecer-lhes nova esperança' (SC 90)'.

"pode-se afirmar que bastaria menos de metade das somas imensas globalmente destinadas a armamentos para tirar, de forma estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres."

A Encíclica **'Spe Salvi'** (30.11.2007) sobre a esperança cristã, diz que a mensagem do Evangelho não é só informativa, mas performativa. Ou seja: o Evangelho *'gera factos e muda a vida'* (SS,2). Sobre o progresso humano ('da funda à megabomba'), Bento XVI diz que 'ele oferece novas potencialidades para o bem, mas também abre possibilidades abissais para o mal' (SS, 22), pelo que a liberdade deve ser incessantemente conquistada para o bem (SS, 24). Não é a ciência que redime a pessoa humana. É o amor, pelo que a verdadeira esperança das pessoas só pode ser Deus. E o Amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro (SS, 26-28). 'O nosso agir não é indiferente diante de Deus' (SS, 35). A imagem do juízo final apela á responsabilidade (SS, 44). *'Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Continuamente entra na minha existência a vida dos outros: naquilo que penso, faço, digo e realizo'* (SS,48).
A Missão da Esperança mantém-se decisiva para a credibilidade da Igreja no seu empenho por um progresso justo e construtivo, assente no Amor.

"a verdadeira esperança das pessoas só pode ser Deus."

"Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho."

3. Doutrina social da Igreja (1891-...)

A Igreja Católica, através do Pontifício Conselho 'Justiça e Paz', publicou, em 2004, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Propõe um humanismo integral e solidário, num mundo onde 'tantos irmãos necessitados estão á espera de ajuda, tantos oprimidos esperam por justiça, tantos desempregados estão á espera de trabalho, tantos povos esperam por

respeito' (nº5). Com este documento, a Igreja 'quer propor a todos um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem social, económica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda a pessoa humana, a realizar-se na paz, na justiça e na solidariedade' (19). O desafio é o de assegurar uma globalização na solidariedade, uma globalização sem marginalização (363).

Sobre a cooperação internacional para o desenvolvimento, diz o documento: 'entre as causas que predominantemente concorrem para determinar o desenvolvimento e a pobreza, além da impossibilidade de ascender ao mercado internacional, devem ser enumerados o analfabetismo, a insegurança alimentar, a ausência de estruturas e serviços, a carência de medidas para garantir o saneamento básico, a falta de água potável, a corrupção, a precaridade das instituições e da própria vida política. Existe uma conexão entre a pobreza e a falta, em muitos países, da liberdade, de possibilidade de iniciativa económica, de administração estatal capaz de predispor um sistema adequado de educação e de informação' (447). A pobreza põe um dramático problema de justiça. Nem todos se sentam á mesma mesa (o mundo divide-se em duas partes: os que têm mais jantar do que barriga e os que têm mais barriga do que jantar). Sobre os media, eles devem ser utilizados como potentes instrumentos de solidariedade (560-562). Todo o capítulo XI é sobre a promoção da Paz. Fala do desarmamento, da cultura de paz, das minas, do terrorismo e termina com o contributo da Igreja para a Paz (488-520). A conclusão tem um título sugestivo: 'Por uma civilização do Amor'.

"A pobreza põe um dramático problema de justiça."

4. ICNE. Missão em Budapeste (2007)

Budapeste, cidade monumental, acolheu a 5ª sessão do Congresso Internacional para a Nova Evangelização (ICNE), de 15 a 23 de Setembro de 2007. Terminou, assim, um ciclo que juntou cinco cidades capitais da Europa (Viena – 2003; Paris – 2004; Lisboa – 2005; Bruxelas -2006; Budapeste – 2007) num Congresso sobre Missão na Europa.

Fé, Caridade, Martírio, Alegria, Esperança e Futuro foram os temas que marcaram as manhãs na Basílica de S. Estêvão, em Budapeste.

A Igreja abriu as portas e os cristãos saíram à rua. Antes de mais, entraram nos cartazes e out-doors das praças e das estações de Metro onde se podiam os símbolos do ICNE com um jovem a segurar numa seta apontada para o céu e uma palavra em caracteres de tamanho enorme: 'Nézz Fel!' (Olha para cima!). Também havia muitos outros cartazes a fazer

Fé, Caridade, Martírio, Alegria, Esperança e Futuro foram os temas que marcaram as manhãs na Basílica de S. Estêvão, em Budapeste.

publicidade dos concertos que teriam lugar no terraço da Estação ferroviária 'West End' onde está o maior Centro Comercial de Budapeste: 'Soul and Gospel'.
Mas a Missão saiu mesmo à rua. Víamos grupos de jovens e menos jovens que cantavam nas praças, que faziam mímicas e peças de teatro, que distribuíam textos bíblicos às pessoas, que convidavam a entrar na Igreja para rezar e cantar, que distribuíam flores e desdobráveis.

"Mas a Missão saiu mesmo à rua."

No dia dedicado ao Martírio, os congressistas foram até Esztergom, sede da Diocese.
O testemunho, em primeira pessoa, foi dado por três padres já idosos que sofreram muito por causa da sua fé, nos tempos repressivos da invasão soviética. O P. Placide Oloffson, beneditino de 91 anos, foi condenado em 1945 a 10 anos de trabalhos forçados no Gulag, onde, correndo o risco da sua vida, ajudou milhares de outros prisioneiros húngaros a manter viva a fé e a esperança. Depois regressou à Hungria indo trabalhar para uma fábrica de caixas, passando à lavandaria de um hospital. O P. Péter Nemeshegyi, jesuíta, 84 anos, recebeu uma mensagem codificada de Roma para que conseguissem mandar para lá da cortina de ferro todos os estudantes de Filosofia e Teologia. Este foi o trabalho arriscado que o P. Péter coordenou com relativo sucesso. Ele próprio saltaria para o ocidente, fez estudos em Roma e foi missionário 37 anos no Japão. Regressou recentemente à Hungria.
O P. Lajos Kerenyi, das escolas Pias, 81 anos, foi prisioneiro de guerra e foi trabalhar nas minas de carvão na Rússia. Resistiu e, de regresso à Hungria, trabalhou muito com jovens, na clandestinidade, e no apoio religioso nos hospitais.

5. Sibiu, a urgência do Ecumenismo

Sibiu, cidade Romena, acolheu a III Assembleia Ecuménica Europeia, de 4 a 9 de Setembro. 'A Luz de Cristo ilumina todos os Humanos. Esperança e renovação e unidade na Europa' foi o tema que congregou cerca de 2500 delegados provenientes de toda a Europa e representantes de algumas dezenas de Confissões Cristãs.

"'A Luz de Cristo ilumina todos os Humanos. Esperança e renovação e unidade na Europa' foi o tema que congregou cerca de 2500 delegados provenientes de toda a Europa e representantes de algumas dezenas de Confissões Cristãs."

Esta 'Peregrinação Ecuménica' (como lhe chama a Mensagem Final) começou com um Encontro em Roma (sede do Catolicismo), seguido de outro em Wittenberg (símbolo do Protestantismo) e teve a sua conclusão com esta Assembleia realizada em Sibiu, na Roménia, país de maioria absoluta Ortodoxa.
Este Encontro é a única assembleia regular de responsáveis de Igrejas da família católica-romana, ortodoxa, anglicana e protestante no mundo.

Durão Barroso, um dos intervenientes na Assembleia, felicitou a escolha de Sibiu, por ser 'um caso exemplar de integração, pela diversidade dos grupos étnicos, das culturas e das confissões que aqui coexistem'. O presidente da Câmara apresentou Sibiu como 'cidade de pluralismo cultural e religioso, um bom exemplo de uma coabitação sadia, pacífica e frutuosa de todas as religiões'. A acrescentou um dado estatístico: o centro histórico acolhe nove Igrejas que pertencem a cinco confissões diferentes.

"o centro histórico acolhe nove Igrejas que pertencem a cinco confissões diferentes."

A Escolha de Sibiu também se deve à 'obrigação' simbólica de se escolher uma cidade de maioria ortodoxa, depois da I Assembleia se ter realizado em Basileia (Suiça, 1989) e Graz (Áustria, 1997).

Para os delegados que tiveram que chegar a Sibiu a partir de Bucareste, a complicação foi a de enfrentar as mais de 6 horas de autocarro ou cinco e meia de comboio. Para testar os dois caminhos, fiz a ida por estrada e o regresso sobre carris.

A Abertura Oficial, a 5 de Setembro de 2007, realizou-se numa enorme tenda montada na Piata Maré. Saliento duas intervenções e duas mensagens. O Cardeal Erdo, de Budapeste, Presidente do Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE), fez um balanço do caminho percorrido, de Basileia a Graz, onde as questões da Ecologia e da Reconciliação foram reflectidas. Sobre o caminho ecuménico feito, disse: *'Nos últimos decénios, aprendemos a conhecer-nos, a respeitar-nos, a estimar-nos, a manifestar por uma colaboração concreta a comunhão que já existe entre nós, apesar de não ser completa, infelizmente. Dissipamos, em parte, os nossos medos'.* O objectivo desta Assembleia era aprofundar e viver o cristianismo, aprendendo a responder juntos aos desafios lançados pela modernidade e secularização. No fim da Assembleia, cabe aos delegados a missão de 'multiplicar' e ser 'mensagem viva' do 'espírito de Sibiu'.

"Nos últimos decénios, aprendemos a conhecer-nos, a respeitar-nos, a estimar-nos, a manifestar por uma colaboração concreta a comunhão que já existe entre nós, apesar de não ser completa, infelizmente. Dissipamos, em parte, os nossos medos'."

Jean-Arnold de Clermont, Presidente do Conselho Ecuménico das Igrejas (CEE), evocou a 'Carta Ecuménica', assinada em Estrasburgo em 2001, que escreveu os 'lugares indicadores da vida das Igrejas: unidade, espiritualidade, missão, justiça, diálogo inter-religioso. Estes indicam-nos o sentido do caminho. Sibiu devia trazer a coragem de conversarmos uns com os outros para encontrarmos juntos o caminho da conversão e para acolher o Espírito de Deus que conduz a uma vida nova.

"Sibiu devia trazer a coragem de conversarmos uns com os outros para encontrarmos juntos o caminho da conversão e para acolher o Espírito de Deus que conduz a uma vida nova."

O Papa Bento XVI, em visita pastoral à Áustria, dirigiu uma mensagem onde diz que o Ecumenismo tem de ser uma prioridade pastoral. Pediu um verdadeiro diálogo onde é preciso saber escutar. Apelou ao ecumenismo espiritual, ao diálogo de

"o Ecumenismo tem de ser uma prioridade pastoral."

verdade e ao encontro sob o signo da fraternidade. Concluiu que a Europa precisa de espaços de encontro e de experiências de unidade na Fé sob a orientação do mesmo Espírito.
Traian Basescu, Presidente da República da Roménia, considerou necessária a reflexão sobre o papel das Igrejas nas sociedades e afirmou a vocação da Roménia como espaço de diálogo e cooperação para o bem de toda a Europa, no ano em que este país passou a integrar a União Europeia.
A pluralidade das experiências cristãs na Europa ficou mais visível na exposição na 'Ágora', a 'praça ecuménica e nos 'Fora', momentos de partilha em primeira pessoa. Houve ainda espaços de apresentação de iniciativas ecuménicas. A delegação portuguesa, com representantes de várias Igrejas Cristãs, organizou um espaço de exposição na 'Ágora' sobre a 'Peregrinação da Esperança' que se estava a realizar em Portugal com a passagem do Círio e da Cruz Ecuménica Jovem por todo o país, a suscitar momentos de encontro, reflexão e oração pela Unidade. Houve ainda, na Faculdade de Teologia Ortodoxa, um encontro organizado pela delegação Portuguesa para partilhar o 'Ecumenismo Jovem' em Portugal.
A Mensagem Final, aprovada no último dia, apresenta dez recomendações, desde a urgência de iniciativas que ajudem a continuar a caminhada ecuménica, passando pela solidariedade com as Igrejas perseguidas, pelo apoio aos imigrantes, refugiados e vítimas de tráfico humano. É urgente trabalhar pela paz, pela concretização dos objectivos do milénio de combate á pobreza, pela justiça ecológica, perdão da dívida aos países pobres e pelo comércio justo. Finalmente, há um apelo ao desenvolvimento da 'Carta Ecuménica'.
Portugal tentou dar alguma continuidade a este evento com a realização do IX Fórum Ecuménico Jovem que transformou, por um dia, Viana do Castelo na 'capital portuguesa do Ecumenismo', a 27 de Outubro de 2007.

"Portugal tentou dar alguma continuidade a este evento com a realização do IX Fórum Ecuménico Jovem que transformou, por um dia, Viana do Castelo na 'capital portuguesa do Ecumenismo', a 27 de Outubro de 2007."

6. O Mundo em que vivemos (PNUD 2007)

A ONU habituou-nos, ano após ano, a relatórios arrasadores da consciência da humanidade.
A UNICEF diz que uma em cada duas crianças vive na pobreza; 640 milhões não têm habitação adequada; 500 milhões não têm acesso ao saneamento; 400 milhões não têm acesso á água potável; 300 milhões não têm acesso à informação; 270 milhões não têm acesso a cuidados de saúde; 140 milhões, na sua maioria raparigas, nunca foram á escola; 90 milhões de crianças sofrem de graves privações alimentares; 700 milhões de crianças sofrem, pelo menos, duas ou mais destas privações.

Números que falam alto e calam fundo sobre o estado do mundo em que vivemos, onde a pobreza, os conflitos, o tráfico e a sida são os maiores responsáveis pela situação em que vivem milhões de crianças hoje.

A FAO, organização das Nações Unidas para a agricultura e a alimentação, diz no seu Relatório que 852 milhões de pessoas são afectadas pela má nutrição. Há seis milhões de crianças que morrem de fome todos os anos. A África subsariana é a região do mundo mais afectada. Em contrapartida, as pessoas mais ricas são vítimas da obesidade, da diabetes e problemas cardiovasculares, doenças provocadas por alimentação em excesso. A FAO diz que é decisivo intervir nos meios rurais. O relatório sobre a Fome no Mundo salienta ainda que os esforços para acabar com a fome têm diminuído em vez de acelerarem.

"Há seis milhões de crianças que morrem de fome todos os anos."

Vejamos a crueldade de mais alguns números: mais de 2800 milhões de pessoas, perto de metade da população mundial, vivem com menos do equivalente a 2 dólares por dia; Mais de 1299 milhões de pessoas, ou seja, cerca de 20% da população mundial, vivem com menos do equivalente a 1 dólar por dia; 522 milhões de pessoas vivem com menos do equivalente a 1 dólar por dia, só na Ásia Meridional, região com o maior número de pobres.

"A pobreza afecta 46,3% na África subsariana; mais de 1000 milhões de pessoas não têm acesso a água potável; cerca de 840 milhões de pessoas passam fome ou enfrentam um problema de insegurança alimentar grave"

A pobreza afecta 46,3% na África subsariana; mais de 1000 milhões de pessoas não têm acesso a água potável; cerca de 840 milhões de pessoas passam fome ou enfrentam um problema de insegurança alimentar grave; cerca de 1/3 das crianças com menos de cinco anos sofrem de subnutrição; 80 mil milhões de dólares seriam suficientes para o acesso universal a serviços sociais básicos e transferências, para reduzir a pobreza, que representaria menos de 0,5 do rendimento mundial; Os 20% da população mundial que vivem nos países com rendimentos elevados têm acesso a 86% do produto interno bruto (PIB); Os 20% mais desfavorecidos vivem nos países mais pobres e têm acesso apenas a cerca de 1% do PIB; A riqueza dos três homens mais ricos do mundo juntos excede o produto nacional bruto (PNB) dos 48 países mais pobres do mundo no seu conjunto. Em 1998, por cada dólar que o mundo em desenvolvimento recebeu de subsídios gastou 13 no pagamento da sua dívida.

"A riqueza dos três homens mais ricos do mundo juntos excede o produto nacional bruto (PNB) dos 48 países mais pobres do mundo no seu conjunto."

Se considerássemos a pobreza para além dos aspectos económicos, teríamos também de falar da pobreza de educação de escola, mãe de tantas outras pobrezas (120 milhões de crianças ainda não vão à escola), da pobreza de alojamento, da pobreza de trabalho (não existe e quando existe é muitas vezes mal remunerado), da pobreza que impede o acesso ao médico e às medicinas.

Hoje, é-se pobre quando as oportunidades de escolha não estão ao alcance de todos; quando se vive na solidão, debaixo de falta de segurança, quando são negadas as condições de bem-estar, chamemos-lhe "pobreza humana" que é bem conhecida em países ricos.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicou o último Relatório de Desenvolvimento Humano 2007-2008, a 27 de Novembro. Este ano insiste mais nas alterações climáticas (o sub-titulo é 'Combater as alterações climáticas num mundo dividido'). São atribuídas grandes responsabilidades a quem, de forma exagerada, emite gases poluentes para a atmosfera. É dito, de forma clara, que a divisão entre ricos e pobres aumenta ainda mais com as mudanças de clima.

"a divisão entre ricos e pobres aumenta ainda mais com as mudanças de clima."

Olhando para o Índice do Desenvolvimento Humano, reparamos que, os 177 países do mundo estão divididos em três grupos: Os que têm alto desenvolvimento humano (do 1º ao 70º), os de médio desenvolvimento humano (do 71º ao 155º) e os de baixo desenvolvimento humano (de 156º a 177º). Ora, olhando ao espaço lusófono, reparamos que Portugal (29º) e Brasil (70º) estão no primeiro grupo, liderado pela Islândia. Cabo Verde (102º), S. Tomé e Príncipe (123º) e Timor-leste (150º) estão no segundo escalão. Angola (162º), Moçambique (172º) e Guiné-Bissau (175º) estão entre os últimos (pior que a Guiné, só o Burkina Fasso (176º) e a Serra Leoa (177º). Na análise que o site da Conferência Episcopal de Angola fez a este Relatório, ficou claro que a esperança de vida dos angolanos é de apenas 40 anos e, dos cerca de 16 milhões de habitantes, apenas 25,6 por cento frequentam a escola, representando a taxa de escolaridade mais baixa nos países de expressão portuguesa.

O desenvolvimento humano e a ecologia tornam-se, cada vez mais, espaço de missão.

"O desenvolvimento humano e a ecologia tornam-se, cada vez mais, espaço de missão."

7. Objectivos do Milénio, oito anos depois

A ONU convocou a Cimeira do Milénio, em 2000, para traçar um conjunto de objectivos para erradicar a pobreza no mundo. Todos os indicadores provam que o mundo não tem falta de riqueza. Falta, sim, justiça na sua distribuição. Os líderes de todos os países acabaram por adoptar, em nome da construção de um mundo mais pacífico, mais próspero e mais justo, a Declaração do Milénio, onde estão gravados os oito Objectivos que se devem traduzir em acções e resultados concretos.

"Todos os indicadores provam que o mundo não tem falta de riqueza. Falta, sim, justiça na sua distribuição."

Se um dia nos pegar o sono e formos tomar um café, corre-

mos o risco de encontrarmos um pacotinho de açúcar com um dos direitos da declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada pela ONU em 1948. Mas também nos pode acontecer (aconteceu-me há tempos), de recebermos um pacotinho de açúcar com um dos oito objectivos do Milénio. E, nessa altura, talvez já não nos apeteça tomar o café. Ou melhor, talvez tomemos dois para estarmos mais despertos para a realidade do mundo e mais fortes para nos empenharmos na solução dos problemas da humanidade. Vale a pena recordar estes Objectivos do Milénio: 1. Erradicar a pobreza e a fome; 2. Atingir o ensino primário universal; 3. Garantir a Igualdade entre géneros e a autonomia da mulher; 4. Reduzir a mortalidade infantil; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater o HIV/Sida, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental; 8. Realizar parcerias mundiais para o desenvolvimento.

Os dados disponíveis provam que a ideia de reduzir a pobreza a metade até 2015 é quase impossível de se concretizar. O que se tem feito é muito pouco, a nível dos Governos. Há, contudo, iniciativas alternativas, levadas a cabo por organismos não governamentais (por exemplo o programa 'Pobreza Zero') ou por pessoas ligadas ao mundo das artes (O' Live 8', coordenado por Bono e Bob Geldof, músicos irlandeses), ou ligadas ao mundo empresarial (Bill Gates está apoiar programas de investigação no combate à malária).

Para pegar em alguns exemplos concretos. Celebramos, a 1 de Dezembro, o Dia Mundial de Luta contra a Sida. A Organização Mundial de Saúde publicou estatísticas demolidoras: 40,3 milhões de portadores de HIV; 4,9 milhões de novos infectados; 3,1 milhões de mortos em 2005; pelo menos, uma em cada cinco mulheres grávidas está infectada com HIV na África subsariana. Os Bispos de África (SCEAM) publicaram em 2006 um documento onde tentam, em simultâneo, combater a sida e o afro-pessimismo, dizendo que *'os povos da África têm uma energia interior rica e valores nobres, e coragem e determinação para derrotarem a pandemia. É por esse motivo que apelamos a todos os povos de África para se lançarem num combate corajoso contra o HIV/Sida'.* Ora, há muito que investir por aqui.

"os povos da África têm uma energia interior rica e valores nobres, e coragem e determinação para derrotarem a pandemia. É por esse motivo que apelamos a todos os povos de África para se lançarem num combate corajoso contra o HIV/Sida'."

Quanto ao combate à pobreza, gostava de citar Bob Geldof que recebeu em Lisboa, em 2006, juntamente com a etíope Bogaletch Gebre, o Prémio Norte –Sul do Conselho da Europa, que se destina a notabilizar uma personalidade do hemisfério sul e outra do norte que se distingam pelo empenho na defesa da democracia pluralista, sensibilização de opinião pública para a solidariedade e interdependência

globais e reforço das relações Norte-Sul. Ele disse: *'a pobreza é sistémica. Mas nós podemos alterar os sistemas. (...) é preciso atacar as raízes e não apenas os sintomas (...). É inconcebível que em África um ser humano receba um dólar por dia, enquanto na Europa uma vaca tem direito a 2,5 dólares'.* O prémio Nobel da Paz 2006 foi atribuído ao 'pai do micro-crédito', o 'banqueiro dos pobres', Muhammad Yunus que, a partir do Bangladesh, lançou no Grameen Bank o micro-crédito para combater a pobreza pela produção da riqueza. O de 2007 faz-nos, com Al Gore, olhar para as questões ambientais, decisivas para o presente e o futuro da humanidade. Talvez tenha razão quem escreveu em grafitti, num muro de Lovaina: *'A terra que temos não nos pertence. Foi-nos emprestada pelos nossos filhos!'.*

"a pobreza é sistémica. Mas nós podemos alterar os sistemas. (...) é preciso atacar as raízes e não apenas os sintomas (...). É inconcebível que em África um ser humano receba um dólar por dia, enquanto na Europa uma vaca tem direito a 2,5 dólares'."

"A terra que temos não nos pertence. Foi-nos emprestada pelos nossos filhos!'."

8. Levantar-se contra a pobreza

O secretário-geral da ONU, Ban Ki Moon, disse que a fome é inaceitável num mundo de abundância, pois 854 milhões de pessoas sofrem de fome crónica. O Papa ligou a fome aos direitos humanos e pediu uma consciência de solidariedade que considere a alimentação como direito universal.

17 de Outubro de 2007 foi dia Internacional para a erradicação da Pobreza no mundo.

Em mais de 100 países, a campanha 'Pobreza Zero' propôs um manifesto contra a pobreza para entrar no Guiness Book. A ideia era de que o máximo de pessoas se juntassem, lessem o manifesto colocado na Internet e fizessem uma foto para provar que ali estiveram x pessoas. Em 2006, a mesma ideia tinha juntado 23,5 milhões de pessoas no mundo inteiro e 19 949 portugueses. Estes milhões de vozes recordaram aos líderes mundiais que a cada dia que passa 50 mil pessoas morrem de pobreza extrema e o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior. Era preciso bater este record. E em Portugal houve 65 753 pessoas a aderir a esta campanha original. Tudo para que os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio sejam cumpridos até 2015.

"Estes milhões de vozes recordaram aos líderes mundiais que a cada dia que passa 50 mil pessoas morrem de pobreza extrema e o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior."

Como partilhar o pão da Eucaristia obriga a partilhar o pão de cada dia, as questões de Justiça, Paz e Integridade da Criação tornam-se espaço privilegiado de Missão. E os Institutos de Vida Consagrada têm todas as hipóteses de entrar nesta onda, fazendo parte da Antena Portuguesa 'Fé e Justiça África-Europa' (AEFJN), agora liderada em Portugal pelo P. José Augusto Leitão, ex-Provincial dos Verbitas e Presidente dos Institutos Missionários Ad Gentes.

"as questões de Justiça, Paz e Integridade da Criação tornam-se espaço privilegiado de Missão.as questões de Justiça, Paz e Integridade da Criação tornam-se espaço privilegiado de Missão."

A II Cimeira União Europeia – África, realizada em Lisboa a

9 e 10 de Dezembro de 2007, trouxe a Lisboa Peter Piot, Director-executivo da ONU –Sida, responsável máximo das Nações Unidas pela luta contra este flagelo. Ele veio a Portugal para manter o combate à doença na agenda política mundial. Esta é uma meta principal para a ONU, uma vez que a Sida está ao nível das alterações climáticas, como um dos grandes problemas do nosso tempo. Mas, a lição que o cargo lhe deu é que *'a Sida é aquilo sobre que falam os líderes políticos quando sobra algum dinheiro ao fim do dia!'* (Expresso, 1.12.2007, p.14).

"'a Sida é aquilo sobre que falam os líderes políticos quando sobra algum dinheiro ao fim do dia!'"

O Pe. José Augusto Leitão, aponta os valores como os vencedores desta Cimeira. O diálogo, a defesa dos valores dos direitos humanos, da paz e da democracia, estes foram os aspectos fundamentais, constituindo uma vitória não de países mas de valores.

Os 'opinion makers' partilham desde entre o optimismo mais aberto ao pessimismo mais fúnebre, mas parece evidente que as feridas foram tocadas: há grandes jogos de interesses, a Europa é mais forte e impõe regras de jogo, mas a má governação, a violência e as constantes violações dos direitos humanos em África também devem ser enfrentadas e combatidas, para bem de todos e em nome da justiça.

Recordo ainda que, a propósito da Cimeira União Europeia-África, os bispos católicos europeus e africanos, reunidos no Gana, publicaram um documento a 18 de Novembro onde dizem que a escravatura continua, há que ver a questão dos tratamentos dados aos imigrantes, ao tráfico de mulheres e de crianças e ao trabalho infantil, à fuga de cérebros. Aos governantes é pedida boa governação, mais transparência, democracia, direitos humanos e luta contra a corrupção Pedem ainda os bispos aos governos mais esforço para a erradicação da pobreza, condição de cumprimento dos Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento. É de realçar o facto desta reunião do Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar (SCEAM) e do Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE) ter assinalado, no Gana, os 200 anos da abolição da escravatura.

9. Darfur, vergonha da humanidade

"O Darfur, no Sudão, transformou-se no símbolo da barbárie humana, numa guerra à porta fechada com a conivência da comunidade internacional."

O Darfur, no Sudão, transformou-se no símbolo da barbárie humana, numa guerra à porta fechada com a conivência da comunidade internacional. Segundo Ban Ki-Moon, Secretário-Geral da ONU, este conflito que é hoje descrito como *'um conflito étnico que opõe milícias árabes e rebeldes a agricultores negros'*, começou há duas décadas quando as chuvas no

sul do Sudão se tornaram raras, terminando a tradicional relação pacífica entre os pastores nómadas árabes e os agricultores sedentários. O conflito *'teve início com uma crise ecológica, provocada, em parte, por uma alteração climática'* (Visão, 21.06.2007, p.94).

A MissãoPress (Associação da Imprensa Missionária) decidiu fazer sua esta causa e amplificar o grito das vítimas das arbitrariedades dos senhores desta guerra que ali vai fazendo razia. Conseguiu ouvir o Eng. António Guterres (Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados) e o Dr. José Ribeiro e Castro (eurodeputado que visitou o Darfur). Mas, antes de tudo, publicou os depoimentos dos Padres Feliz e Vieira, combonianos na Região.

A 4 de Dezembro, na FNAC do Colombo, em Lisboa, a Plataforma pelo Darfur lançou o CD 'Frágil' que juntou 29 bandas e artistas pelo Darfur, *'uma palavra contra a indiferença, uma mostra de nojo pelo negócio da guerra '* como disse António Manuel Ribeiro, vocalista dos UHF. Foi exibido um documentário sobre o Darfur, emitido pelo canal Odisseia, que falou deste holocausto dos tempos que correm numa guerra á porta fechada a sete chaves pelo governo do Sudão. Ali se disse que *'as vítimas indirectas de uma guerra encontram-se sempre amontoadas e indefesas'*. O clip, que vemos de seguida, foi produzido pela 'Terra das Ideias' e junta a canção genérica do CD e da Campanha com imagens do programa emitido no canal Odisseia. O CD 'Frágil' sensibiliza para a tragédia humana e humanitária do Darfur e junta apoios para o funcionamento de Escolas na região, com a coordenação dos Combonianos que lá trabalham.

"'as vítimas indirectas de uma guerra encontram-se sempre amontoadas e indefesas'."

Salih Osman, advogado sudanês que tem dado apoio às vítimas da violência no Darfur, recebeu, em Estrasburgo, a 11 de Dezembro de 2007, o prémio Sakharov para os Direitos Humanos, atribuído pelo Parlamento Europeu. Ele disse que a situação no Darfur era ainda pior do que se escrevia e imaginava ser e lamentou o facto do Darfur não constar no topo da agenda da Cimeira Europa-África. São 5 milhões de pessoas afectadas por esta catástrofe humanitária. (Público, 7.12.07, P2, pp.1, 6 e7).

A MissãoPress e a Plataforma pelo Darfur fizeram tudo por tudo para que este drama humano e humanitário não ficasse de fora da agenda da Cimeira Europa-África, realizada em Lisboa a 8 e 9 de Dezembro. E houve um encontro que juntou o Presidente do Sudão, Durão Barroso, Javier Solana e José Sócrates.

.Por enquanto, não há resultados palpáveis, mas a Missão mantém-se de pé, até porque o povo do Darfur (e de muitos outros 'Darfurs' espalhados pelo globo!) continua perseguido e espezinhado.

10. ONU contra a Pena de Morte?

"pela primeira vez na sua história, a ONU aprovou uma resolução sobre uma moratória global ao uso da pena de morte."

Televisões, rádios, jornais, sites de Internet falaram do assunto: pela primeira vez na sua história, a ONU aprovou uma resolução sobre uma moratória global ao uso da pena de morte. 'É um momento histórico' – cantou a presidência portuguesa da União Europeia, na tarde daquela 5ª feira, 15 de Novembro. Mesmo assim, há que dizer que ninguém é obrigado a tomar a sério esta resolução e os números não enganam: só 99 Estados votaram a favor, 52 votaram contra (EUA, China, Paquistão, Sudão, Irão, Iraque...) e 33 abstiveram-se. O apelo a uma moratória na aplicação da pena de morte foi votado e aprovada na Assembleia-Geral da ONU, a 18 de Dezembro. A votação entre os 192 membros foi de 104 a favor, 54 contra e 29 abstenções. O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, saudou a resolução, qualificando-a de "um passo firme da comunidade internacional".

É bom que se saiba que os seis países mencionados são responsáveis por 90% das execuções! De qualquer forma, é bom que estes temas sejam debatidos.

A Santa Sé saudou esta decisão histórica da ONU que manifesta "a busca de uma justiça cada vez mais respeitadora dos direitos humanos e a recusa de qualquer solução violenta dos problemas da sociedade".

Os ministros da Justiça da União Europeia aprovaram a 7 de Dezembro, em Bruxelas, em reunião do Conselho, por unanimidade, a instituição do Dia Europeu contra a Pena de Morte, a celebrar a 10 de Outubro. Este dia será lembrado em toda a Europa como um dia que simboliza a defesa dos direitos humanos e a necessidade de uma justiça mais humana.

A pena de morte ataca aquilo a que gosto de chamar 'a vida no meio'. Muito se tem debatido sobre a questão da 'vida nas pontas', ou seja, no princípio e no fim, o aborto e a eutanásia. Mas, sobre os atentados à vida dos 'mais fortes', as reflexões e decisões não têm ido muito longe. Continuam e até parecem aumentar os assassinatos por banditismo, as mortes nas guerras e outras formas de extrema violência, os crimes passionais ou por vingança, os acidentes de estrada e de trabalho por irresponsabilidades,...enfim, a morte anda por aí à solta sem que haja gaiolas para a prender, nem cabeças bem pensantes para lhe fazer um cerco. Continuamos a matar em nome da fé, da segurança, da justiça, da legítima defesa... mas, para os cristãos e outras pessoas que se querem de 'boa vontade', a morte será sempre morte e o 5º mandamento diz para 'não matar'. Se defendemos a vida 'desde a concepção à morte natural', é mesmo melhor não abrir brechas na muralha. A

vida merece a radicalidade das nossas opções e compromissos. Mesmo que doa, mesmo que os governos de grandes países (como os supra-citados) continuem convencidos de que são senhores da morte e da vida e podem decidir por enviar à cadeira eléctrica ou outros instrumentos de morte alguns dos cidadãos do nosso mundo.

"A vida merece a radicalidade das nossas opções e compromissos."

É bom saber que, antes da discussão, a ONU tinha acabado de receber 5 milhões de assinaturas contra a pena de morte, uma campanha lançada pela Comunidade de S. Egídio.

Fiquei contente com Portugal e esta proposta. Talvez não vamos muito longe, mas é um símbolo de uma luta antiga e sempre nova, pela vida, pelo direito ao erro, pela oportunidade de reabilitação de quem falhou, pela convicção de que a conversão é dom de Deus para todos.

11. Voluntariado Missionário, a revolução silenciosa

Foi em Agosto de 1988 (há 20 anos apenas!) que um grupo de Jovens Sem Fronteiras partiu para Caió, no interior manjaco da Guiné-Bissau, para lançar os alicerces da Escola Ciclo de Tubebe. Nesse mesmo ano, em Outubro, os Leigos para o Desenvolvimento abriram a sua primeira comunidade em S. Tomé. Assim começou, de forma organizada, esta onda de voluntariado missionário em que os protagonistas são os leigos. Trata-se de uma lufada de ar fresco na Igreja, de uma revolução silenciosa que nos tira a nós, membros de Institutos de Vida Consagrada, o exclusivo do 'partir' em Missão. O gosto pela missão e pela partida para países longínquos continua a estar no horizonte de muitos dos jovens portugueses. Apesar das dificuldades em arranjar financiamentos, existem no nosso país 41 entidades que promovem este tipo de iniciativas, desde congregações a IPSS ou ONGD que se dedicam exclusivamente à dinamização de projectos no âmbito do voluntariado missionário e da ajuda ao desenvolvimento.

Em 2007, 263 voluntários partiram, na sua maioria para países lusófonos da CPLP, com destaque para Moçambique, que recebeu um total de 109 voluntários, 81 mulheres e 28 homens. As voluntárias representam, aliás, a maioria das pessoas no terreno. Apesar da ligeira descida de 77% para 73%, continuam a ser as mulheres quem mais parte em missão.

Angola é o segundo país com mais voluntários. Recebeu 59, dos quais 45 são mulheres e 14 são homens. No entanto, é de referir que 2 dos voluntários foram colocados nas Honduras e num enclave em Espanha, fora do território da CPLP. Os tempos de permanência no terreno são variados, sendo que a maioria dos voluntários parte para os chamados volun-

tariados de curta duração: missões de 1 a 2 meses (198), com a excepção de duas entidades que permaneceram 6 meses. Outra fatia dos voluntários optou por tempos de permanência maiores: períodos de um ano, renováveis (65).

Outro aspecto importante é o facto de muitos destes voluntários estarem a repetir a experiência. São 25% as pessoas que regressaram à Missão lá fora, o que prova o impacto do voluntariado missionário na vida dos que partem.

Embora se verifiquem algumas variações, é notório o investimento que, anualmente, tem sido feito com vista a concretizar inúmeros projectos, com tudo o que isso mobiliza em termos de recursos humanos, materiais e financeiros. São muitas as horas de formação para uma preparação que se quer cada vez mais exigente; são muitas as mangas que se arregaçam para angariar os fundos necessários; mas são, sobretudo, muitos os sonhos de quem sente no seu coração este apelo para a missão.

"são, sobretudo, muitos os sonhos de quem sente no seu coração este apelo para a missão."

O número de entidades envolvidas tem dado mostras de capacidade para a continuidade dos projectos e consolidação da identidade de cada uma.

12. A flor da amendoeira

Jeremias (1,11) falou dela como sinal de esperança no futuro, a partir de um presente muito sombrio. D. António Couto, missionário da Boa Nova e agora Bispo Auxiliar de Braga, quis pegar na esperança deste profeta para lema da sua vida episcopal. Disse, na Eucaristia da sua ordenação em Cucujães, a 23 de Setembro de 2007: *'Depois de lhe ter confiado aquela missão, aparentemente desgraçada, assente naqueles primeiros quatro verbos negativos ('arrancar, destruir, exterminar e demolir'...só os dois últimos são positivos: 'construir e plantar'), Deus ousa perguntar a Jeremias: 'O que vês, Jeremias? Ao que ele responde: 'Vejo um ramo de amendoeira'! E Deus manifesta a sua aprovação a este modo de ver de Jeremias, dizendo: 'Viste bem, Jeremias, viste bem! (Jer 1,12). 'Bem' diz-se em hebraico 'Tôb'. Mas 'tôb' significa também 'belo' e 'bom'. Jeremias vê, portanto, 'bem', 'belo' e 'bom'! '*

O novo Bispo biblista continua: *'A amendoeira é uma das poucas árvores que floresce em pleno Inverno. Ao responder 'vejo um ramo de amendoeira', Jeremias já ergueu os olhos da invernia e da tempestade e do lodo e da lama e da catástrofe que tinha pela frente, e já os fixou lá longe, ou aqui tão perto, na frágil-forte-vigilante flor da esperança que a amendoeira representa. É de presumir que, se Jeremias tivesse respondido: 'Vejo a tempestade, a ruína, a morte, a*

crise', que era o que tinha mesmo ali pela frente, em vez de 'viste bem, Jeremias, viste bem!', Deus tê-lo-ia reprovado, dizendo: 'Viste mal, Jeremias, viste mal! ".
Também a Vida Consagrada precisa de acreditar como Jeremias nesta capacidade de florir em pleno Inverno. O P. Adélio Torres Neiva, numa das suas parábolas, publicada em Novembro de 2007, na revista 'Vida Consagrada' e no jornal 'Acção Missionária', quis pegar neste texto de D. António Couto e concluiu: *'Não tenhamos dúvidas: nos Invernos do nosso tempo, lá está o profeta Jeremias com o ramo na mão a fazer-nos sinal e a apontar a nova primavera, que o Senhor nos fará descobrir e olhar. Não fosse Ele a levar-nos ao colo'.*

13. Angola, a Missão da Esperança e do Futuro

Acabo de visitar Angola para orientar o Retiro do Capítulo Provincial dos Espiritanos e ali fazer algumas intervenções sobre a Missão partilhada entre Espiritanos professos e leigos. Pude visitar algumas missões, de norte a sul do país, lá onde há projectos de desenvolvimento em curso. Preparei também, no planalto central, o projecto 'Ponte 2008' que levará a Angola 17 jovens sem fronteiras no mês de Agosto. Com tudo isto em agenda, este mês correu muito depressa.
Nas periferias de Luanda, nos Dembos, no Huambo, no Vale do Queve, no Chinguar, no Munhino, nas periferias do Lubango...presidi a Eucaristias muito vivas e muito participadas. Apesar da guerra que fez muitos estragos e da seca que assola o sul do país, a Eucaristia é fonte de esperança e espaço de cimentação dos valores humanos, fraternos e cristãos que ajudam a virar uma nova página na história tão sofrida de Angola. Uma página que também está a ser escrita pela Igreja católica, instituição com muita credibilidade por terras angolanas. Ainda domingo, na Paróquia do Prenda, em pleno musseque pobre, presidi a uma Eucaristia que tinha mais de mil pessoas, na sua maioria jovens. Na Missa houve um momento de acolhimento às pessoas que chegaram de novo ao bairro (chegam todas as semanas, vindas do interior á procura de oportunidades e muitas andam por ali á deriva...) e foi feita uma colecta para apoiar as situações de maior dificuldade. A Eucaristia, também no musseque, é espaço de fraternidade e partilha solidária.

"Apesar da guerra que fez muitos estragos e da seca que assola o sul do país, a Eucaristia é fonte de esperança e espaço de cimentação dos valores humanos, fraternos e cristãos"

14. Respostas cristãs à globalização

A Igreja foi gerando e gerindo um património de valores que são fundamentais para a humanidade. Habituada a remar con-

"A Igreja foi gerando e gerindo um património de valores que são fundamentais para a humanidade."

"A lista dos mártires está aí para o provar e comprovar."

tra ventos e marés, ela tem tido a coragem profética de testemunhar o Evangelho, mesmo que, para tal, seja preciso dar a vida. A lista dos mártires está aí para o provar e comprovar.
Estamos num tempo marcado por dinamismos mundiais e é importante que os valores cristãos sejam propostas para contrariar os efeitos perversos da globalização.
Num mundo secularizado, a Igreja tem de ter a coragem de anunciar o Evangelho numa perspectiva de primeira evangelização. Há a convicção de que o Evangelho faz falta à humanidade.
Num mundo de tirania cultural, há que defender os povos que vêem as suas culturas ameaçadas pelos grandes interesses económicos e políticos.
Num mundo marcado pela opressão económica das grandes multinacionais e grupos, é urgente investir na solidariedade com os mais pobres e excluídos.
Num mundo onde o que conta é a produção, há que investir na pessoa e nos seus valores de fundo.
Numa sociedade mediática em que só existe quem passa pelos meios de comunicação social, há que investir na promoção de uma verdadeira comunicação que estabeleça pontes entre povos e pessoas.
Num mundo tão marcado pela violência e pela guerra, há que dar tudo por tudo para que a paz vença e se aposte nos sempre difíceis caminhos da reconciliação.

Não acham que estes sete gritos, em forma de apelo, que o P. Adélio Torres Neiva nos lança têm uma plena actualidade para uma Vida Consagrada que quer fazer a ponte entre a Missa e a Missão?

15. A caminho do Congresso Missionário

A Igreja portuguesa prepara o Congresso Missionário Nacional que vai acontecer de 3 a 7 de Setembro, em Fátima, e pretende celebrar o 10º aniversário do Ano Missionário.
O lema é: **'Portugal, vive a Missão, rasga horizontes'**, com três partes. 1ª - Portugal – visão histórica, geográfica, sociológica e religiosa de Portugal. 2ª - Vive a Missão – apresentar a visão teológica da Missão hoje. 3ª- Rasga horizontes – lançar pistas de orientação e sugestões rumo a um Portugal mais comprometido com a Missão.
D. Manuel Quintas, Bispo do Algarve e Presidente da Comissão Episcopal das Missões, escreveu na revista Além-Mar de Outubro 2007 que *'seria um empobrecimento para a Igreja em Portugal, se fosse considerado como dirigido apenas aos*

institutos carismaticamente implicados na missão 'ad gentes'. É Portugal, no seu todo, que é convidado a viver a missão e a rasgar horizontes. (...) Mais á frente, partilhou com os leitores um sonho: ' gostaria que o lema deste Congresso – *Portugal, vive a Missão, rasga horizontes – constituísse um apelo e um 'envio' de toda a Igreja em Portugal, neste início de um novo milénio; um reacender, no coração dos cristãos, do entusiasmo das origens; um ressurgir do ardor da pregação apostólica iniciada na manhã de Pentecostes; uma maior convicção da urgência e necessidade da participação pessoal na missão da Igreja, através do testemunho e do compromisso quotidiano, vivido nas Igrejas locais'.*
Todos não seremos demais. Todos e em força para o Congresso!

"É Portugal, no seu todo, que é convidado a viver a missão e a rasgar horizontes."

CONCLUSÃO
Missão Hoje. Como (re)agir?

Num Mundo marcado pela violência e pela retaliação: optar pela Paz por qualquer preço (contra todas as guerras e violações dos direitos humanos).
Num Mundo marcado pelo individualismo: optar pela vida de comunidade e comunhão de bens. A partilha é uma palavra-chave.
Num Mundo marcado por algum racismo: optar pela vivência, desde a formação, em comunidades internacionais.
Num Mundo marcado por alguma xenofobia: optar pela defesa e compromisso em favor dos imigrantes, refugiados, deslocados, exilados.
Num Mundo marcado pelo lucro e pelo sucesso: optar pelos excluídos e pobres.
Num Mundo marcado pela construção de trincheiras entre o norte e o sul: optar por partir e/ou ajudar a partir rumo aos países mais desfavorecidos (voluntariado missionário).
Num Mundo marcado pelo laicismo e secularismo: optar por colocar Deus acima de tudo e testemunhar a Fé em Jesus Cristo.
Num Mundo marcado pela ganância do poder: optar por servir.
Num Mundo marcado por um norte rico que explora o sul pobre: optar por apoiar o desenvolvimento, através de projectos.
Num Mundo marcado por gozar a vida: optar por dar a vida pelos outros.

Termino com um poema do grande missionário capuchinho, no Santo António da Cuca (periferia de Luanda), em Timor ou na Baixa da Banheira, que é o P. Manuel Rito Dias, um poeta com a ousadia de 'semear no deserto':

"Mesmo quando Deus está longe / e o desalento está perto / deves acreditar.
Mesmo quando a estrada termina / e a dúvida começa / Deves esperar.
Mesmo quando as armas matam / e a indiferença se cala / deves falar.
Mesmo quando tudo vai bem e nada há a fazer /deves vigiar.
Mesmo quando tudo vai mal / e nada há a fazer /deves agir.
Mesmo quando todos mentem / e ninguém diz a verdade / deves dizer.
Mesmo quando as árvores morrem / e as esperanças também / deves renascer.
Mesmo quando o mar é um risco / e o destino é incerto / deves partir.
Mesmo quando a noite se alonga / e as sombras assustam / deves despertar.
Mesmo quando os rios secam / e as vidas são estéreis / deves semear".

Culto dos Espíritos no Sudoeste de Angola

- *Serafim Lourenço*

Achegas à problemática da aculturação

A conversão implica o encontro entre duas mentalidades ou modos de vida, inteira ou parcialmente opostos, donde resulta um choque psíquico ou conflito que fica atenuado ou até resolvido pela aceitação por uma das partes das ideias e directivas da outra. No nosso caso concreto, quando pomos em frente a mundividência inspirada pelo cristianismo e a tradicional dos Bantus, no Sudoeste de Angola podemos declarar francamente que a oposição entre ambas não é absoluta, irredutível, em todos os pontos. É este o tema da nossa reflexão.

A

1. MONOTEISMO BANTU

1.1. Crença Monoteista nos Bakongo

Há muito tempo que a etnologia séria chegou à conclusão de que entre os povos que constituem o grupo rácico bantu existe um verdadeiro monoteísmo. Em certas regiões no entanto não foi fácil aos observadores dos costumes e tradições desta gente fazerem tal constatação, porque as referências ao Ente Supremo ocupam como que o segundo lugar. Ainda nos nossos tempos, pelos anos sessenta do século passado em pequeno volume, publicado em Lisboa, Faustino Torres, pretendeu provar que a crença monoteísta, onde existe, era o resultado, da pregação dos missionários que não se embrenhavam na selva por motivos científicos.

"Há muito tempo que a etnologia séria chegou à conclusão de que entre os povos que constituem o grupo rácico bantu existe um verdadeiro monoteísmo."

O missionário espiritano Carlos Estermann, em artigo

publicado na revista *Portugal em África*, vol. XXV, 1968, e transcrito em 1983 no livro *Etnografia de Angola* (Sudoeste e Centro págs. 5 e 6) escreve, rebatendo tal afirmação: *«Não é bem assim! Já na primeira fase da missionação, os anunciadores da Boa Nova acabaram por saber que os seus missionados possuíam uma designação própria para um Ente que, sendo espiritual, era superior a todos os outros espíritos, invocando este ser e prestando-lhe culto. O missionário capuchinho Cavazzi, autor duma obra monumental editada em 1687, já mencionava a crença em um só Deus, entre os Bakongo, no norte de Angola. Escreve: «o principal sofisma destas infamíssimas doutrinas (respeitantes aos espíritos representados por estatuetas) é este: ainda que Deus, o qual chamam Nzambi Mpungu, exista por si mesmo e seja muito grande, há contudo muitos deuses inferiores, etc.».*

1.2. Crença Monoteista nos povos do Sudoeste de Angola

Os missionários espiritanos, com P. Carlos Duparquet em 1866 e o P. José Maria Antunes em 1881, foram os primeiros anunciadores da Boa Nova a estas gentes Bantus do Sul. Cientes de que para evangelização em profundidade, aculturada, se requer o conhecimento da língua, da religião e da tradição com usos e costumes, foram-nos pondo por escrito, em livros cujos autores principais são Estermann, *(Etnografia)* Mittelberger *(Poesia Pastoril dos Kuanhamas)*, Silva (Provérbios e Dicionário), Lang e Tastevin *(La Tribu des Vanhaneka)*.

Nestes livros de que vou respigar algumas passagens, encontra-se bem patente a crença monoteísta dum único Deus a quem recorrem e atribuem qualificativos só a Ele devidos que transcendem as faculdades humanas: a omnipotência, a omnipresença, a imutabilidade, imensa bondade, etc.

1.3. Referâncias a Deus entre Kwanhamas e Nhanekas

Estermann, reconhecendo embora que são raros, quase inexistentes, actos cultuais, dirigidos a Deus, cita algumas preces dos Kwanhamas

A das parteiras:

«Pthut! (cuspo ritual). Deus Haipolo, que o parto seja bem sucedido; a pequena lebre apareça, para vermos com o que Deus nos brindou». A canção dos ferreiros da mesma etnia quando todos os anos iam extrair e fundir metal em acampamentos erguidos ao pé das minas:

«O ferreiro na sua forja, fabrica os seus utensílios; tra-

balha ajudado por Deus; vou à floresta, onde estão as minas; quero, caminhar ajudado por Deus».

E ainda a súplica duma mãe donga a implorar protecção para o filho que empreende longa viagem:

«Ó meu Deus, protege o meu filho que é teu; que lhe suceda como os ovos da rola que são muito sacudidos (no ninho, batidos pelo vento) mas não caiem no chão».

Entre os Ovanhaneka – Muílas – e aparentados, Lang e Tastevin no livro que nos legaram, o monoteísmo transparece com a mesma 'clareza', empregando mais que um nome, atributos, e poderes só a Ele reservados. – Huku e Suku – Aquele que ultrapassa tudo e todos. **Hamanene**, o maior, **Omukulami,** o antigo, o mais velho, o primeiro chefe; **Kalunga**, o inteligente.

Perante perigo ou coisa extraordinária que lhes mete medo, interrogam-se: *«é para morrer ou para escapar?» Se escapam, exclamam do fundo do coração: «escapei, foi por Deus que escapei».*

Acreditam que Ele é criador. Que deve ser respeitado: «não se atiram armas contra Deus», «Contra Deus não se vira o porrinho». Não se blasfema. É cheio de misericórdia. É imutável. Sabe tudo. É todo-poderoso. Os chefes das aldeias são protegidos pelos chefes dos distritos; estes pelos reis. O rei por Deus. Muitas outras citações: se podiam aduzir como prova de que os Ovanhaneka e aparentados deste Sudoeste de Angola sempre acreditaram em Deus uno, supremo e acima de todos os outros espíritos bons ou maus.

"Acreditam que Ele é criador. Que deve ser respeitado: «não se atiram armas contra Deus»"

Em conclusão, Estermann deduz que os primeiros missionários ao entrarem em contacto com os povos bantus, não precisaram de cansar o cérebro, à procura de um termo que traduzisse *a* noção bíblica do Ente Supremo. A metanóia não precisou de ser total, mas apenas completada com dados da revelação.

2. CULTO DOS ESPÍRITOS

2.1. Ancestrolatria oposta ao Deus verdadeiro

Muito diferente se apresenta o caso, quando consideramos o segundo aspecto das crenças e práticas religiosas dos Bantus, aqueles que ocupam o primeiro plano no palco da sua vida, o culto dos espíritos dos antepassados ou ancestrolatria. O grande etnólogo americano Hercovitz formula esta constatação da seguinte maneira: *«0 culto ancestral é a base da religião dos africanos».* Sendo assim, é fácil deduzir deste facto básico as conclusões que seguem: a crença na sobrevivência dos antepassados e da sua interferência na vida dos

"«0 culto ancestral é a base da religião dos africanos»."

seus descendentes e familiares encontra-se fortemente enraizada no espírito dos Bantus. Como esta interferência pode ser favorável ou desfavorável, torna-se necessário aos vivos manterem relações amistosas com estes entes.

VIOLA O PRIMEIRO MANDAMENTO DA LEI MOISAICA

Não é preciso ser teólogo para compreender que tal atitude religiosa é diametralmente oposta ao culto do Deus verdadeiro que é exclusivo. Está escrito na lei de Moisés: «Adorarás o Senhor teu Deus e a Ele só servirás». Daqui resulta, logicamente, para o anunciador do Evangelho ter de se mostrar intransigente para com as pessoas evangelizadas. Tem de haver metanóia completa ou conversão: voltar as costas às criaturas que são os tais deuses inferiores de Cavazzi e voltar a face para o Criador. O culto dos espíritos opõe-se ao culto de Deus e impede que se dê cumprimento ao primeiro e máximo dos mandamentos.

"O culto dos espíritos opõe-se ao culto de Deus e impede que se dê cumprimento a o primeiro e máximo dos mandamentos."

2.2. Estatuetas, (Ídolos dos Bakongo), desconhecidas no Sudoeste de Angola

Estermann no entanto, ao falar dos espíritos no Sudoeste de Angola acha que foi fatalidade, no culto dos Bakongo, terem encontrado divindades representadas plasticamente por estatuetas de madeira **nkisi, munkisi,** que o P.Van Wing define por «estatueta, feitiço, objecto artificial, considerado habitado ou influenciado por um espirito», o que justifica de um certo modo a nomenclatura de idolatria, derivando dali os termos de feitiço, feitiçaria que tem dado azo a grandes confusões. Confessa que ele (Estermann) nunca empregou vocábulos tão polivalentes nos três volumes de -Etnografia do Sudoeste de Angola e põe a seguinte hipótese: qual teria sido a terminologia empregada, se os primeiros evangelizadores e colonos tivessem entrado em contacto com os povos nos quais a exteriorização material do culto se limita, além de um determinado ritual, a alguns poucos amuletos, chifres de bambi, dentes de javali e coisas semelhantes. É este o caso entre as populações, meio pastoris, meio agrícolas do Sudoeste que também são bantus. Com certeza teríamos tido maior clareza na nomenclatura e sofrido de menos perplexidade (Estermann, Revista Portugal em África, vol. XXV, 1968).

2.3. Divisão dos Espíritos dos antepassados

Para Carlos Estermann, o grande critério divisório é

este: espíritos bons ou- indiferentes e espíritos essencialmente maus. Os primeiros são almas desencarnadas a quem em vida não se assacava o labéu de lançadores de sortilégios ou comedores de almas e os segundos os que tinham essa reputação.

Estes espíritos bons ou indiferentes classificam-se consoante a posição social que ocupavam em vida. As almas dos sobas falecidos ou indivíduos de nobreza é claro que merecem maior veneração que as dos simples mortais. Esta distinção encerra ainda outra característica. É raro que se invoquem antepassados que vão além da quarta geração, tanto na linha recta como na colateral, quando se trata do comum dos mortais; enquanto que o culto ancestral dos régulos e nobres abrange uma série de parentes muito maior.

"Estes espíritos bons ou indiferentes classificam-se consoante a posição social que ocupavam em vida."

Em certas cerimónias, são os antepassados invocados impessoalmente, por exemplo, na oferta do pirão novo e na oração do mestre ferreiro entre os kuanhamas. (Estermann, Etnografia de Angola, Sudoeste, e Centro pág 8)

Lang e Tastevin, ao primeiros a escrever sobre estes espíritos, falam de manes ordinários, manes dos reis, espíritos possuidores ou possuídos e espíritos maus.

Os manes ordinários são as almas imortais e invisíveis dos mortos que continuam na terra a viver, por vezes nas árvores de preferência na proximidade das sepulturas, aspirando por entrar no corpo das vacas que lhes são consagradas, mesmo no de certas pessoas. De vez em quando ocasionam doenças ou desgraças na família para suscitar nelas sentimentos de veneração e levá-las a oferecer-lhes um sacrifício.

É a estas almas dos antepassados que imploram, fazem promessas e sacrifícios.

"É a estas almas dos antepassados que imploram, fazem promessas e sacrifícios."

Os manes dos reis são almas dos reis ou sobas. Omalulu que dirigem o país pelos sucessores, os reis vivos. São o paládio da residência real e a protecção de todo o povo. A elas dirigem os sacrifícios e as preces públicas da tribo. Pedem-lhe, em particular, a chuva. Residem de preferência no boi sagrado «Onawanga». É em sua honra que fazem a grande festa anual de Ondjelwa.

Os Vanhaneka pretendem que se manifestam um pouco por toda a parte: nos rochedos das montanhas, no mugir das vacas sagradas, no canto dos pastores, a predizer um feliz acontecimento. Mas se laçam grito de alarme, é sinal de que grave perigo está iminente. Durante os sacrifícios públicos, abanam os ramos das árvores, a mostrar contentamento.

Os espíritos possuidores ou possuídos.

São espíritos que passam pelo corpo das criaturas humanas, chamados Onondele, almas de antigos caçadores, médi-

cos, mágicos, dançarinos que vêm ajudar os seus descendentes e comunicar-lhes a ciência que tinham adquirido em vida.

As três categorias de espíritos acima referenciadas também são designadas por «Ovohuku» – os superiores – e por «Ovatunda Kalunga» – os mensageiros de Kalunga ou aqueles que partiram para Kalunga (Deus).

Há ainda os espíritos maus, almas dos homens que foram cruéis, feiticeiros, comedores de almas. Continuam a prejudicar e a destruir famílias inteiras. São chamados «Ovilulu, espíritos aéreos e errantes.

3. POSSESSÃO ESPÍRITA

É uma outra maneira de prestar culto aos antepassados, consentindo em servir de habitáculo a um ente do outro mundo. Pelo facto mesmo, o possuído aceita o apagamento da própria personalidade para pôr à disposição temporária do ente possessor os sentidos e as faculdades. Temporariamente, porque a possessão de que estamos a falar não suprime o curso normal da vida; suspende-o apenas. Já em vida, quando unida a um corpo, praticava essa mesma profissão.

Estermann explica, dando casos concretos:

Havia dois ofícios, exercidos por mulheres, cabeleireira e oleira; dois praticados por homens: caçador de feras e mestre ferreiro; e ainda, o mais importante de todos -podendo ser desempenhado por homens e mulheres, o de adivinho-curandeiro, o de kimbanda.

Estes ofícios ou artes, já em vida, unida a um corpo, eram exercidos, em virtude de um espírito possessor que depois vai entrar nos que praticam essa mesma profissão.

4. A ADVINHAÇÃO.

"É uma outra actividade atribuída ao auxílio dos mesmos seres supraterrestres."

É uma outra actividade atribuída ao auxílio dos mesmos seres supraterrestres. Para a poder exercer, não se exclui a possessão, mas não é tão exigida, como a arte de curar. As duas profissões, no entanto, encontram-se quase sempre irmanadas no mesmo indivíduo.

Referindo-se na generalidade aos adivinhos das etnias do Sudoeste de Angola, usam uma meia dúzia de métodos para descobrir coisas ocultas. As mulheres kuanhamas praticam a quiromancia, em que tornam os sinais mais aparentes, por meio de uma leve camada de cinza com que esfregam a mão. A direcção, a largura, a profundidade das linhas indicam o sexo, a idade, o parentesco do agente extranatural causador de uma doença: A mesma simplicidade são os

restantes modos em uso, em contraste com a intrincada arte do manejo do cesto divinatório dos Kiokos. Nas tribos dos grupos nhaneka-humbe e herero recorrem à aruspicação, isto é: consultar as entranhas dum animal. Carlos Estermann relata uma adivinhação nos Chimbas que se referia a ele próprio. O intestino grosso muito cheio é sinal de riqueza. Uma tripa ligeiramente inclinada revelava que a viagem de regresso ia recorrer em boas condições (isto para o padre Estermann). Três manchas sanguinolentas indicavam que brevemente ia dar-se uma morte na vizinhança e as entranhas manifestavam que as almas dos defuntos sepultados a pouca distância do curral estavam satisfeitas com a visita do padre.

Ele que assistiu a muitas outras adivinhações no Sudoeste de Angola conclui que em geral os resultados das adivinhações concernem a acontecimentos ou situações do passado ou do presente. É raro predizerem coisas futuras. Significa isto que os espíritos do Sudoeste não se distinguem por dotes proféticos. Deve ser esta a razão profunda por que naquela região os movimentos messiânicos ou proféticos que surgiram em várias partes de Angola não têm granjeado simpatias e a semente lançada à terra por Simão Toko nos arredores do Jau nem sequer chegou a germinar (C. Estermann, Etnografia de Angola. Sudoeste e Centro, págs 15 e 16). Simão Toko, fundador do tocoismo (movimento religioso pró-independentista, proibido pelo governo colonial), esteve no Jau com residência fixa.

5. INICIAÇÃO ESPÍRITA

O que há de comum em todas estas actividades especializadas é a iniciação espírita. Esta começa pela detecção do espírito possessor por um adivinho. São revelados o nome e o grau de parentesco do antepassado. Segue-se, depois de algum tempo, a cerimónia de iniciação propriamente dita (okutumbikwa) que comporta sempre, como a parte obrigatória, a imolação de uma rês ao espírito familiar e a absorção pelo candidato de uma porção do sangue da vítima. Neste momento se, de facto, comprazer ao ente sobrenatural escolher o designado para instrumento da sua arte, deve entrar em transe (okutuntukwa). Caso este fenómeno não se dê, é sinal que o candidato proposto não agradou ou que houve uma falta grave no decorrer do ritual, o qual, seja dito de passagem, dura alguns dias. Tendo as coisas decorrido desta forma defeituosa, é mister repetir todo o cerimonial mais tarde, a não ser que se prefira desistir simplesmente.

"O que há de comum em todas estas actividades especializadas é a iniciação espírita."

"À iniciação espiritual segue-se a aprendizagem profana, mais dificultosa e prolongada quando se trata da arte da cura."

"o ponto culminante na cerimónia de iniciação espírita ou mesmo numa simples cura da mesma natureza é o tal entrar em transe."

À iniciação espiritual segue-se a aprendizagem profana, mais dificultosa e prolongada quando se trata da arte da cura. O kimbanda-mestre dedicará tempo a ensinar o emprego de plantas medicinais ao seu discípulo e com ele fará ensaios práticos; no tratamento de algumas doenças dos clientes. O que importa salientar nesta dupla iniciação é a convicção de que mesmo a parte profana do saber médico dos kimbandas é considerada dever-se de algum modo, à assistência benévola do espírito protector.

Como vimos, o ponto culminante na cerimónia de iniciação espírita ou mesmo numa simples cura da mesma natureza é o tal entrar em transe. O momento em que se dá provoca sempre manifestações de esfuziante alegria, entrecortada por gritos de: weya, weya (o tal espírito apareceu!). Por isso, vale a pena determo-nos um pouco no exame deste fenómeno. Mas antes de dar mais um passo em frente, é bom saber como os mestres definem este estado psíquico anormal.

5.2 Estado psíquico do possuído em transe

A Enciclopédia Portuguesa-Brasileira (Vol. 32 pág. 498) considera este fenómeno: estado mediúnico em que o indivíduo, conservando ou não consciência exacta da sua personalidade normal fala... expressando frases e conceitos independentes da sua vontade. Em todos estes actos os indivíduos em transe pretendem operar como dirigidos por personalidades distintas da sua, a cuja influência se submetem ou são submetidos.

Este estado nos Bantus manifesta-se mais ou menos pelos seguintes sinais: esbugalhar dos olhos, respiração ofegante, choros e soluços convulsivos, tremuras e movimentos espasmódicos em todo o corpo ou em certas partes, a perda progressiva dos sentidos, desmaios, etc. Augusto Bastos que foi testemunha ocular dos fenómenos, no princípio do século XX, em Benguela e arredores escreve: *"o espiritismo é sempre cultivado por meio do magnetismo das pessoas, o que conseguem com batuques, danças, cantos e chocalhos feitos de cabaças pequenas; os batuques são tocados por detrás do indivíduo que se quer magnetizar; os dançarinos e cantores ficam à frente dele e os chocalhos são agitados por sobre a cabeça. Todos estes elementos são colocados à distância, de forma que actuem sobre a esfera nervosa do indivíduo... Os pretos não atribuem o magnetismo às verdadeiras causas, mas à incarnação dos espíritos no cérebro do indivíduo".* (Traços Gerais sobre a etnografia do distrito de Benguela 2ª edição Famalicão, 1911 pág 124 e seg.).

5.3 Casos concretos da possessão espírita

Qual será agora a impressão subjectiva do acto de possessão espiritual? Noutras palavras, como é que os indivíduos submetidos a tal influência, que acabaram por aceitar livremente, explicam o estado psíquico, experimentado durante o transe?

Estermann transcreve o depoimento espontâneo de duas mulheres. A primeira possessa é de origem ganguela, a segunda descendente de humbes. A ganguela é uma antiga kimbanda e prestou as suas declarações, depois de se ter convertido e entregadas as insígnias e instrumentos da arte. A humbe, quando instada, depois de quatro frustrações da maternidade, pela mãe e outros parentes, resolveu finalmente submeter-se à terapêutica espiritual.

Ouçamos a primeira: *«um adivinhador sentenciou que a minha doença na garganta vinha por causa de dois espíritos familiares: os dos meus avós paternos. Por isso fui submetida a uma cerimónia de iniciação (okutumbikwa), porque só assim podia obter a cura do mal. Durante a "festa", eu fiquei sentada numa esteira, no pátio do* **eumbo** *(casa) da mestra iniciadora. Uma numerosa assistência dançava e cantava à minha volta ao som do batuque e de ongwaya (o tal chocalho). Passando algum tempo, entro em transe (okutuntukwa); não posso mais proferir uma palavra, embora compreenda o que se diz em volta de mim. Sinto-me como sufocada e os meus olhos pareciam lançar fogo».*

A mulher humbe fez tratamento com dois "doutores", sendo o primeiro da tribo do Kipungu e o segundo uma kimbanda afamada dos arredores do Lubango, sua próxima parente. Uma futura visita da alma da bisavó materna foi anunciada à cliente pelo primeiro praticante. Eis as suas declarações do sucedido durante o cerimonial: *«Verto lágrimas abundantes. Pouco a pouco perco os sentidos da vista, do ouvido e do tacto. O do gosto ficou alterado, porque quando bebi o sangue do boi imolado em honra do espírito pareceu-me uma coisa completamente insípida».* (Estermann, Etnografia de Angola, - Sudoeste e Centro pág. 12).

6. ACTOS CULTUAIS COMUNS

Quais são agora os actos cultuais prestados aos antepassados? Podemos distinguir, em toda a parte, oferendas e oblações, de um lado, e sacrifícios sangrentos do outro. Há oferendas de vários géneros entre Ambós e Nhanekas-

Humbes. São ofertadas sacrificialmente às almas: as primícias do pirão feito com mantimento novo, de legumes, no Kuanhama, também uma variedade de frutos espontâneos e de cerveja.

Entre os Hereros, estes ritos reduzem-se a um gesto muito simples e, segundo a nossa mentalidade, um pouco esquisito que consiste em o dono da cerca da casa farejar o leite trazido do curral, antes de ser consumido. Os oficiantes destes pequenos ritos são geralmente os donos da casa ou do **eumbo**.

SACRIFÍCIOS SANGRENTOS

"a matéria sacrificial é bastante uniforme em toda a parte: galo, cabrito, ovelha, boi."

Num cerimonial muito mais complicado são os sacrifícios sangrentos. Porém, a matéria sacrificial é bastante uniforme em toda a parte: galo, cabrito, ovelha, boi. Esta ordem na enumeração representa a dignidade e muitas vezes o grau de riqueza daquele que oferece o sacrifício. A finalidade imediata destes actos cultuais é, segundo a explicação dada pelos nossos Bantus, obter a cura de um doente pela aplacação do espirito que o atormenta. No entanto o ritual do sacrifício inclui quase sempre a oferta directa ao ente supraterrestre de partes escolhidas da carne das vítimas. Entre tribos do grupo herero, matam frequentes vezes carneiros ou bois, sem esperar que a doença a isso os obrigue unicamente para prestarem homenagem aos espíritos tutelares e dar-lhes graças pelos benefícios obtidos.

Entre os Ambós, o sacrificador é quase sempre um oficiante qualificado, um Kimbanda, o qual não é necessariamente o mesmo que detectou a presença do espirito por meio de adivinhação.

Nas outras etnias é ainda o dono da casa ou representante mais antigo do clã familiar que desempenha este papel. Para tal função, .recebera antes consagração especial. O lugar onde se desenrolam estes ritos não é qualquer sítio, do **eumbo**, mas do fogo sagrado, que os primeiros autores a descrever a vida destes povos traduziram e muito bem por altar familiar. *(Estermann, Etnografia de Angola Sudoeste e Centro)*

7. BREVES CONSIDERAÇÕES LINGUÍSTICAS

É Anderson, autor duma Obra sobre os movimentos messiânicos entre os Bakongo, que ao facto de entrar em transe chama okutuntuka, que significa tremer.

No kimbundu, Cadornega chama-lhe xingila. Escreve: «consultam com os seus senhores defuntos e cadáveres, a que

lhe dão suas soluções ou Satanás por eles metendo-se aquele espírito mau em um daqueles Jagas a que chamam Xinguiles que tem o mesmo nome daquele seu senhor defunto e seguem seus ditames e soluções como se fosse o seu senhor que presente estivesse». *(Historia Geral das Guerras Angolanas, terceiro volume pág 224).*

A. Bastos já citado chama a este estado magnético okusinguira. No umbumdu encontra-se a raiz verbal: Okutuntuka, sob a forma de okutunuha.

No nhaneka-nkumbi, emprega-se o verbo okutunthuka, no passivo.

Kimbanda (otchimbanda) e umbanda, que é a forma abstracta já meio aportuguesada, há certa discrepância no modo de emprego: para uns é mágico, exorcista, necromante, bruxo. Para outros, curandeiro, médico, ciência médica, malefício, feitiço e ainda para certos: arte de curar, cerimónias dedicadas aos espíritos.

São todos termos que se referem ao culto dos espíritos, na fase de entrar em transe.

8. CULTO DE ESPÍRITOS ESTRANHOS NO SUDOESTE DE ANGOLA

Haverá uns 60 anos, segundo refere Carlos Estermann, que entre os Bantus do Sudoeste de Angola se introduziu um culto nada ortodoxo prestado a espíritos não familiares, nem ancestrais, oriundos até de fora da tribo. Os primeiros a fazerem a aparição, pelos lados de Kipungu e Kilenge foram os espíritos do Nano, almas desencantadas, pertencentes aos Bundos. Os do Nano foram chamados omamilamila ou omatchikuma.

OMAMILAMILA, ESPÍRITOS DANÇARINOS

É muito característica a dança iniciadora. Consiste em passos coreográficos, energicamente ritmados, ao ponto de fazerem estremecer o chão. Por isso foram também apelidados de espíritos de dança ou 'dançarinos. Note-se de passagem que a dança espírita dos tocoístas foi comparada com a destes espíritos, pelo menos na região de Kalukembe

"É muito característica a dança iniciadora. Consiste em passos coreográficos, energicamente ritmados, ao ponto de fazerem estremecer o chão."

ESPÍRITOS DOS BOCHIMANES

Há bastantes anos apareceu, e desta vez entre os muílas (da etnia d Huíla) outra classe de espíritos e que eram – quem o podia adivinhar? – almas desencarnadas de Bochimanes! Quer dizer, os n ossos bantus, possuidores de gado e,

por isso, bastante altivos, passaram a servir de habitáculo a almas de indivíduos pelos quais, em circunstâncias normais, mantinham o máximo desprezo.

"Nos últimos anos tem-se assistido a uma verdadeira proliferação de espíritos estranhos."

Nos últimos anos tem-se assistido a uma verdadeira proliferação de espíritos estranhos. Não vale a pena enumerá-los todos. Basta referir o caso recente. Uma catecúmena muíla, ao ser interrogada, declarou que tinha sete espíritos, dos quais quatro não se manifestam nitidamente. Dos outros três ela encontrava-se ainda possessa, no momento do interrogatório. Um deles era alma desencarnada de um homem mascarado kioko (mukixi).

Não é possível explicar aqui o que este género de possessão encerra de insólito, de anormal. A etnia dos muílas está sob todos os aspectos muito diferenciada da dos kiocos, a começar pela situação geográfica. A maior anomalia consiste em uma mulher servir de habitáculo a um espírito masculino que se encontra numa fase de vida intimamente relacionada com a circuncisão!

Mas este não é o único caso de que se pode inferir que no mundo dos espíritos não só se suportam situações antagónicas, mas até se tornam amistosas.

O tal mascarado só na segunda sessão iniciadora se dignou mascarar-se, declinando a sua identidade e expressando os seus desejos. É sumamente interessante a maneira como a mulher explicou as impressões sentidas durante o transe: «não podes fazer uma ideia, disse ela textualmente, parece que apanhaste um ataque». Este último substantivo nas palavras e gestos. Concluindo esta pequena dissertação sobre espíritos estranhos, pode ser de interesse saber que fenómeno semelhante se deu também entre os kiokos da Lunda, onde Baumann o observou em 1935. Já antes Junod, pai e filhos tinham dado notícias de uma verdadeira epidemia de possessão por espíritos estranhos entre os Bantus do Sul de Moçambique.

9. MAGIA.

Logo de início, deparamos com a dificuldade de falta de nitidez em separar espiritismo e magia. Em muitos casos, os dois conceitos e consequentes práticas sobrepõem-se e entrelaçam-se. Com efeito os nossos Bantus crêem que a magia se pratica muitas vezes por intermédio de um espírito mau, de um tchilulu, considerado a alma desencarnada de enfeitiçador ou possuidor de poderes mágicos. Neste caso tratar-se-ia de um culto de espíritos que se poderia chamar degenerado.

A segunda dificuldade provém da dificuldade de ter-

minologia. Estermann, tendo em conta o significado que as diversas etnias dão ao termo onganga, portador do tchilulu, está convencido de que este fenómeno existe mais, para não dizer unicamente, na crença profunda e inabalável desta gente e tem portanto, uma existência mais imaginária do que real.

Com efeito, se nalgumas etnias, como nas dos grupos nhaneka-humbe e herero o terno nativo onganga é feiticeiro, que deita sortes, homem temível e temido, com o poder de "comer a vida" (Dic. Bonnefoux). Já o P. Albino Alves, no seu dicionário umbundo traduz este vocábulo por feiticeiro, pessoa com o espírito às ordens, exorcista, curandeiro, sacerdote, desfazedor de feitiço, envenenador.

Destes significados; alguns como: pessoa que tem o espírito às ordens, exorcista, curandeiro e sacerdote, entram na classe dos kimbandas. Ficariam para este nosso parágrafo o significado de feiticeiro "comedor de vida" ou envenenador. O mesmo equívoco existe em kimbundu e kikongu. Os antigos missionários capuchinhos traduziram o termo por sacerdote: nganga ya nzambi ou nganga yo missa Le Guenec, missionário espiritano em terras bundas lutou para que se usasse o vocábulo onganga ya suku (sacerdote de Deus).

Estermann, que é "Mestre" acha que deve prevalecer o termo onganga, porque o substantivo owanga significa em quase todas as línguas poder mágico nocivo que serve para causar doenças e mortes entre os homens, raras vezes entre animais domésticos.

9.2 Owanga e Veneno

Os próprios Bantus não têm noção exacta desta força misteriosa. O que conta para eles são os efeitos desastrosos e a detenção dos portadores de owanga que têm na conta dos piores malfeitores.

Todos opinam que o poder para agir sobre uma vítima escolhida tem de estar vinculado a um pouco de comida ou bebida. Daí provém, o erro de querer identificar a owanga com veneno. A este respeito declara Estermann que todos os casos de autópsia por ele conhecidos não tinham nada a ver com envenenamento. C. M. N. White que investigou a este respeito com muita perspicácia, entre as tribos ex Rodésia do Norte chegou à mesma conclusão. Afirma ele textualmente. "ascertaind poison is not wanga". *(in witcheraft, divination and Magic Among the Balovale Tribes Africa Londres, 1948).*

Acontece porém os próprios bantus traduzirem o termo pela maneira ora censurada. Querem, falando em veneno, fazer compreender mais facilmente uma causa de

morte misteriosa; ou então sabendo que o **corpus delicti** de feitiçaria não é admitida na justiça, dão à coisa rótulo de veneno para poderem introduzir o pleito no tribunal. Outras vezes tratando-se de indivíduos mais civilizados envergonham-se de passar por atrasados, acreditando ou parecendo ainda acreditar em feitiços.

Qual é agora o modo de aquisição deste poder? Uns pretendem que é hereditário. Outros que se adquire.

"Qual é agora o modo de aquisição deste poder? Uns pretendem que é hereditário. Outros que se adquire."

Os ambós admitem que se transmite de mestre para aprendiz por meio de comida ou de bebida, solicitando este último, é claro, a administração da droga.

Para outras etnias, a aquisição é da linha das práticas espíritas: O desejo de -receber tal poder, manifesta-o a um mestre, dizendo simplesmente: Quero receber. Este sem que seja necessário acrescentar complemento, percebe logo do que se trata e faz ao candidato a pergunta: Tens feijão frade?

À qual este responde afirmativamente. Diz então o mestre: Bem, eu empresto-te agora o meu Tchilulu (Espírito mau) para ires comer um destes feijões. Em linguagem não velada, feijão significa aqui: Próximo parente, comer, matar por meio de owanga. E feito isto, o espírito do falecido parente transforma-se em Tchilulu e fica ao serviço do candidato.

Depois de tudo o que fica dito sobre a actividade dos possuidores da owanga, não há dúvida nenhuma de que se pode afirmar que "eles são os agentes de todos os malefícios e enchem de terror as populações nativas". Mas isto só se verifica nas regiões onde persiste a crença espírita primitiva e a consequente mentalidade mágica ou pré-científica, o que acontece em grande parte nas etnias do Sudoeste de Angola.

Examinando o problema não só subjectiva, mas objectivamente, é pertinente examinar este último ponto: Os enfeitiçados serão de facto criminosos segundo a noção objectiva da justiça?

Tanto Carlos Estermann, como Serafim Lourenço que subscreve estas linhas e aqui passaram quase toda a sua vida, respondem: "A quase totalidade destes indivíduos são incriminados injustamente ou melhor, subjectivamente, com justiça e sem ela, objectivamente. Eles são tão pouco culpados como foram os inumeráveis bruxos e bruxas que eram queimados vivos, durante a Idade Média e nos começos dos tempos modernos.

Quem teve longa permanência com a população bantu, mais de uma vez ficou indignado, ao acusarem e matarem selvaticamente cristãos, considerados dos melhores, acusados de feiticeiros e comedores de almas.

Na base de todas estas falsas acusações levadas pelos

consulentes ao adivinho que ratifica este crime é o ciúme, com a inveja, e a vingança.

"Na base de todas estas falsas acusações levadas pelos consulentes ao adivinho que ratifica este crime é o ciúme, com a inveja, e a vingança."

Em conclusão, sobre o que acabamos de dizer a respeito de Deus e dos espíritos, deixamos uma pista para os anunciadores da Boa Nova. Sobre Deus, a crença monoteísta é patente. Basta completá-la com os dados da revelação.
A ideia da sobrevivência da alma, depois da morte, também é de aproveitar, afastando os missionados da ancestrolatria.

Outro ponto digno de menção é que Deus, sendo autor da vida não a prejudica nem a tira. Quem é capaz de a destruir são os homens maus ou espíritos malditos, sendo estes também de origem humana.

"Outro ponto digno de menção é que Deus, sendo autor da vida não a prejudica nem a tira."

Deus não podia criar o homem, senão enriquecido dos dons preter-naturais: isenção de doenças, de dores e da morte. Tais elementos ideológicos podem ser aproveitados no ensino dos dogmas do pecado original, da encarnação, da redenção e da comunhão dos santos.

10. ADIVINHAÇÃO, MAGIA, FEITICISMO, REPROVADOS, PELA IGREJA

O Catecismo Católico editado em 1993, nos nº 2116-2117 refere-se à adivinhação, magia e feiticismo nos seguintes termos: «*Todas as formas de adivinhação devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demónios, evocação dos mortos ou outras práticas, supostamente reveladoras do futuro, consultar os horóscopos, recorrer a astrologia, à quiromancia, à interpretação dos presságios e das sortes, aos fenómenos de vidência e aos médiuns, tudo isto é capa duma vontade oculta de dominar o tempo, a história, os homens, ao mesmo tempo que é desejo de conluio com os poderes ocultos; todas estas práticas estão em contradição com a honra e o respeito, penetrados de temor amoroso que devemos a Deus e só a Ele.*

Todas às práticas de magia ou feitiçaria, ainda que seja para obter saúde, são gravemente contrários à "virtude de religião. Tais praticas são ainda mais condenáveis, quando acompanhadas da intenção de fazer mal a outrem, recorram ou não à intervenção dos demónios.

O uso de amuletos também é repreensível. O espiritismo implica muitas vezes práticas divinatórias ou mágicas; por isso a Igreja adverte os fiéis para que se acautelem. O recurso às medicinas, ditas tradicionais, não legitima, nem a invocação dos poderes malignos nem a exploração da credulidade alheia».

"O recurso às medicinas, ditas tradicionais, não legitima, nem a invocação dos poderes malignos nem a exploração da credulidade alheia»."

11. PASSAGEM DA ADORAÇÃO E CULTO A DEUS PARA A ADORAÇÃO E CULTO DOS ESPÍRITOS

Segundo Challes, citado por H.A. Junod, um grande chefe bantu tinha por hábito subir a uma montanha e lá fazer as suas preces a Deus. O filho que lhe sucedeu, sentiu medo de se aproximar do grande Deus que seu pai adorava e então pediu ao espírito do pai para interceder por ele e pelo seu povo, diante do Criador de todos. Gradualmente cada chefe de família adoptou este método de se aproximar de Deus até que cada família teve os seus próprios espíritos ancestrais, primeiro como medianeiros, e depois como objectivos de adoração, tendo sido posto Deus de lado, substituído pelos manes.

B

1. DOUTRINA DA IGREJA CATÓLICA SOBRE DEUS E OS ESPÍRITOS

1.1. DEUS - TRINDADE, Uno na essência e trino em pessoas: PAI, FILHO, ESPÍRITO SANTO. Inseparáveis no que são, as pessoas divinas são também inseparáveis no que fazem. Mas na operação divina única, cada uma manifesta o que lhe é próprio na Trindade, sobretudo nas missões divinas da encarnação do Filho e no dom do Espírito Santo.

1.2. Atributos de Deus:

A Omnipotência
De todos os atributos divinos, só a omnipotência é nomeada no credo. Acreditamos que ela é universal, porque Deus que tudo criou, tudo governa e tudo pode; amorosa, porque Deus é nosso Pai; misteriosa porque só a fé a. pode descobrir, quando ela actua plenamente na fraqueza (2 Corintos 12,9). É o mistério da aparente impotência de Deus. A fé em Deus Pai todo poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Às vezes Deus parece impotente e incapaz de impedir o mal. Ora Deus Pai revelou a sua omnipotência, do modo mais misterioso, na humilhação voluntária e na ressurreição do seu Filho pelas quais venceu o mal. Por isso Cristo crucificado é «força de Deus, é sabedoria de Deus». Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. (1. Cor 1,24 - I 25). Foi na ressurreição e exaltação de Cristo que o Pai mostrou a eficácia da sua poderosa força

e a "incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes" (Ef. 1, 19 - 22).

Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da omnipotência de Deus: Esta fé gloria-se nas suas fraquezas para atrair a si o poder de Cristo. Desta fé é modelo supremo a Virgem Maria, pois acreditou que a Deus nada é impossível (Lc.1,37) e pôde engrandecer o Senhor: «O Todo Poderoso fez em mim maravilhas! Santo é o Seu Nome» .

"Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da omnipotência de Deus"

DEUS CRIADOR

A profissão de fé do IV concílio de Latrão afirma que Deus «desde o princípio do tempo, criou do nada uma e outra criatura, a espiritual e a corporal isto é os anjos e o mundo terrestre. Depois criou a criatura humana que participa das duas primeiras. Integrada, como é, de espírito e corpo.
Deus uno na natureza e trino em pessoas cria, conserva e providencia.

2. OS ANJOS

A existência dos anjos é verdade de fé: São seres espirituais, não corporais. O testemunho da Escritura é tão claro, como a unanimidade da tradição.

De todo o seu ser, os anjos são servos e mensageiros de Deus. Pelo facto de "contemplarem continuamente o rosto do meu Pai que está nos céus" (Mat. 18-10), eles são poderosos executores das suas ordens, sempre atentos à sua Palavra (SI 102,20).

"os anjos são servos e mensageiros de Deus."

E como criaturas puramente espirituais, são dotados de inteligência e vontade: são criaturas pessoais e imortais. Ultrapassam em perfeição todas as criaturas visíveis. O esplendor da sua glória assim o atesta.

CRISTO COM TODOS OS SEUS ANJOS

Estes pertencem-lhe (São os Anjos d'Ele. Mt 25-31). Pertencem-lhe, porque criados por Ele e para Ele (...); E são dele mais ainda, porque Ele os fez mensageiros do seu plano salvador. Da Encarnação à Ascensão a vida do Verbo Encarnado é rodeada da adoração e dos serviços dos anjos (...). E estarão presentes, quando da segunda vinda de Cristo que eles enunciam ao serviço do seu juízo.

OS ANJOS NA VIDA DA IGREJA

"A igreja associa-se na sua liturgia aos anjos para adorar a Deus e festeja de modo particular a memória de certos anjos (S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael e os Anjos da Guarda)."

A igreja associa-se na sua liturgia aos anjos para adorar a Deus e festeja de modo particular a memória de certos anjos (S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael e os Anjos da Guarda)."

Desde a infância até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência e intervenção. Cada fiel tem ao seu lado um anjo como protector e pastor para o guiar na vida. Desde este mundo a vida cristã participa pela fé, na sociedade bem - aventurada dos anjos e dos homens, unidos em Deus.

A QUEDA DOS ANJOS

Por detrás da desobediência dos nossos primeiros pais, há uma voz sedutora, oposta a Deus a qual por inveja os faz cair na morte (Sab.2,24). A escritura e a tradição da igreja vêem neste ser um anjo decaído, chamado Satanás ou diabo. Segundo o ensinamento da igreja, ele foi primeiro um anjo bom criado por Deus: "O Diabo e outros demónios criados bons por Deus, eles próprios tornaram-se maus por si mesmos", definiu o concílio de Latrão em 1215.

Jesus foi tentado por um desses anjos, a que ele chama demónio e Satanás (Mi. 4, 1,11), assassino desde o princípio (Jo.8, 44). Foi para destruir as obras do diabo que apareceu o Filho de Deus (1Jo. 3- 8).

Dessas obras, a mais grave em consequência foi a mentirosa sedução que induziu o homem a desobedecer a Deus.

"o poder de Satanás não é infinito."

No entanto o poder de Satanás não é infinito. Satanás é uma simples criatura, poderosa por facto de ser puro espírito, mas de qualquer modo criatura impotente para impedir a edificação do reino de Deus.

3. CRIAÇAO DO HOMEM

Um, de corpo e de alma. A narrativa bíblica exprime esta realidade numa linguagem simbólica, quando afirma que «Deus formou o homem com o pó da terra; fez-lhe entrar pelas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivo (Gen. 2,7). A Igreja ensina que cada alma espiritual é criada por Deus, de modo imediato e não produzida pelos pais e que é imortal; não morre, quando na morte se separa do corpo na ressurreição final.

PECADO ORIGINAL, O PRIMERO DE ADÃO E EVA

Adão e Eva, criados por Deus, na pureza original, ten-

tados por Satanás, caíram no pecado que, como primeiros pais que eram, transmitiram a toda a humanidade o pecado dos anjos decaídos que foi o de terem livremente recusado servir a Deus e ao seu desígnio. A sua opção contra Deus é definitiva. Eles tentam associar o homem a essa revolta. Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquire um certo domínio sobre o homem, embora este permaneça livre. Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada ao mal, dá lugar a graves erros, no domínio da educação, da política, da acção social e da ética.

Esta dramática situação do homem de estar sob o poder do maligno, (1Jo.5,19) transforma a vida humana num combate.

E se é verdade que caiu sob a escravidão do pecado, em Cristo, pela cruz e ressurreição venceu o poder do maligno e libertou-o.

4. ESTADO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO INVISÍVEL

Deus uno e trino que tudo e todos criou e conserva vive em imortal eternidade. Os anjos bons vivem com Deus de quem são mensageiros junto dos homens. Depois da morte, as almas purificadas vivem no céu. Viver no céu é «estar com Cristo» e intercedem por nós junto de Deus.

PURGATÓRIO - PURIFICAÇÃO FINAL

Uma blasfémia contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado, nem neste século, nem no século futuro. (Mat. 12, 31). Desta afirmação, podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo e outras no mundo que há-de vir (S. Gregório Magno, Dial. 4,39).

Esta doutrina apoia-se também na prática da oração pelos defuntos de que já fala a Sagrada Escritura: «Por isso, (Judas Macabeu) pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas (2 Mac.12,46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o sacrifício eucarístico, para que, purificados, pudessem chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos.

"Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor"

INFERNO

Jesus fala muitas vezes da "gehena", do «fogo que não se apaga», reservado aos que recusam, até ao fim da vida, acreditar e converter-se, e na qual podem perder, ao mesmo tempo, a alma e

o corpo. Anuncia em termos muito graves que «envia seus anjos que tirarão do seu reino (...) todos os que praticam a iniquidade e hão-de lançá-los na fornalha ardente» (Mt.13,41-42).

A doutrina da Igreja afirma a existência do inferno e a sua eternidade. As almas dos que morrem em pecado mortal descem imediatamente, depois da morte aos infernos, onde sofrem as penas do Inferno, «o fogo eterno». A principal pena do Inferno consiste na separação eterna de Deus, único em Quem o homem pode ter a vida e a felicidade para que foi criado e a que aspira.

"Deus não predestina ninguém para o Inferno."

Deus não predestina ninguém para o Inferno. Para ter semelhante destino, é preciso haver uma aversão voluntária a Deus (pecado mortal) e persistir nela até ao fim. Na liturgia eucarística e nas orações quotidianas dos seus fiéis, a Igreja implora a misericórdia de Deus «que não quer que alguns venham a perder-se, mas que todos se possam arrepender» (2 Pd 3,9).

JUIZO FINAL

A ressurreição de todos os mortos «justos e pecadores» (Act. 24,15) há-de preceder o juízo final. Cristo virá «na sua glória com todos os seus anjos (...). Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda (...). Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (Mt 25,31,32,46). A mensagem do juízo final é um apelo à conversão. Inspira o santo temor de Deus e anuncia a «feliz esperança (Tito 2,13) do regresso do Senhor que virá» para ser glorificado nos seus santos, e admirado no meio de todos os que tiveram acreditado (2Tes. 1, 10).

NOVOS CÉUS E NOVA TERRA

"A esta misteriosa renovação da humanidade e do mundo, a Sagrada Escritura chama «Novos Céus e Nova Terra»"

No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e em alma e o próprio universo será renovado. A esta misteriosa renovação da humanidade e do mundo, a Sagrada Escritura chama «Novos Céus e Nova Terra» (2 Pe. 3, 13).

Neste «mundo novo» (Ap 21,5), a Jerusalém Celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mas haverá luto, nem clamor, nem fadiga. O que havia anteriormente desapareceu (Ap 21,4).

COSMOS

Quanto ao cosmos, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:

«Na verdade as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus (...), com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que as escraviza (...). Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo (Rom. 8, 19-21).

O universo visível é pois também destinado a ser transformado «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja, sem mais nenhum obstáculo, ao serviço dos justos», participando na sua glorificação, em Jesus Cristo ressuscitado (Santo Ireneu, Haer.5,32).

Quando será? «Só o Pai o Sabe».

Nota - Nesta exposição sobre Deus e os Espíritos segui o Catecismo da Igreja Católica, editado em 1993.

O nome que recebemos - O Espírito Santo e o Coração de Maria nas origens da Congregação

- *Adélio Torres Neiva*

O mistério do nome

Não é indiferente o nome que se recebe. Para os antigos o nome exprimia o papel que um ser desempenhava no universo. Deus completou a criação dando a cada ente criado um nome: dia, noite, céu, e encarregando Adão de dar um nome a cada um dos animais.

"Não é indiferente o nome que se recebe."

Os homens, por sua vez, darão um nome aos lugares a que está ligado algum acontecimento importante

Quanto ao nome das pessoas, o nome recebido no nascimento exprime ordinariamente a actividade ou destino daquele que o recebe: Jacob é o suplantador. O nome pode também evocar as circunstâncias do seu nascimento ou do seu futuro entrevisto pelos pais: Raquel moribunda chama ao seu filho, "filho da minha dor" e Jacob denomina Benjamim "filho da minha direita".

Às vezes o nome é uma espécie de oráculo que assegura para a criança que nasce o apoio do Deus de Israel: "Isaías" – Que Deus salve.

"Em geral na tradição bíblica nome corresponde a uma missão que Deus confia ao nomeado"

Os descobridores portugueses ligarão o nome das terras que descobriam ao dia do Santo em que descobriam essa terra - Santa Maria, ou a um pormenor da terra que encontravam – Camarões ou a outra circunstância Terceira, etc.

Em geral na tradição bíblica nome corresponde a uma missão que Deus confia ao nomeado: ele inclui em si uma bênção irrevogável, fruto de uma aliança; esta bênção é acompanhada de dons particulares para cumprir a missão recebida.

Dar o nome era fazer seu; pelo nome a pessoa ficava unida ao Senhor para uma determinada missão. Para assinalar que toma posse das suas vidas, Deus muda o nome, dá um nome novo: Abraão, Sara, Jacob...

"Dar o nome era fazer seu; pelo nome a pessoa ficava unida ao Senhor para uma determinada missão."

Assim, na economia da salvação, a cada um é dado o nome que convém à missão que lhe é confiada. Dando a Simão o nome de Pedro ou a Saulo o nome de e Paulo, Jesus mostra a missão a que os destina e a personalidade nova que cria. Para Maria dar um nome a Jesus não foi apenas dar-lhe um apelido para o distinguir dos outros, mas dar-lhe um passado, uma história, uma família, uma solidariedade com o seu povo, uma missão.

"Daqui se infere, portanto, que o nome atinge o ser, o coração da pessoa; conhecer pelo nome era penetrar na sua intimidade"

Daqui se infere, portanto, que o nome atinge o ser, o coração da pessoa; conhecer pelo nome era penetrar na sua intimidade.

É o nome que nos define e nos identifica no mistério do Reino: ele é o nosso bilhete de identidade. O nome da Congregação a que pertencemos revela o qeu somos por dentro: o coração da nossa família, a nossa missão, o nosso espírito, a nossa identidade no seio da Igreja. Não é a mesma coisa chamar-se franciscano, salesiano, verbita ou espiritano. O nome evoca um conjunto de valores que estão inerentes a esse nome.

1. O nome que recebemos

O nome que recebemos foi o de *Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria.*

O Espírito Santo e Maria não são apenas duas pessoas – uma divina e outra humana – que os nossos fundadores juntaram por serem devotos de uma e de outra. Os dois estão unidos pelo mesmo mistério: o mistério da Incarnação de Jesus. De alguma maneira eles fazem um só: *"O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra".* Deste encontro do Espírito Santo com Maria nasce Jesus, sob a bênção do Pai. De facto, nos textos das nossas origens, inspirados na teologia do P. Lallemant, Maria é denominada "Esposa do Espírito Santo".

"A partir deste momento, o Espírito Santo e Maria não se podem mais separar. Assim, o nosso nome situa-nos na fonte, na nascente do mistério da Incarnação."

A partir deste momento, o Espírito Santo e Maria não se podem mais separar. Assim, o nosso nome situa-nos na fonte, na nascente do mistério da Incarnação. Não se trata, portanto, simplesmente de adoptar duas devoções. O mistério do nosso nome é muito mais que uma devoção. O nosso nome significa que fomos criados para revelar ao mundo este consórcio do Espírito Santo com o Coração de Maria, que está na origem do mistério da salvação. Para revelar esse mistério precisamos primeiro de sermos modelados por ele, pois não há outra maneira de revelar um mistério. O nosso nome é portanto uma missão e um programa de vida

2. As origens do nosso nome

Desde o começo da sua longa história de 300 anos, os Espiritanos foram consagrados ao Espírito Santo e ao Imaculado Coração de Maria.

O seu primeiro fundador Cláudio Poullart des Places, fundou a sua comunidade no dia do Pentecostes de 1703, diante da imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso, a Virgem Negra de Paris.

O segundo fundador, Francisco Maria Paulo Libermann inaugurou a sua fundação em 1841, diante da imagem de Nossa Senhora das Vitórias, também em Paris.

A quando da fusão das duas congregações em 1848, chegou-se à conclusão que era a mesma missão e a mesma mística que identificava as duas.

Quais foram as circunstâncias que levaram os dois fundadores a colocar o Espírito Santo e o Coração de Maria como alma e coração desses projectos apostólicos? Vejamos os dois casos separadamente.

2.1. Poullart des Places e o Espírito Santo

Os motivos da consagração especial de Poullart des Places ao Espírito Santo como fonte inspiradora para sua espiritualidade foram já estudados pelos PP. Le Floch e Joseph Michel. Além de o Espírito Santo ser de grande devoção na Bretanha, sua província natal, há ainda dois factores decisivos que fomentaram esta devoção: o seu contacto com a espiritualidade de P. Lallemant, nos colégios dos Jesuítas, e a sua passagem pelos grupos de piedade desses colégios, chamados "Assembleias dos Amigos".

"há ainda dois factores decisivos que fomentaram esta devoção: o seu contacto com a espiritualidade de P. Lallemant, nos colégios dos Jesuítas, e a sua passagem pelos grupos de piedade desses colégios, chamados "Assembleias dos Amigos""

O P. Lallemant tiha sido o fundador de uma escola de espiritualidade que tinha como referência de base a docilidade ao Espírito Santo. Os discípulos e sucessores de Lallemant levaram esta espiritualidade para a Bretanha. O movimento da renovação espiritual da Bretanha tinha sido implementado sob o signo do Espírito Santo, devido à influência de Lallemant. As missões, os retiros, principais instrumentos desta renovação, tinham sido animados por grupos de padres, discípulos de Lallemant. Em Rennes se criaram várias confrarias do Espírito Santo. Poullart des Places tinha passado a sua adolescência numa casa de seus pais, conhecida por "Casa do Espírito Santo".

"A sua intuição de base era a necessidade de uma total disponibilidade ao Espírito Santo para a renovação da missão"

Por outro lado, o P. Lallemant tinha sido o grande director espiritual dos Jesuítas que durante muitos anos orientou o 3º ano de noviciado. A sua intuição de base era a ne-

cessidade de uma total disponibilidade ao Espírito Santo para a renovação da missão. Para isso, era necessária uma grande pureza de coração *"O fim a que devemos aspirar, depois de nos exercitarmos longamente na pureza de coração, é de sermos de tal maneira possuídos pelo Espírito Santo que seja só Ele a conduzir todos os nossos sentidos, que seja só Ele a regular todos os nossos movimentos interiores e exteriores e que nos abandonemos inteiramente a Ele pela renúncia espiritual das nossas próprias vontades e satisfações"* [1].

Cláudio frequentou o Colégio de S. João dos Jesuítas e fez dois anos de Direito em Nantes, frequentando uma casa de retiros dos Jesuítas, onde bebeu esta espiritualidade[2].

Mas onde o P. Michel, vê a influência de Lallemant na devoção ao Espírito Santo de Poullart des Places é sobretudo através das "Assembleias dos Amigos" (AA) que existiam na maior parte dos colégios dos Jesuítas, nomeadamente no Colégio de Clermont, que Cláudio frequentou.

Na origem desta associação de piedade "Assembleias dos Amigos" estão dois bretões, Vincent de Meur e o P. Jean Bagot, discípulos de Louis Lallemant. Nas actas da cerimónia da inauguração destas assembleias, se diz: *"Estando reunidos determinou-se que a cerimónia da inauguração seria no dia do Pentecostes, 4 de Junho de 1645, onde todos juntos, reunidos na congregação mariana do colégio, às 3 horas da tarde, cada um recitou as orações e outras orações designadas pelas regras para a recepção dos novos candidatos..."*...Poullart des Places conhecia bem este trecho, pois que ele era recordado todos os anos nas AA. E se ele vai consagrar a sua obra ao Espírito Santo era porque tinha adquirido realmente um verdadeiro amor à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Ele assumira bem a doutrina das suas meditações no manual chamado *"Prática das virtudes cristãs"* que dedica todo o seu Capítulo VII ao Espírito Santo[3].

Os Jesuítas fundavam nos seus colégios Congregações Marianas para as três classes: humanistas, filósofos e teólogos. Nas congregações marianas dos teólogos foram criadas as "Assembleias dos Amigos". Estas assembleias recrutavam exclusivamente alunos das elites das congregações marianas, com orações mais longas e exigências maiores. Era um movimento que procurava renovar o clero da França. Era seu objectivo criar um novo modelo de padre, decididamente empenhado na evangelização dos pobres e dos mais abandonados. Como coração desta espiritualidade colocavam o Coração de Maria,

[1] *Lallemant. Doctrine Spirituelle p. 176-177*
[2] *Joseph Michel. L´influence de l" AA sur Claude Poullart des Palces p. 66*
[3] *Ibid. p. 67-70*

a humilde serva do Senhor, cuja docilidade e pobreza o Espírito Santo tornaria extraordinariamente fecunda.

Tanto Poullart des Places como Grignon de Monfort pertenciam à congregação mariana do Colégio. Depois em Clermont, Cláudio fez parte das Assembleias dos Amigos. A cerimónia de entrada nestas Assembleias tinha lugar, conforme vimos, no dia do Pentecostes e caracterizava-se por uma profunda devoção ao Espírito Santo. Os temas de cada dia eram um comentário sobre o *"Veni Sancte Spiritus"* da sequência da festa do Pentecostes.

Foi na linha dessa intuição que ele vai escolher a festa do Pentecostes de 1703 para dar início à sua obra. O primeiro artigo dos Regulamentos é claro: *"Todos os estudantes adorarão de modo particular o Espírito Santo, a quem estão especialmente consagrados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob cuja protecção foram oferecidos ao Espírito Santo".*

"Todos os estudantes adorarão de modo particular o Espírito Santo, a quem estão especialmente consagrados. Terão também uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob cuja protecção foram oferecidos ao Espírito Santo"

Mas qual o sentido desta consagração? Uma primeira indicação é-nos dada pelo artigo 3º: a festa do Pentecostes é designada como uma das duas principais festas da casa, juntamente com a festa da Imaculada Conceição. Os estudantes *"celebrarão a primeira para obter do Espírito Santo o fogo do amor divino e a segunda para obter da Santíssima Virgem uma pureza evangélica, duas virtudes que devem constituir todo o fundamento da sua piedade".*

Portanto, a devoção ao Espírito Santo tem por objectivo obter o *fogo do amor divino.* Tal é o motivo fundamental porque Poullart des Palces coloca o Espírito Santo no vértice da sua congregação.

Na comunidade de Poullart des Places o Espírito Santo será uma presença a recordar ao longo de todo o dia. Entre as orações prescritas pela Regra sublinhar-se-á que os estudantes devem rezar todos os dias o Ofício do Espírito Santo e no início de cada actividade implorar o dom do Espírito Santo e a protecção de Maria: o *Veni Sancte Spiritus e a Ave Maria.* Foi um costume que se manteve na Congregação até aos nosso dias. Mas mais que as fórmulas, o importante é que a aspiração a sermos queimados pelo fogo do amor de Deus permaneça sempre vivo na nossa vida.

"O Espírito Santo é o primeiro pilar da espiritualidade espiritana"

O Espírito Santo é o primeiro pilar da espiritualidade espiritana

"O outro pilar da espiritualidade de Poullart des Palces será a devoção a Maria."

2.2. Poullart des Places e Maria

O outro pilar da espiritualidade de Poullart des Palces será a devoção a Maria.

A devoção de Cláudio a Maria remonta à sua infância. Os seus pais pediram a Deus um filho e quando Deus lhes deu esse filho ofereceram-no a Ele e consagraram-no a Maria, fazendo-o usar o vestido branco durante sete anos em honra de Nossa Senhora.

Depois, a sua infância ficaria marcada por dois santuários marianos de Rennes, que ele frequentava assiduamente: o de Nossa senhora dos Milagres e o de Nossa Senhora da Boa Nova.

No colégio dos Jesuítas de Rennes Cláudio entrou na Congregação Mariana, onde conheceu Grignon de Monforte que seria o grande impulsionador da devoção a Nossa Senhora.

Uma das características das "Assembleias dos Aamigos" que ele frequentava no colégio, era, a par de uma grande devoção ao Espírito Santo, a devoção à Imaculada Conceição. O regulamento das AA mandava rezar antes de cada aula o "Veni Sancte Spiritus" a pedir as luzes do Espírito Santo e uma "Ave Maria a Nossa Senhora," a pedir a bênção de Maria.

No mesmo manual onde ele bebeu a devoção ao Espírito Santo, *"Prática das virtudes cristãs"*, encontra-se também um capítulo denominado *"Para a festa da Imaculada Conceição"*. Conforme diz o P. Lecuyer, no comentário que faz ao 2º artigo dos Regulamentos fala-se de Maria como esposa do Espírito Santo. Este título de Maria como "esposa do Espírito Santo" foi tirado precisamente dos manuais das "Assembleias dos Amigos."[4] O redactor do manual das "Assembleias dos Amigos" tinha-se inspirado em Louis Lallemant: *"A Santíssima Virgem é a única na qualidade de esposa do Espírito Santo pois que só ela contraiu com ele, em nome de toda a natureza humana, um sagrado consórcio, para ser Mãe do Homem Deus sem deixar de ser Virgem"*[5].

"A congregação nascida aos pés de Maria nunca se esqueceria das suas origens."

"Todos os estudantes adorarão particularmente p Espírito Santo a que estão particularmente consagrados. Terão também uma devoção particular à Santíssima Virgem sob a protecção da qual estão consagrados ao Espírito Santo"

Poullart des Palces consagrará a sua congregação ao Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria, na igreja de Saint Etienne des Prés.

A congregação nascida aos pés de Maria nunca se esqueceria das suas origens. A esta igreja Poullart des Places vinha muitas vezes rezar, sobretudo nas horas de maior dificuldade.

Os primeiros Regulamentos da Comunidade do Espírito Santo terão as marcas de Maria. As primeiras linhas desses regulamentos dizem: *"Todos os estudantes adorarão particularmente o Espírito Santo a que estão particularmente consagrados. Terão também uma devoção particular à Santíssima Virgem sob a protecção da qual estão consagrados ao Espírito*

[4] *Joseph Lecuyer. En relisant Poullart des Places, Aux racines de la Congrégation du Saint Esprit. Claud ePoullart des Palces p. 259.*

[5] *Joseph Mochel . Línfluence des AA p. 73*

Santo". A Festa da imaculada Conceição será a segunda grande festa da comunidade, logo a seguir à do Pentecostes. As razões desta escolha e desta devoção à Imaculada Conceição devem ainda ser procuradas na influência que os Jesuitas, ardentes defensores da Imaculada Conceição, tiveram na formação espiritual de Claúdio. De facto, a devoção à Imaculada Conceição, 150 anos antes do dogma ser proclamado, será um dos créditos dos missionários do Espírio Santo.

O texto da consagração que Poullart des Palces fez a 27 de Maio de 1703, diante da Virgem Negra de Paris e que depois se repetirá todos os anos, sublinha efectivamente as linhas de força da espiritualidade da Congregação:

"Minha Mãe e Senhora, Santa Maria, Mãe de Deus: Virgem santa, doce refúgio dos pecadores, eficaz consoladora dos pobres, esperança minha neste vale de lágrimas: prostrado humildemente a vossos pés, recorro à Vossa clemência; ajudai este vosso servo, que se dedica, consagra e entrega inteiramente ao Espírito o Santo, Vosso celeste Esposo, de cuja honra deseja tomar importante compromisso.

Escutai-me, minha bondosa Mãe; Espírito omnipotente, atendei tão bondosa Mãe e por sua poderosa intercessão, dignai-vos iluminar o meu espírito e abrasar o meu coração no vosso amor, a fim de que nesta casa, a Vós consagrada, eu cumpra fielmente o que vos agrada ou interessa à vossa glória, à minha santificação e edificação dos meus irmãos"".

Segundo o P. Warnet, superior geral, esta consagração faz parte, essencialmente, do espírito das nossas Constituições. As santas promessas que por ela fazemos são como que a herança deixada por nossos pais. Pobres de bens do mundo, só queriam ser ricos dos dons do Espírito Santo, que constituíam todo o seu tesouro. Por isso, legaram-nos um testemunho dos seus piedosos sentimentos numa fórmula de consagração, que devemos honrar com profunda veneração, porque constitui como que o seu testamento espiritual".

O P. Bouic, terceiro superior geral da Congregação, por ocasião da publicação das primeiras Regras, ordenou que as armas da Congregação fossem elaboradas a partir de um símbolo do Espírito Santo e ao menos um monograma de Nossa Senhora.

A imagem de nossa Senhora deveria ser colocada em lugar de honra, na entrada principal de cada comunidade como *"Tutela domus"*, guarda da casa.

"O P. Bouic, terceiro superior geral da Congregação, por ocasião da publicação das primeiras Regras, ordenou o que as armas da Congregação fossem elaboradas a partir de um símbolo do Espírito Santo e ao menos um monograma de Nossa Senhora."

2.3. Libermann e o Espírito Santo

Quanto à origem da devoção ao Espírito Santo do P. Libermann, diz o P. Lecuyer no "Dicionário de Espirituali-

"que todo o seu itinerário espiritual se resume numa escola de docilidade ao Espírito Santo"

dade" que todo o seu itinerário espiritual se resume numa escola de docilidade ao Espírito Santo (T.III col. 1494). É possível que para isso ele tenha sido também influenciado por Lallemant e S. João Eudes, dois lugares que ele frequentou. Mas trata-se sobretudo de uma intuição pessoal, que emergiu da experiência e do itinerário espiritual que ele mesmo viveu.

A quando do seu Baptismo em 24 de Dezembro de 1826, Libermann escreveu: *"Quando a água santa correu sobre a minha fronte, sentia que eu estava num imenso globo de fogo, já não vivia a vida natural e não via mais nada nem entendia nada do que se passava à minha volta; passavam-se coisas impossíveis de descrever"* (ND. I 90). Este globo de fogo compagina-se bem com o fogo do Espírito, o fogo do Pentecostes.

"A experiência interior fundamental de Francisco Libermann foi a da graça gratuita de Deus na sua vida."

A experiência interior fundamental de Francisco Libermann foi a da graça gratuita de Deus na sua vida. Deixar-se invadir por este absoluto foi o grande programa da sua vida.

"Entregar-se é uma palavra que aparece constantemente nos seus escritos."

Entregar-se é uma palavra que aparece constantemente nos seus escritos. A docilidade ao Espírito Santo, que vive em nós, será a chave da sua espiritualidade. Ele empregará toda uma série de imagens para exprimir esta entrega ao Espírito Santo: ser como uma criança que tudo espera de sua mãe, ser como argila nas mãos do oleiro, ser como a estátua nas mãos do escultor, ser como uma leve pena ao sopro do vento.

Foi durante o seu período de Issy que ele comunica aos seus amigos e correspondentes uma viva consciência da presença do Espírito Santo em nós. Nas suas cartas, a referência à acção do Espírito Santo em nós é contínua. O P. Lecuyer em artigos que escreve nesta revista segue este itinerário da descoberta do Espírito Santo, através da sua correspondência.

"È preciso esperar a hora de Deus, aceitar deixar-se conduzir por Ele"

É preciso esperar a hora de Deus, aceitar deixar-se conduzir por Ele, ser paciente na provação, não ir para além do que onde a graça de Deus nos conduz, aceitar os ritmos e os tempos de Deus.

Desta atitude que ele mesmo viveu "à espera que o muro caia", nascerá a nossa Regra Provisória, no imprevisto e desconforto de umas águas furtadas de Roma.

"Foi no coração desta experiência de fé e de confiança no Espírito do Senhor que ele encontrou um rosto para os Espiritanos."

Foi com o olhar de fé sobre uma doença que o arranca a todos os seus sonhos, uma partida de Rennes que lhe faz perder todos os apoios e todas as seguranças, que ele nos ensina a ir até às raízes dos frutos do Espírito Santo: a paz, a alegria, a disponibilidade. Foi no coração desta experiência de fé e de confiança no Espírito do Senhor que ele encontrou um rosto para os Espiritanos.

2.4. Libermann e o Coração de Maria

A devoção de Libermann a Maria nasceu logo no dia

do seu Baptismo. *"Quando a água do Baptismo correu sobre a minha cabeça de judeu, nesse preciso momento comecei a amar Maria, que antes detestava"*[6]. Assim, ele incluirá o nome de Maria no seu próprio nome.

"Este amor a Maria iluminará toda a sua vida."

Este amor a Maria iluminará toda a sua vida. Nas suas cartas sobretudo as do tempo de S. Sulpício e de Rennes, dela falará constantemente. É para Jesus e para Maria que ele orienta os seminaristas de que era director espiritual. Recordemos apenas um ou outro texto.

Em 1830, quando o arcebispo de Paris Mons. De Guélen promovia a devoção ao Coração de Maria, Libermnn escrevia ao seminarista de Farcy:"

"É um tesouro que no Santíssimo Coração de Maria, Jesus Cristo tenha colocado uma tão grande plenitude de graças e de favores com que possa saciar não só o mundo inteiro mas mil mundos e muito mais ainda: e porque é que o nosso bom Senhor pôs uma tal abundância no Santíssimo Coração de Maria? Oh! É fácil de adivinhar: é porque conhecia a grande miséria em que todos nos encontramos. Parece que ouço dizer esta santa Mãe a nós todos: "Vinde meus queridos filhos, vinde a mim, vinde repousar no meu coração; o meu caro Filho pôs nele uma tamanha abundância que terei com que vos satisfazer a todos... Pois bem, meu caro irmão, vá, corra, lance-se nos braços desta amada e santa Mãe; vá com confiança, simplicidade, ternura e amor..." (ND I p143).

Vamos destacar apenas alguns momentos mais sugestivos da vida de Libermann em que ele próprio atribui uma intervenção especial de Maria. Na carta que escreveu ao seu grande amigo o P. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias a 9 de Fevereiro de 1884[7].

2.5. O Coração de Maria na origem da Sociedade do Coração de Maria

"Libermann atribuirá directamente ao Imaculado Coração de Maria "a ordem que lhe veio por uma iluminação interior fazendo-lhe conhecer o lugar que lhe destinava na sua Igreja.""

Libermann conheceu em S. Sulpício dois seminaristas crioulos, interessados em fundar uma "Obra dos Negros" para socorro dos escravos das ilhas do Haiti e de Bourbon que o convidaram para aderir a esse projecto.

Libermann atribuirá directamente ao Imaculado Coração de Maria *"a ordem que lhe veio por uma iluminação interior fazendo-lhe conhecer o lugar que lhe destinava na sua Igreja"*. Foi no dia 28 de Outubro de 1839, uma data desde então muito querida para os Espiritanos, o dia em que *"uma pe-*

[6] *Notes et Documents de la Congrégation du Saint Esprit et du Coeur Immaculé de Marie vol I p.99*

[7] *Lettres Spirituelles III p. 361*

quenina luz se acendeu no seu espírito". Ele evocará sempre esse dia como um dos mais felizes da sua vida (ND I p. 661). Na primavera desse ano Tisserant dera-lhe uma "grande alegria" como ele diz, ao enviar-lhe o Manual da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias, publicada três anos pelo P. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias. Os dois jovens, Tisserant, crioulo do Haiti e Le Vavasseur, crioulo de Bourbon, tinahm-se já consagrado a Nossa Senhora das Vitórias.

"Desde o começo desta difícil empresa, a nossa confiança estava nos favores do Coração da nossa amantíssima Mãe."

Em carta dirigida ao P. Desgenettes, confessa Libermann: *"Desde o começo desta difícil empresa, a nossa confiança estava nos favores do Coração da nossa amantíssima Mãe. Apesar das dificuldades que, humanamente falando, ultrapassavam muito as nossas fraquezas, nós mantivemos sempre uma grande certeza de sucesso. Por um lado, eu sentia uma tristeza profunda e não ousava descobrir a ninguém o nosso projecto, porque parecia uma loucura à luz da razão e como tal devia parecer a qualquer pessoa prudente, por outro lado, eu sentia em mim um impulso forte e um sentimento de confiança muito grande no Imaculado Coração de Maria. As poucas pessoas a quem participei o meu propósito censuraram-me e tentaram dissuadir-me dele; e todavia, eu não podia deixar de prosseguir, de tal modo esse sentimento de confiança me impedia de dar ouvidos ao que me diziam os homens para me desanimar"*[8].

2.5.1. Maria, na origem da decisão definitiva de Libermann em abraçar a Obra dos Negros: a graça de Fourvière

Uma vez decidido a deixar os Eudistas para se unir à Obra dos negros, Libermann deixou o noviciado de Rennes a 1 de Dezembro de 1839. A conselho dos Padres Pinault e Galais, Libermnn tinha tomado a decisão de ir a Roma apresentar em nome do pequeno grupo o projecto da Obra dos Negros. Fê-lo no meio de muitas dúvidas e sofrimento interior. A caminho de Roma chegou a Lyon a 7 de Dezembro, pedindo hospitalidade à família Ozanam, enquanto esperava por aquele que o devia acompanhar a Roma, Maxime de la Brunière, que o seu director tinha orientado para a Obra dos Negros. Libermann aproveitou a sua estadia em Lyon para consultar alguns padres e rezar a Nossa Senhora de Fourvière, para que o iluminasse nas suas dúvidas, cujo santuário se situava nos arredores de Lyon. A 7 de Dezembro, véspera da grande festa marial da cidade, comemorava-se o aniversário da fundação canónica da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias em Lyon. No dia seguinte, 8 de Dezembro, Liber-

[8]

mann juntou-se à multidão para participar na peregrinação de Nossa Senhora de Fourvière. É Tisserant quem nos conta no seu "Memorial" que foi durante esta peregrinação que Libermann ficou curado das suas dúvidas e hesitações, recuperando a paz e a certeza sobre a sua entrega definitiva à Obra dos Negros. *"A santíssima Virgem fez-me recuperar a calma e comunicou-me por sua divina vontade a força de continuar e a força de suportar com vontade firme todos os desprezos dos homens"*[9].

"A santíssima Virgem fez-me recuperar a calma e comunicou-me por sua divina vontade a força de continuar e a força de suportar com vontade firme todos os desprezos dos homens"

2.5.2. Maria na origem da primeira Regra dos Espiritanos: a Regra Provisória.

Aguardando que "o muro caia" ou seja, que os obstáculos se aplanem, Libermann começa a redigir nas águas furtadas da Via del Pinacolo, onde estava hospedado, a Regra Provisória da sua futura Sociedade. Traça o plano geral, esforça-se por escrever mas diz ele, "impossível atinar com uma só ideia".
"Eu estava, escreve ele ao P. Desgenettes, com muita dificuldade em traçar o plano em questão, mas nenhuma ideia me vinha à cabeça; eu estava na mais completa obscuridade. Depois fiz a visita às sete igrejas e visitei ainda outras igrejas dedicadas à Santíssima Virgem e então, sem saber porquê, decidi-me a consagrar a Obra ao Santíssimo Coração de Maria. Regressei a casa e lancei-me mais uma vez à obra, para recomeçar o plano em questão. Ora aconteceu que então, tudo me apareceu claro, que dum só golpe vi todo o conjunto da obra e todos os desenvolvimentos com todos os pormenores. No decorrer do trabalho e à medida que me detinha na explanação dos pormenores, por vezes surgiam-me dificuldades e eu ficava sem ver claro; então ia fazer uma visita a uma das igrejas da minha devoção (Santa Maria Maior, Santa Maria in Transtevere, a Madona del Parto, na igreja de Santo Agostinho e a Madona della Pace) e tinha a certeza que no regresso não tinha senão que tomar a pena, as dificuldades desvaneciam-se e o que era incerto tornava-se claro, nunca mo falhou"[10]. Esta Regra começa assim: *Tudo para a maior glória do nosso Pai do Céu, em Jesus Cristo Nosso senhor, pelo seu Divino Espírito em união ao Imaculado Coração de Maria".* E o artigo 3º diz: *"Consideramos o Coração Imaculado de Maria como modelo perfeito do zelo apostólico que nos devora e como uma fonte abundante e sempre a jorrar, onde devemos beber".*

"sem saber porquê, decidi-me a consagrar a Obra ao Santíssimo Coração de Maria."

"Consideramos o Coração Imaculado de Maria como modelo perfeito do zelo apostólico que nos devora e como uma fonte abundante e sempre a jorrar, onde devemos beber"

[9] *ND I p. 670-671*
[10] *LS III p. 364*

2.5.3. O Coração de Maria e a aprovação da Congregação

Foi depois da peregrinação que Libermann fez a Nossa Senhora do Loreto, onde ele expôs a Nossa Senhora as dificuldades que a aprovação da sua obra encontrava, que ele, quando regressou a Roma, e encontrou nas suas águas furtadas uma carta do Prefeito da Propaganda para aceitar o seu projecto da Obra dos negros e uma carta do Bispo de Estrasburgo que se propunha ordená-lo sacerdote, condição indispensável para a sua obra ser aceite pela Santa Sé.

""Apesar da minha saúde ter melhorado, havia grandes dificuldades para a minha Ordenação e eu tinha uma extrema repugnância em eu próprio fazer diligências nesse sentido. Abstive-me portanto, disso, mas Maria fê-lo por mim. Neste entrementes aconteceu que eu fui em peregrinação a Nossa Senhora do Loreto para lhe falar das incertezas da minha obra. Ora aconteceu que, precisamente durante este tempo, falou-se em meu favor a um dos nossos mais dignos bispos de França e este insigne prelado ofereceu-se para me ordenar. Quando regressei a Roma, encontrei uma carta que me dava conta desta notícia. Voltei para França e foi, efectivamente, das mãos deste piedoso bispo, que recebi as primeirsa ordens. Depois o bispo de Amiens ordenou-me padre"[11].

2.5.4. Maria e as primeiras vocações da Congregação

Foi na igreja de Nossa Senhora das Vitórias que Libermann celebrou a sua primeira missa com a comunidade nascente. É ali que encontra por acaso o P. Remi Bessieux, que se junta imediatamente à comunidade e que viria a ser o fundador da missão do Gabão. Ali se encontravam também os primeiros membros da Congregação: Fredrico Le Vavasseur, e Eugénio Tisserant, já ligados a Nossa Senhora das Vitórias, Collin e outros membros de S. Sulpício. Será de Nossa Senhora das Vitórias que partirá para a ilha Maurícia o primeiro missionário de Libermann: o P. Laval.

"Será de Nossa Senhora das Vitórias que partirá para a ilha Maurícia o primeiro missionário de Libermann: o P. Laval."

2.5.6. O Coração de Maria e a primeira missão Espiritana.

É numa carta ao P. Desgenettes, que Libermann nos conta como as coisas se passaram: *"Como tinha sido Maria que nos reuniu, esta boa Mãe quis-nos fazer sentir que era do seu Coração Imaculado que nós poderíamos obter tudo e foi por isso que as nossas duas grandes missões a do Haiti*

[11] *LS III p. 364-365*

e a da Guiné, nos foram confiadas por Nossa Senhora das Vitórias. ...Aconteceu porém, que a situação do Haiti se complicou e nós vivemos um momento crítico. Tínhamos então cinco missionários prontos para partir e não tínhamos missão para lhes dar. Foi então que me dirigi a Paris para recomendar a Obra ao Santíssimo Coração de Maria e ao mesmo tempo ver em que ponto estavam as coisas. Encontrei tudo em tal estado que não havia nenhuma esperança para encontrar uma missão antes de dezoito meses ou dois anos." E falou disso ao P. Desgenettes. *"O senhor procurou consolar-me mas eu não tinha necessidade disso, pois apesar do desalento em que me encontrava, com cinco missionários impacientes por estarem fechados por tanto tempo e a quem estes atrasos infinitos poderiam fazer desanimar, eu estava em paz. É verdade que a minha única segurança era que o meu espírito confiava sempre no Coração de Maria; por isso no meu interior eu conservava uma grande calma e uma inteira confiança... No dia seguinte Mons Barron (Prefeito Apostólico da Guiné) veio também ele rezar a Maria, em Nossa Senhora das Vitórias. Foi então que ele lhe falou do seu vasto vicariato e da falta de padres que ele tinha... Depois da sua conversa com o piedoso Vigário Apostólico da Guiné e depois de o ter deixado com o seu problema, você foi para o altar do Imaculado Coração de Maria e foi aí que você teve como que uma inspiração súbita e interior, que lhe dizia que essa missão seria para nós"*[12].

"a vida toda de amor e santidade que o Filho de Deus levou sobre a terra para salvar e santificar as almas e pela qual se sacrificou pela glória de seu Pai."

"Devemos, pois, considerar o Coração de Maria como o modelo perfeito do zelo com que devemos ser devorados e como uma nascente abundante onde devemos ir bebê-lo."

2.5.7. Maria no coração da vida apostólica

Para Libermann a vida apostólica é *"a vida toda de amor e santidade que o Filho de Deus levou sobre a terra para salvar e santificar as almas e pela qual se sacrificou pela glória de seu Pai"*. Ora diz ele: *"Este espírito apostólico onde o poderemos encontrar mais perfeito e mais abundante, junto de Nosso Senhor, senão no Coração de Maria, eminentemente apostólico e inflamado de desejos pela glória de Deus e salvação das almas? ...Maria, no seu recolhimento, teve como missão dirigir os Apóstolos, comunicar-lhes o seu espírito apostólico e atrair às almas as graças de conversão e santificação... Devemos, pois, considerar o Coração de Maria como o modelo perfeito do zelo com que devemos ser devorados e como uma nascente abundante onde devemos ir bebê-lo"*[13]. *"Nós temos um direito especial a recorrer ao seu bom Coração: antes de mais nada pela consagração que fazemos de nós mesmos e de toda a nossa Sociedade ao seu*

[13] *Glosa 18 Regra Provisória Art. 3º p. 361*

Imaculado Coração... Poderemos pois com a maior confiança ir matar a sede nessa fonte inesgotável para obtermos todas as graças de que necessitamos para a nossa «santificação e a santificação dos outros".

2.5.8. A fusão entre as duas Congregações

Em 1848 deu-se a fusão da Sociedade do Espírito Santo com a Sociedade do Coração de Maria. Havia vários motivos para se fazer esta fusão: tinham a mesma finalidade, uma, debilitada pela Revolução Francesa tinha apoio legal, estruturas, história mas faltava-lhe a alma e a capacidade de garantir o futuro com um projecto sério de formação; a outra, não tinha apoio jurídico nem estruturas, nem passado mas crepitava de vida com um grupo generoso de jovens apaixonados pela missão. A segunda poderia aproveitar da existência legal, das estruturas e dos territórios de missão que estavam confiados à primeira.

Mas, para além disso, escreve o P. Gabon, que foi o grande historiador espiritano das origens, havia ainda um motivo superior: a grande afinidade de espiritualidade: ambas eram consagradas ao Espírito Santo, sob a protecção do Imaculado Coração de Maria.

"Você pertence ao Coração Imaculado de Maria e pertencer-lhe-á sempre."

A um missionário do Coração de Maria que temia que este Coração ficasse diminuído com a sua inserção na congregação do Espírito Santo, Libermann escreve: *"Você pertence ao Coração Imaculado de Maria e pertencer-lhe-á sempre. A nossa união com a comunidade do Espírito Santo só pode fazer crescer a nossa devoção e o nosso amor para com ente Coração que gerou a nossa pequena Sociedade. Sempre colocamos o nosso repouso e a nossa felicidade no Coração de Maria, repleto da abundância do Espírito Santo; se não exprimimos essa plenitude do Espírito Santo no Coração de Maria, ela constitui, no entanto, a essência da nossa devoção para com o Imaculado Coração de Maria. Pois bem: não mudamos! Apenas o que estava subentendido, o que antes já pressupúnhamos, exprimimo-lo agora..."*

No dia seguinte à fusão das duas Congregações, de que Libermann se torna Superior Geral, nos Regulamentos de 1849, que exprimem o suporte legal para as duas Congregações agora fundidas, pode ler-se: *"A Congregação... consagra os seus membros ao Espírito Santo, autor e consumador de toda a santidade e inspirador do espírito apostólico e ao Imaculado Coração de Maria, superabundantemente repleto, pelo Divino Espírito da plenitude da santidade e do apostolado e participando de maneira perfeitíssima na vida e no sacrifício de Jesus Cristo, seu Filho para redenção do*

mundo... Considerarão o Imaculado Coração de Maria como o modelo perfeito da fidelidade a todas as santas inspirações do Divino Espírito e da prática interior das virtudes da vida religiosa e apostólica. Nele encontrarão um refúgio a que recorrerão nos seus trabalhos e fadigas..."

É um texto-chave que está no coração da mística espiritana e que é elo de ligação das duas tradições de que somos herdeiros.

A fusão da Congregação do Espírito Santo com a do Imaculado Coração de Maria não foi apenas a junção de duas Congregações: ela veio pôr em evidência a união profunda que une o Espírito Santo a Maria no vértice e na plenitude da missão.

Foi este o nome que recebemos; é esta a missão e o programa que a Igreja nos confia.

"Considerarão o Imaculado Coração de Maria como o modelo perfeito da fidelidade a todas as santas inspirações do Divino Espírito e da prática interior das virtudes da vida religiosa e apostólica."

A descoberta do Espírito Santo
As primeiras intuições de Libermann *(continuação)*

- *Joseph Lecuyer*

François Liévin e o ensinamento de S. Paulo

Os dois correspondentes de que falamos no artigo anterior, M. Viot e M. Leray, são, na sequência cronológica das cartas de Libermann, as primeiras em que ele falou mais longamente do Espírito Santo. Na sua correspondência deste período com o seu irmão, o dr. Librmann, ele só aborda este tema uma vez, a 25 de Novembro de 1836 e os termos empregados correspondem às ideias que já lhe conhecemos:

"Vê o Espírito Santo que reside em pessoa no fundo da tua alma, pela virtude de Nosso Senhor. É Ele que nos move a darmo-nos inteiramente a Deus. Ele gostaria de actuar, mas tu lhe ligas os braços e as pernas com as tuas hesitações e os teus medos. Vê com que amor ele te impele e não o impeças de agir! Dá-lhe portanto, toda a liberdade e verás as grandes coisas que ele operará em ti"[1].

"Vê o Espírito Santo que reside em pessoa no fundo da tua alma, pela virtude de Nosso Senhor."

Admiramos uma vez mais a maneira tão concreta e tão imaginativa de exprimir o carácter pessoal do Espírito Santo, a sua acção que inspira e move ao dom total por amor e os obstáculos que nós lhe opomos.

As cartas a M. de Farcy, a partir de 1830, não contêm nada de novo a este respeito. Ao contrário, a correspondência com François Liévin, que começa em Setembro de 1834, merece toda a nossa atenção, não só por causa dos textos explícitos sobre o Espírito Santo, mas sobretudo por causa da estima extraordinária de Libermann para com este jovem seminarista, de quem ele escreverá uma curta biografia, após a sua morte prematura em 1837.

[1] *Lettres Spirituelles I p. 232*

As duas primeiras cartas que conservamos, falam-nos sobretudo do fervor dos seminaristas de S. Sulpício e da organização dos "bandos de piedade" em Issy.[2]; no entanto, a segunda destas cartas recomenda com veemência o despojamento de tudo o que não é de Deus, da recusa em se deter a olhar para si mesmo, para se voltar totalmente para Deus... A 22 de Outubro de 1836, François Liévin cai doente, na sua família. em Bapeaume (Pas de Calais). Libermann renova-lhe as suas recomendações em termos enérgicos: paz, despojamento, indiferença tanto diante da doença como diante da saúde:

"Considera-te nas mãos de Deus como um homem morto e destruído. Tu não tens mais nem vida nem sentimentos teus; tudo em ti é de Deus. Portanto, não vivas e não sintas a não ser em Deus e segundo Deus. Lembra-te que estás cheio do Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que é este Espírito Santo que quer ser ele só o único princípio e o único fim de todos os teus desejos, de todas as tuas afeições, e de todos os movimentos e tendências da tua alma. Portanto, não tenhas mais vida própria, mas deixa-o viver só em ti. Não procures nada nem tenhas qualquer movimento para ti mesmo, mas que ele seja o único motor da tua alma. É preciso que estejamos completamente mortos para nós e para todas as coisas; e então a nossa vida estará escondida em Deus com Nosso Senhor, a quem estaremos intimamente unidos com todas as forças da nossa alma; Se ela estiver inteiramente vazia das criaturas e de si mesma, o Espírito de Nosso Senhor será toda a vida nela"[3].

Palavras que à primeira vista parecem duras, especialmente se dirigidas a um doente mas que não são senão a aplicação na mais estrita lógica das expressões de S. Paulo, que já teremos reconhecido sobretudo nas do capítulo 3 aos Colocenses (Col 3, 1-3) que sabemos por Libermann serem não só familiares a François Lievin como o enchiam de alegria:

"Ele desejaria nunca agir a não ser sob a moção do Espírito Santo e não sentir na sua alma nenhuma alegria a não ser a que proviesse do Espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quando nos encontrávamos juntos, muitas vezes ele me dizia: Vamos, meu caro, é preciso morrer para que Nosso Senhor seja o único a viver em nós... Ele tinha sempre na ponta da língua algumas palavras de S. Paulo referentes à renúncia universal e sobretudo à vida bem-aventurada de Nosso Senhor em nós; e fazia sobressair a força e o vigor dos termos do santo Apóstolo... Tudo isto provinha do desejo ardente que ele tinha

[2] *É preciso completar a edição da Lettres Spirituelles I p. 111-117 com Notes et Documents I p. 219-222*

[3] *Lettres Spirituelles I 214-215*

de fazer reinar e viver nele o espírito de Nosso Senhor... A este propósito, lembro-me que no auge da sua última doença, quando alguém lhe repetiu este texto de S. Paulo: Mortui estis et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo[4], *ele acrescentou estas palavras: "Eis-te, portanto morto, meu caro amigo. Mas Jesus vive em ti; portanto tu tens ainda uma vida em ti, mas ela esta escondida com Jesus Cristo, em seu Pai. ..." Durante todo o tempo que disto se falava, ele estava como que numa grande alegria... e isso não me admira, pois as suas palavras exprimem bem todos os seus desejos e todos os sentimentos do seu coração*[5].

Esta longa citação fará compreender que a dureza, que parecera desumana por certos termos de Libermann, é a da mesma exigência de renúncia absoluta que a que Jesus exige a quem o quiser seguir e na realidade exprime uma ternura tão exclusiva como a ternura do próprio Deus. Isto manifesta-se ainda mais nas últimas cartas dirigidas ao jovem seminarista, já condenado pela doença:

"Tu sabes bem que tudo o que é da carne não é senão carne, ao passo que tudo o que é do Espírito de Nosso Senhor é amor e amor puro e todo celeste. Não tenhas medo, portanto, de ser obrigado a deixar este mundo que está cheio de corrupção e de horror; onde se ama tudo, excepto o nosso único amor... Meu caro irmão, abraço-te com ternura neste inefável e incomparável amor"[6].

Segundo o testemunho de Libermann, foi o Espírito Santo que tinha dado a François Lievin a capacidade de compreender tão pessoalmente a Escritura "sobretudo S. Paulo, que ele lia continuamente e que sabia quase de cor, à força de o ler e meditar diante de Deus"[7]. A Escritura *"foi dada pelo Espírito de Deus para a santificação das nossas almas; eis porque ele tomou a resolução, uma vez por todas, de nunca misturar qualquer curiosidade ou qualquer diligência ou contentamento de si mesmo..."*[8] *"Disposto desta maneira, num to-*

---

[4] *Esta citação latina da Carta aos Colocenses 3,3 sem dúvida devido à falta de algum copista está falseada; é preciso ler: cum Christo, in Deo, o que dá esta tradução: Vós estais mortos e a vossa vida esta escondida em Deus com Cristo, tal é o sentido que Libermann dá no contexto; de resto, algumas paginas mais abaixo, ele cita correctamente o texto latino, afirmando que era um dos textos preferidos de M. Levian (Ecrits Sipirtuels p. 632)*

[5] *F. Libermann Ecrits Spirituels Paris 1891 p 607-609*

[6] *Carta de 23 de Novembro de 1836: Lettres Spirituelles I p. 217. A última carta de 22 de Janeiro de 1838, não contém nada de explícito sobre o Espirito Santo: Lettres Spirituelles I p. 254-256*

[7] *Ecrits Spirituels p. 628 sobre o que se segue ver as excelentes observações do P. Blanchard, Le Vénerable Libermann I Paris 1960 p160-163*

[8] *Ibid. p. 629*

tal esquecimento de toda a ideia ou sentimento natural, ele começa por ter no seu interior uma grande disposição de paz, doçura e suavidade diante de Deus e, conservando-se assim num doce recolhimento, começava a leitura, não procurando compreender o que lia pelo seu próprio espírito, pelos seus esforços e as suas diligências, mas esperando que o Espírito Santo, que tinha inspirado esta bela doutrina lhe fizesse experimentar a prática no seu interior, à medida que ia lendo.[9]

Ora, continua Libermann, esta maneira de ler a Escritura proporcionou a François Lievin não só um grande proveito para a sua própria santificação como a possibilidade de penetrar *"no sentido destes textos com muito discernimento e mesmo com muita profundidade. Via-se bem, atendendo ao modo como ele explicava, que não era nos Comentários mas no Espírito de Deus que ele tinha apreendido o sentido"*[10].

Tal é verdadeira maneira de ler bem a Escritura: *"Se se quer compreender bem a divina Escritura, é preciso lê-la com o espírito com que ela foi escrita e não com espírito de curiosidade"*[11] De resto esta norma aplica-se também à leitura dos autores espirituais: *"Quando lê M. Olier, comece primeiro por se colocar no seu estado habitual de meditação diante de Deus; disponha-se interiormente a dar-se e a abandonar-se totalmente nas mãos de Nosso Senhor, afim de não mais viver nem agir senão sob a moção do seu divino Espírito de amor. É bom fazer isso tanto para a leitura da Escritura Santa como para a leitura de qualquer livro de piedade. Que o seu espírito não se ponha em bicos de pés para ver mais alto..."*[12] De resto é bom não se fazer ilusão: não é a multiplicidade de leituras, sobretudo a avidez de ler muito, que importa para o progresso espiritual: *"Leia portanto, pouco, e não ponha a sua confiança no que lê, mas no Espírito de Nosso Senhor que habita em si, e a quem é preciso unir e abandonar inteiramente a sua vontade. Eis, meu caro, a fonte de toda a perfeição"*[13].

Do que nos resta da correspondência com François Lievin e na pequena memória que dedicou a este último, creio que se pode captar a maneira como Libermann descobre a acção do Espírito Santo: mais que numa especulação abstracta ou nas leituras, é na sua experiência pessoal e também na dos outros, no contacto íntimo com as almas que

[9] *Ibid. p. 630*
[10] *Ibid. p. 631*
[11] *Carta a M Melbet: Lettres Spirituelles II p. 347*
[12] *Carta a um seminarista desconhecido, provavelmente de 1837. Lettres Spirituelles II p. 328*
[13] *Carta a um seminarista desconhecido, provavelmente de 1837. Lettres Spirituelles II p. 382*

buscam a Deus, experiência confrontada continuamente com a Palavra de Deus , lida e escutada, no Espírito, que Libermann capta e contempla a presença do Espírito de Jesus. Apoiada na promessa do Salvador, sobretudo no Evangelho de S. João e nos textos de S. Paulo, a sua fé discerne os sinais e os efeitos desta presença: luz, força, paz, desprendimento, vontade cada vez mais exigente de união a Jesus Cristo, num dom alegre sem reservas e numa recusa vigorosa de tudo o que podia constituir obstáculo a esta união.

Espírito Santo e santidade: as cartas a M.Carron

Em várias cartas dirigidas a M.Carron, o P. Libermann tira as conclusões dos princípios que ele tinha posto. È preciso viver num abandono total ao Espírito de Jesus "que quer ser tudo em todos[14].

É assim para a oração: *"não rezamos pelas nossas próprias forças e pelos nossos próprios desejos; deixemos o Espírito divino rezar em nós e por nós; abandonemo-nos plenamente ao seu movimento e à sua conduta"*[15].

"não rezamos pelas nossas próprias forças e pelos nossos próprios desejos; deixemos o Espírito divino rezar em nós e por nós.; abandonemo-nos plenamente ao seu movimento e à sua conduta"

É assim para o conhecimento que podemos ter de nós mesmos:

"Não devemos examinar o bem e o mal que há no nosso comportamento, mas viver como cegos segundo as admirabilíssimas vontades do nosso divino mestre; deixemo-nos manejar pelo seu divino Espírito e mantenhamo-nos na nossa baixeza e na nossa abjecção diante dele"[16].

Não devemos examinar as luzes que ele nos dá para esta união contínua e este abandono ao seu divino Espírito".[17]

"È preciso que nos abandonemos sempre ao divino Espírito de Nosso Senhor, com as disposições de um pobre homem, cheio de conhecimento e de experiência da sua própria miséria".[18]

"È preciso que nos abandonemos sempre ao divino Espírito de Nosso Senhor, com as disposições de um pobre homem, cheio de conhecimento e de experiência da sua própria miséria."

"Abandone a sua alma à conduta de Nosso Senhor e do seu divino Espírito. Só ele é que deve ser o seu guia sem qualquer intervenção da sua parte... para não ser conduzido senão pelo divino Espírito".[19]

Abandonemo-nos ao nosso bom Mestre e ao seu divino Espírito. Mantenhamo-nos na nossa miséria e na nossa extrema pobreza diante dele".[20]

[14] *Carta a M. Carron de 17 de Outubro de 1837 (Let. Spir. I p 327)*
[15] *Carta de 28 de Março de 1838 (ND I p 501)*
[16] *Ibid. p. 503*
[17] *Carta a M. Carron de 31 de Março de 1838 (Let. Spir. I p. 454-455)*
[18] *Carta de 31 de Agosto de 1838 (Let. Spir. II p. 92)*
[19] *Carta de 15 de Fevereiro de 1839 (Let. Spiri.II p. 190)*
[20] *Carta a MM. Carron e de la Brunière de 1838 (Let Spirit. I p. 503)*

"Abandono ao Espírito Santo! Esta palavra aparece constantemente na correspondência do P. Libermann com M. Carron."

Abandono ao Espírito Santo! Esta palavra aparece constantemente na correspondência do P. Libermann com M. Carron. Libermann está convencido que é por aí que se imitará Jesus Cristo, pois este sempre se deixou conduzir pelo Espírito Santo.

"Jesus é o nosso modelo; é preciso que nós façamos em ponto pequeno o que ele fez em ponto grande, ou antes, que o seu divino Espírito que deve actuar em nós em ponto pequeno e que ele operava em grande na humanidade santíssima do nosso Mestre. Ora o Espírito Humano de Nosso Senhor viu porventura alguma coisa pela sua própria luz?"[21]

No período em que escreve estas linhas, parece que Libermann tinha meditado particularmente na acção do Espírito em Jesus Menino; alguns dias antes ele desejava a Paul Carron:

"Que Jesus, lhe dê o seu Espírito Santo de menino e que ele viva em si como tal!"[22] *" Que o Espírito de Jesus Menino encha a sua alma e o faça viver divinamente criança."*[23]

Ele tinha mesmo explicado que, desta maneira, Jesus ele mesmo continuava em nós a sua vida de criança *"a sua vida de amor e de abandono...escondida no fundo das nossas almas, tal como era na pobre casa de Nazaré".*[24]

Quer isto dizer que Libermann nos convida a ignorar toda a sabedoria e toda a prudência humana? Certas expressões poderiam dar-nos essa impressão; é assim que ele recomenda a M. Carron para não se ocupar dos "bandos de piedade" que, se Nosso Senhor o inspira segundo "a abundância do seu amor e do seu divino Espírito na sua alma" acrescenta: "mas, se é preciso um argumento para o convencer, não faça nada". Não há nesta orientação todos os perigos do subjectivismo, ou até de iluminismo e de quietismo? A questão foi muitas vezes levantada a respeito de Libermann e o P. Blanchard respondeu com a sua precisão habitual:

"Sem sair do nosso tema, pensamos que o ensinamento sobre o Espírito Santo que aqui examinamos, em particular as cartas a M. Carron, dão já uma resposta muito esclarecedora. Digamos numa palavra que o abandono ao Espírito Santo não é ama atitude de passividade, mas pelo contrário, uma atitude habitual e voluntária de disponibili-

[21] *Carta a M. Carron de 31 de Março de 1838 (Let. Spir. I p. 453. Ver também a carta a um seminarista desconhecido II p. 407)*

[22] *Carta de 4 de Janeiro de 1838 (ND I p. 493)*

[23] *Carta de 4 de Janeiro de 1838 (Ibid. p. 493) Ver expressões semelhantes nas cartas a outros correspondentes. (Let. Spir. I p. 400, 401, 402, 413)*

[24] *Carta de 3 de Fevereiro de 1838 (Let. Spirit. I p. 409. Ver também a carta de 3 de Fevereiro a um seminarista desconehcido ibid. p. 413)*

dade ao Espírito de Deus, ou se se quiser, a disposição energicamente mantida de não fazer senão a vontade de Deus; isso supõe, de facto, uma recusa constantemente renovada de qualquer outra luz ou motivo de acção, de qualquer outro desejo voluntário, o que na realidade corresponde a "deixar-se a si mesmo", isto é, a afastar decididamente todo o motivo de amor próprio e de egoísmo, para seguir o movimento de amor "difundido nos nossos corações pelo Espírito Santo", que nos impele a sair de nós mesmos para nos darmos a uma pessoa amada, a Deus e ao próximo"[25]

Em todo o verdadeiro amor, há uma exigência de "êxtase", de perda de si mesmo no ser amado; não nos olhamos mais, perdemo-nos de vista, não vemos mais nada senão o outro. As expressões de Libermann são desconcertantes para quem não compreendeu esta exigência do amor: Vejamos, por exemplo, estas linhas dirigidas a M.Carron:

"Deixemos agir o nosso dulcíssimo Mestre... No estado de cruz em que o senhor se encontra, tem uma necessidade muito particular de se manter morto diante dele e perdido no seu divino Espírito. Que faria se Jesus não trabalhasse como mestre e como soberano mestre? Mantenha-se sempre como nada e como não existindo diante dele. Não se veja nunca a si próprio. É preciso que a seu respeito o senhor seja como se nunca tivesse existido. Já lhe disse várias vezes: é preciso que a vontade divina trabalhe sobre si e em si como ela trabalhou sobre o nada, É preciso, entre nós, que o que é seja destruído para que o que não é se estabeleça. È preciso, portanto, a ruína total da carne, com tudo o que ela tem, e o que ela quer, de tal maneira que com tudo o que ela é nela, para que Jesus e o seu divino Espírito tomem o seu lugar"[26].

Nulidade, não existência, morte, aniquilamento de si mesmo: todas estas palavras exprimem à sua maneira a mesma atitude fundamental de quem compreendeu que para "amar a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu espírito" não se pode logicamente ficar a pensar em si mesmo. Da mesma maneira, na acção, evitar-se-á deixar-se levar pela necessidade instintiva de agir, de falar, de levar a bom termo o que se começou. Paul Carron não estava isento deste defeito, como se vê pelas linhas seguintes:

"Nulidade, não existência, morte, aniquilamento de si mesmo: todas estas palavras exprimem à sua maneira a mesma atitude fundamental"

"Tenha cuidado em não se deixar arrastar pela torrente das ideias e das palavras... Corre-se o risco de que não seja Nosso Senhor que as faça falar, mas que seja a sabedoria do nosso espírito, que isto seja um certo deixar correr e um

[25] *Ver as expressões já encontradas na carta de 30 de Setembro de 1837 (Let. Spirit. I p. 301, 306)*

[26] *Carta de 29de Abril de 1838 (Let. Spir. I p 492-493)*

movimento do nosso espírito que se porta como um máquina que foi accionada. Nosso Senhor terá começado a accionar esta máquina e ela continua sempre a avançar, apesar de já não ser a mão de Nosso Senhor a accioná-la. Não seria mais um movimento interior do Espírito Santo, mas um certo impulso dado que continua. M. de Brandt e eu concordamos em dizer-lhe isto. Havia um pouco este defeito; eu perguntei-lhe se você não tinha caído algumas vezes e ele disse-me que julgava que sim".[27]

"o grande obstáculo ao verdadeiro abandono ao Espírito Santo, é portanto, o amor próprio."

De facto, o grande obstáculo ao verdadeiro abandono ao Espírito Santo, é portanto, o amor próprio. Libermann descreve os seus malefícios numa carta vigorosa de 15 de Fevereiro de 1839 a Paul Carron; este ultimo, diz ele, tinha caído muitas vezes neste defeito, mas que nem por isso ele se desencorajava.

"Quando o tempo da manifestação chegar o senhor verá mais claro; só então o senhor terá um verdadeiro conhecimento das coisas divinas e poderá começar a adquirir a verdadeira prudência cristã e o discernimento dos movimentos do Espírito Santo e dos movimentos da natureza ou do demónio, tanto em si como nos outros".[28]

Discernimento das moções do Espírito Santo; sobre este ponto fundamental, o P. Libermann deu numerosa indicações, que o P. Blanchard recolheu com cuidado. Será preciso voltar a este ponto na sequência da nossa investigação.

A 19 de Novembro de 1839, Libermann escreve a M. Carron para lhe anunciar que deixou Rennes e que se ocupará daqui para diante da Obra dos Negros. Em breve o acompanharemos nesta nova pista, para onde o impelia Espírito de Deus.

(continua)

[27] *Carta de 16 de Janeiro de 1838 Let. Spirit. I p. 392-393, com as correcções de ND I p. 492*

[28] *Ibi.p194*

Sobre a personalidade Psico-Humana do P. Libermann Traços para a sua definição extraídos da Correspondência dos seus dois últimos anos de vida (1851-52)

- *Manuel Gonçalves*

Na bibliografia libermanniana, dentro da Congregação e colocada ao alcance do público, abundam as publicações, em livros e artigos esparsos por revistas, sobre a espiritualidade do P. Libermann, seja espiritualidade em sentido genérico (como "Vida no Espírito"), seja espiritualidade com referência e enfoque na consagração missionária. Em ambos os aspectos e campos, o P. Libermann, no conjunto dos seus escritos, mas particularmente nas Cartas, oferece farto material para estudo e investigação, de onde ressalta uma personalidade fortemente moldada pela graça de Deus, e onde se descortina, implícita nos actos e ditos, como substracto de fundo, uma condição humana rica de potencialidades e equilíbrio humano.

À partida, considerando que a epilepsia de que veio a sofrer o P. Libermann, sem dúvida devida aos maus tratos infligidos ao seu crâneo, aquando dos seus estudos em Metz com um Mestre-Rabino sobre o Talmud, marca a fisiologia cerebral com eventual lesão no córtex cerebral e possível afectação das sinapses neuronais, o que dimimui a resistência ao trabalho intelectual e o equilíbrio emocional, à partida pode haver a tentação de imaginar o P. Libermann como pessoa humanamente diminuída, e, como tendência geral de quem é afectado por essa doença, dobrado sobre si mesmo e emocionalmente instável. Infelizmente, a estampa corrente que retrata o "facies" do P. Libermann, sugere a imagem de uma pessoa tristonha, cansada, com cara algo tumefacta na região das maçãs do rosto. Ao contrário, o busto corrente, sugere uma

visão bastante diferente, seja porque o escultor terá conhecido o P. Libermann, seja porque os confrades lho descreveram como ele era do ponto de vista humano: rica personalidade, humilde mas cheio de mansidão, bondade e calorosa relação humana, atraentemente afável. Alíás, é desse jeito o retrato psicológico que dele esboçou o P. Levavasseur, após a morte do Fundador, dissertando sobre as virtudes e maneira de ser do amigo de Seminário e de convívio em Comunidade, segundo iniciador da Congregação. Acho precioso, para uma definição dos traços humanos do P. Libermann, o testemunho do P. Levavasseur que está consignado no fim do vol. XIII de Notes et Documents, páginas 625-647. O busto esculpido do P. Libermann, ao contrário das estampas, vai nessa linha: crâneo braquicéfalo, caixa torácica bem desenvolvida, e todo um ar de pessoa calma e auto-controlada, afável no trato e acolhimento das pessoas. Analisando a correspondência de Libermann na fase final da sua vida, é justamente essa a imagem que se retém, perceptível sob o desgaste que a doença e o excessivo trabalho com a direcção da Congregação e a atenção que prestava aos problemas missionários relacionados com o Instituto, possam ter provocado no seu organismo e fisiologia cerebral. No fim de contas, sobre a psicologia e maturidade humana do P. Lbermann, o que vem à mente é que a ele se aplica perfeitamente o antigo prolóquio da Teologia medieval: "a graça aperfeiçoa a natureza" ("gratia perficit naturam"), aperfeiçoamento tanto no sentido de que a graça apura a qualidade humana herdada, como no sentido de que traz ao de cima potencialidades escondidas no conjunto psico-físico da pessoa.

"se abunda a literatura sobre a espiritualidade libermanniana, parece haver campo aberto para estudo e pesquisa sobre a sua enorme riqueza humana"

Por outras palavras: se abunda a literatura sobre a espiritualidade libermanniana, parece haver campo aberto para estudo e pesquisa sobre a sua enorme riqueza humana: bom senso, sentido prático, qualidade afectiva, tacto administrativo, visão realista das questões a ponto de não descurar a consideração dos pormenores e a variedade das circunstâncias, tudo isso é palpável nas Cartas da fase de maturidade da sua vida. Que indicia este conjunto de qualidades, senão uma personalidade humana rica e atraente?

2. ACENO BIBLIOGRÁFICO:

No campo da espiritualidade libermanniana, podem citar-se, além dos numerosos artigos do "Grupo de Estudos Espiritanos" que funcionou junto do Generalato nas décadas de 1960 e 1970, e que foram postos a público nas colecções vindas de Roma "CAHIERS SPIRITAINS" - uns 23 cadernos" ,e

depois do P. Franz Timermans, nas colecções "Spiritains aujourd'hui" (uns 5 opúsculos) e "Vida Espiritana" (5 opúsculos também). Dos "Cahiers", a maioria foi traduzida para inglês, mas nada para português; a "Vida Espiritana", onde se trata particularmente da vivência espiritana a nível da consagração e da Missão, há a tradução inglesa de todos os fascículos, mas em português apenas o nº 5 sobre a "Comunidade Espiritana". Nuns e noutros, contudo, ocorrem também alguns escritos sobre a espiritualidade dos Fundadores.

Como selecção dos textos libermannianos mais significativos, é valiosa a obra do P. Alphonse Gilbert "Le feu sur terre", traduzido para português com o título "NAS TUAS MÃOS, SENHOR". Do mesmo autor é o opúsculo "Tu as mis ta main sur moi", que a Espiritana Ir. Joaquina traduziu para português com o título "Colocaste sobre mim a Tua mão".

Em português, merecem referência os dois livros do P. Agostinho Tavares: "Como leve pena"–orar ao sopro do Espírito" - e "Caminhos do Espírito, duas vidas, um projecto missionário" (sobre os dois Fundadores).

Do P. Amadeu Martins, estão publicados "Libermann –espiritualidade missionária", e "A minha'alma é irmã da tua" (também existente um texto primigénio com título inverso- "A voss'alma é irmã da minha), onde o autor, com citações, faz uma aproximação da espiritualidade do P.Libermann e a de Santa Teresinha do Menino Jesus". Por publicar e guardados no Arquivo Provincial, ainda do sempre lembrado P. Martins, há: "Libermann, formador de sacerdotes" (também com o título "Libermann, distribuidor dos dons de Deus aos sacerdotes" –88 páginas), "O Espírito Santo na vida e escritos do P. Libermann" – 215 pg; "A Vida Consagrada segundo Libermann" –64 g; "Libermann e a terra prometida da união com Deus" –242 pg; "Uma quase auto-biografia do P. Libermann –368 pg; "Libermann, Apóstolo de Maria" (também com o título "Maria, Mãe de Deus e Mãe dos homens segundo Libermann—156 pg.; "Liberman e o sofrimento"-240 pg: "Libermann, o amigo do homem negro" –55 pg; "Espiritualidade missionária do P. Libermann" –220 pg. em 2 volumes; "Libermann, mensagem para o nosso tempo" – 370 pg. em 2 volumes. Finalmente, um ficheiro sobre os escritos do P. Libermann. E a concluir, também do P.Amadeu, "História da Congregação – I fase, de Poullart des Places até à morte de Libermann".

Um livro de fundo é a obra do P. Paul Coulon e colaboradores, com prevalência para os aspectos históricos, titulado "LIBERMANN"; e, de espiritualidade, o pequeno livro do P. Arsène Aubert, "Prier 15 jours avec Libermann";.

Em castelhano, salientem-se os 6 volumes do P. Ramos

Seixas sobre os Fundadores, com destaque para Libermann – "Antologia Espiritana"; e ainda, do P. Heliodoro Machado, "Viviendo la misión de Jesús sobre las huellas de Libermann". Depois, há breves biografias do P. Libermann, em português e francês, de carácter popular.

É de referir ainda o esforço dos confrades da Província de França, com a publicação de vários números de "Mémoire Spiritaine" (15 números até hoje) com prevalência para os temas de carácter histórico sobre a Congregação e alguns membros que a ilustraram, mas onde também aparecem temas de espiritualidade espiritana.

Mas voltemos à personalidade do P. Libermann, começando por fazer uma ideia do seu assíduo trabalho com a correspondência, apesar das limitações de saúde, que ele próprio refere nas suas cartas de 1851-52. Para os 49 anos da sua vida (nasceu em 12 de Abril de 1802, e por isso, à data do falecimento em 2 de Fevereiro, faltava só mês e meio para atingir meio século de vida) ter realizado a obra que realizou, nas condições que eram as suas, só é possível com um profundo amor à Missão e à Congregação, e uma presença, digamos em termos antigos, "sanante e elevante" da graça de Deus, actuando na sua psicologia humana.

3. ESTATÍSTICA DA CORRESPONDÊNCIA

Cartas escritas em 1850: 184, sem contar os Relatórios e Memoranduns para a Santa Sé e o Governo, sem mencionar o trabalho de revisão das Constituições depois da Fusão de 1848, onde o P. Libermann pôs um notável cuidado em que os Bispos diocesanos não tivessem poder para interferir na vida interna da Congregação, em particular na eleição do Superior Geral.

ESTATÍSTICA DE 1851: 149 cartas, assim distribuídas: aos confrades, 57; a Bispos em França, 5 (uma, sobre a Comunidade de Bordéus); a Bispos e Prefeitos Apostólicos das colónias, 22; a Religiosas, 8; ao Provincial S. J. (questão da organização missionária em Madagascar e "les petites îles", e um colégio que os Jesuítas previam para Bourbon; Aos familiares, 17 (9 aos irmãos Sansão e Júlia, e 8 aos sobrinhos Xavier, Henry, Marie e Théodora); à Propaganda Fide, 11 (sem contar os Relatórios); ao Governo, 23 (8 para o Ministério da Marinha e 15 para o Ministério dos Cultos); a Governadores coloniais: 1 (Guiana); a Leigos, 11; a sacerdotes em França, 2. O seu secretário P. François (que o secretariou por 3 anos mas não escreveu cartas, até porque o P. Libermann o tinha por desorganizado, chegando a tratá-lo por "sauvage" (ND. Pg.58-599), 26, mas também o apresentou ao Superior de Bourbon, P. Collin,

como um confrade cheio de boa vontade e generoso, embora um tanto infantil, (pg. 30-31.72).

4. OS ACHAQUES E LIMITAÇÕES DE SAÚDE CITADOS NAS CARTAS:

Fortes dores de cabeça (*"mes chères migraines"*. ND.pg XI). Escreve em 18.3. 1851: "*tenho que ser breve, porque tenho dor de cabeça, e depois de cada frase deixo a pena para segurar a cabeça com as mãos* (pg.78). Em 3 de maio de 1851, escusando-se junto de Mgr. Kobés por não poder aceitar o convite a visitar a Guiné: *"tenho andado a pé, e só raramente tenho ido à cama; mas de vez em quando tenho cólicas de fígado e de estômago, e não consigo caminhar meia hora sem ficar depois exausto para o resto do dia; todas as manhãs, tenho um pouco de febre."* Sugere alguma dificuldade de natureza cardíaca, talvez taquicardia, quando escreve: *"quando me sinto sem forças, tenho sempre 80 pulsações, e muitas vezes cerca de 100; sinto então abatimento, agitação e calor (ND. Pg. 127). Também conta as suas dificuldades com humor:" considero-me mais africano que vós, os missionários, pois tenho tido todas as doenças de África: febre perniciosa e hepática, desinteria "(ND. P.78). Apesar disso, o seu trabalho é enorme. Escreve em 20. 2. 1851: "de há 18 anos para cá, a minha vida tem sido "une galère"* (p. 40), isto é, uma "escravidão". Nessa carta ao P. Blampin, confessa que, enquanto lhe escrevia, foi interrompido mais de 20 vezes. Pelas cartas, é fácil de ver porquê. Os Bispos das colónias, quando vinham a Paris não largavam o P. Libermann, que por vezes até tinha de tratar assuntos como os paramentos episcopais, e um "trono" do jeito que o Bispo queria (pg. 21-22), para o que apresenta um orçamento ao Ministério da Marinha (ND. Pg.61-65). De facto, tudo o que diz respeito à actividade missionária nas Colónias, sobretudo em relação com os Ministérios dos Cultos e da Marinha, lhe passa pelas mãos, ou é consultado pelo Governo: organização de dioceses e Vicariatos ou Prefeituras Apostólicas, nomeação de Bispos e Vigários, movimento e colocação do pessoal missionário. Tem de tratar dos assuntos dos Bispos missionários quando eles vêm a Paris. Por isso, escreve ao P.Blampin: *"depois da partida dos Bispos, ficarei mais tranquilo"* (ND.p.40). E em 20 de Fevereiro: *"até que enfim estou livre, espero, deste duro "cativeiro", apertado de todos os lados, sem poder repousar nem ter um instante para poder conviver com os meus caros confrades " (pg.43); os Bispos estão agora prestes a partir, e os assuntos deles concluídos" (ND.p.43). Assim, poderei ser mais pronto a responder às vossas cartas".*

"tudo o que diz respeito à actividade missionária nas Colónias, sobretudo em relação com os Ministérios dos Cultos e da Marinha, lhe passa pelas mãos"

Examinando as cartas de 1851 e 1852, descobrimos então como traços que definem a personalidade do P. Libermann, o seguinte:

"Notável bom-senso, sentido prático, e arte de lidar com as pessoas, incluindo as Autoridades governamentais."

1.Notável bom-senso, sentido prático, e arte de lidar com as pessoas, incluindo as Autoridades governamentais. É interessante ver como foi o relacionamento do P. Libermann com o seu secretário P. François (ver ND, pgs. 36. 58-9, 30, 3-4). Apesar de o considerar um tanto infantil, pede-lhe, quando ele viaja para Bourbon, que passe pela Maurícia, para onde levava cartas, e veja se tem razão o P. Levavasseur, que, de passagem por lá, achara deficiente a vida de comunidade dos confrades (pg.19-20). Para apoiar a afirmação do bom senso e sentido prático do P. Libermann, basta citar os casos seguintes que chegaram à sua mão, e sobre os quais se lhe pediu opinião, ou ele próprio teve de decidir, a bem da Congregação e da Missão.

1.1: Consultado sobre uma diocese a criar no Haiti, com sacerdote local que se auto-propunha (no que era apoiado por um conterrâneo crioulo que sonhava ser coroado "imperador do Haiti"), projecto que seria apoiado financeiramente por um amigo de Saint-Domingue, possuidor de casas e plantações no Haiti, Libermann, depois de se informar junto de pessoas do país, responde: "não é aceitável". E justifica: é verdade que esse senhor possui tais bens, mas as casas estão em ruínas, e os terrenos estão meio abandonados e por cultivar.

"Recusa a jurisdição do Arcebispo de Paris sobre a Congregação"

1.2: Recusa a jurisdição do Arcebispo de Paris sobre a Congregação (pg.211-214, 188-9). O Arcebispo argumentava deste jeito: as antigas Constituições da Congregação colocavam a Congregação, que na área da diocese tinha só o Seminário colonial, sob sua jurisdição, tendo o Arcebispo o direito de confirmar a nomeação dos Superiores, e devendo os membros rezar pelo Arcebispo. Essas primeiras Constituições foram aprovadas pela Propaganda Fide, que mudou somente um ponto: quanto às Obras Missionárias, a Congregação dependeria somente da Propaganda. Explica o P. Libermann: em 1847, o P.Legay, entendendo que a única razão pela qual antigamente a Congregação ficou dependente do Arcebispado era o facto da localização do Seminário em Paris, aceitou a dependência..Mas, desejando alargar o campo missionário, eliminou os artigos referentes a essa jurisdição episcopal, e pediu a Roma que, no plano missionário, a Congregação dependesse só da Propaganda, e nesse pé a nova versão das Constituições foi aprovada pela Propaganda, que, voluntária ou involuntáriamente, nada disse e não consultou o

Arcebispo parisiense. O decreto romano foi executado pelo P. Monnet, que também nada disse ao Arcebispo. Com base nisto, embora o P. Libermann tivesse apresentado desculpas ao Arcebispo e explicado as mudanças feitas e o seu motivo, o Arcebispo, irritado, escreveu a Libermann uma carta "muito severa", depois recusou jurisdição pastoral a um missionário recém-chegado, e ameaçou fazer o mesmo com todos. Declarou pura e simplesmente que a Congregação perdera a existência legal, mesmo perante o Governo, que só tinha aprovado as Constituições originais, "indevidamente mudadas", isto é, sem consentimento do Arcebispo, e só a recuperaria quando voltasse às primeiras Constituições. Houve depois consequências: para herdar ou receber doações, o Governo exigia o "placet" do Arcebispo, que duas vezes recusou, fazendo perder à Congregação o benefício de um testamento (M.me de Maulévrier) e uma doação de 2.000 francos (pg.189-90). Libermann tentou convencer o Arcebispo a consultar Roma, o que ele recusou, querendo "nous obliger à nous rendre" –nada menos que uma "rendição"! É interessante o que diz Libermann em carta de 6 de Julho de 1851, ao Bispo missionário Mgr. Cousseau: "seja como for, o meu Conselho acha que podemos aceitar a doação", o que significava "saltar por cima do Arcebispado". E contra-argumenta: a aprovação primitiva da Propaganda dizia respeito à Congregação, e não às Constituições, onde apenas exigiu que fosse reservada a ela a confirmação da eleição do Superior Geral e as questões relacionadas com a Missão. Humildemente, Libermann reconhece que fez mal a Propaganda em não ter avisado o Arcebispo, tendo os Superiores que modificaram o antigo texto cometido falta semelhante. Queria o Arcebispo que Libermann requeresse à Santa Sé o retorno à primeira situação; Libermann tardou a fazê-lo (o que irritou mais o Arcebispo), "por respeito pela pessoa do Arcebispo", diz; mas acabou por fazê-lo, pedindo no entanto ao Prefeito da Propaganda que levasse o assunto devagar, para que o tempo ajudasse a ver melhor todas as circunstâncias e dados do diferendo, e até o Arcebispo se convencer que os Espiritanos não estavam contra ele, e aceitavam a sua jurisdição, mas só no plano pastoral, ficando reservada à Propaganda a jurisdição sobre a Obra missionária; foi neste sentido que a situação veio a ser esclarecida. Entretanto, Libermann conseguira um apoio de peso, o do Bispo de Amiens, que , reparando que a obra principal da Congregação, o Noviciado, se situava na sua diocese, achava que o Arcebispo exagerava, ao pretender ter jurisdição sobre uma Congregação cuja obra primeira estava fora do seu território. Serenamente, Libermann acrescentava: a nossa situ-

ação perante o Arcebispo tem de ser a mesma das outras Congregações, a quem (pelo Direito geral da Igreja) se exige apenas que "dependam do Ordinário", o que evidentemente se refere à comunhão pastoral. Conclui Libermann: *"a nossa existência legal é a mesma do passado, e é semelhante à das outras Congregações, por exemplo, os Lazaristas."*

"Calma, clarividência, sentido missionário, vêm ao de cima neste modo de agir do P. Libermann"

Calma, clarividência, sentido missionário, vêm ao de cima neste modo de agir do P. Libermann (ND,pg. 211-214, 188-9).

Aparecem, nas cartas, breves conselhos de orientação, que demonstram o equilíbrio do P. Libermann: na administração, escolham sempre a altura propícia (em 21.2. 1851) –ND.pg.64. Recomenda aos Bispos missionários que, na relação com os Ministérios, façam sempre tudo de maneira correcta, para não porem em jogo a subvenção aos missionários. A Mgr. Lacarrière, de partida para a Guiné, recomenda que marque a viagem de modo a chegar lá em Abril, evitando uma transição brusca de clima, e recorda-lhe que não se esqueça de agradecer aos Ministros da Marinha e dos Cultos um donativo recebido e a oferta do báculo –escreve-o no dia da própria ordenação (pg.62-63), e em seu favor apresenta ao Ministério da Marinha um pedido, com orçamento, do mobiliário de que o Bispo precisava. "Outro exemplo de equilíbrio diz repeito ao seu sobrinho Xavier, que frequentava o Seminário Menor do Gard. Revelou ele ao Director, P. Schwindenhamer, que desejava avançar até ao sacerdócio. Informado disso, o P. Libermann prefere ser discreto e não intervir, deixando tudo a cuidado do Responsável. Quanto ao sobrinho Henry, avisa o pai de que ele em Paris tem gasto demasiado dinheiro com falsos amigos, e que seria prudente chamá-lo para a família em Estrasburgo(ND.p.65.237)." Ao P. Du Cosquer, missionário na Guadalupe, escreve em 21.6.1851: "nesse território há muita gente dada a mexericos, e sei que tendes sofrido por isso; daí, resultou divisão entre o clero, com prejuizo para a acção do Bispo. Recomendo-lhe que leve tudo com paciência, mas, não se prenda à pessoa do Bispo, mas à de Cristo, por cuja causa se dedicou; mas não abandone o Bispo, pois outros o fariam também, com prejuizo para a Igreja (ND.p 197-201)

-Consultado pela Propaganda sobre o a oportunidade de dar seguimento ao projecto de um tal P. Gervy, que desejava fosse criado e confiado a ele uma Prefeitura na Índia, a 1000 Km. de Pondichéry (a área de Chandernagor), responde Libermann que o projecto é demasiado imaginário e pouco realista, tanto mais que esse sacerdote não conhece a área nem o povo. E propõe alternativa: que ele se integre no clero de Pondichéry, onde poderia receber, como os restantes missionários, pensão do

Governo, e, depois de estudado melhor o assunto, se deixasse a decisão da Prefeitura para mais tarde (ND.18-21, 218).

-Estando doente em Bourbon o Superior P. Collin, Libermann nomeia seu Assistente o P. Blampin, com receio de o Superior vir a falhar, e recomenda que nessa eventualidae os confrades façam um escrutínio secreto para escolher um Superior interino, até que se nomeie um definitivo. Na carta, o P. Libermann conforta o P. Collin, em dificuldades com alguns confrades, e vai dizendo ao P. Levavasseur que pensa trazer um dia o P. Collin para o Gard, onde há falta de directores (pg.17-18).

-Missionários de passagem pelo Gard, entre eles Mgr. Kobès, fizeram chegar a Libermann um juizo algo negativo sobre a orientação dada à Obra pelo Director: que ele perdia muito tempo com algumas devotas (entre elas uma falsa mística, Soeur Elisabeth), que não era igual no tratamento com os alunos, e que queria obras apenas para mais conforto. O P. Libermann explica e defende o Director, nota que as instalações da casa são bastante modestas, e que o P. Schwindenhamer se deixa ajudar. No fim da carta e nas "Notes et Documents", o Director ajunta a seguinte explicação em sua defesa: "não era fácil suceder ao P. Lbermann como Director da Obra do Gard".

-O diferendo entre Mgr. Kobès e o P. Bourget, por Mgr. ter decidido que, por cada missionário (uma vez que Libermann afirmava dificuldades financeiras com a tripla Obra do Gard, cujos dinheiros estavam perto do zero (ND.pg.228-9). Mgr. Kobès decidiu então que cada missionário garantisse 1000 Fr. para o Seminário. Bourget escreveu uma carta insultuosa a Libermann, que lhe respondeu com serenidade. Mas, em vez de mandar a carta ao próprio, enviou-a a Mgr. Kobès, pedindo que a leia, depois visite o confrade para o acalmar, e lhe entregue a carta. Bourget, depois, quis abandonar a Congregação. O P. Libermann diz a Kobès que o desligue dos votos, mas que ele não pode continuar residindo na Missão ND. P. 152-4).

"O diferendo entre Mgr. Kobès e o P. Bourget, por Mgr. ter decidido que, por cada missionário (uma vez que Libermann afirmava dificuldades financeiras com a tripla Obra do Gard, cujos dinheiros estavam perto do zero"

Libermann responde de maneira cautelosa a um pedido de opinião, vindo do Ministro, sobre um missionário reenviado da Guiana (abbé Villot) –pg.66-67: nota que fora bom padre, mas decaira na idade madura, e desejava substituir, só por ambição, o Bispo Mgr. Dossat, a quem fazia guerra surda: Libermann evita tomar posição, e diz que o melhor é aceitar que ele se retire, e um dia receba uma reforma, pois não seria conveniente dar-lhe serviço noutra colónia. (p.66-67).

Em 1851, Kobès convida o P. Libermann a visitar a Guiné. Escusa-se, alegando os seus problemas de saúde, e a necessidade de estar perto do Gard, e ainda por causa de problemas pendentes. Mas propõe enviar em seu lugar, o P. Levavasseur (ND.p101. 127. 153).

"Quando necessário, o P. Libermann vai directo aos problemas"

-Quando necessário, o P. Libermann vai directo aos problemas: repreende o P. Arragon, por ele se assinar, nas cartas, como "Missionário do Espírito Santo". Pergunta: abdicou do Coração Imaculado de Maria? Continua: deve assinar-se como "Missionário do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria"; e deve endereçar assim as cartas que me manda: "Superior da Congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria." E explica: "é que só o Seminário Colonial manteve a designação de "Espírito Santo". Agora, a Congregação tem as duas invocações (ND.122-23).

"Curioso, é o modo como o P. Libermann lidou com o seu secretário por 3 anos, o P. François. Podemos admirar aí o interesse de que rodeava as pessoas, mas também como era exigente, e como sabia lidar com pessoas que arrastavam problemas consigo."

-Curioso, é o modo como o P. Libermann lidou com o seu secretário por 3 anos, o P. François. Podemos admirar aí o interesse de que rodeava as pessoas, mas também como era exigente, e como sabia lidar com pessoas que arrastavam problemas consigo.

Como foi dito, reprova ao secretário a sua desorganização, não receando apodá-lo de "selvagem" (pg.58-9). Depois, o secretário arrastava consigo dois problemas: perda de auto-estima, porque via que outros confrades pregavam bem, e ele achava-se incapaz. Por fim, andava agitado, pela ânsia extemporânea de ir para as Missões –uma autêntica obsessão. Até pregava bem, escreve o P. Libermann, mas parecia impossível convencê-lo disso. Até que um dia, o Superior trama o seguinte: convidou-o para uma pregação em certo dia de festa, e foi ouvi-lo, escondido atrás de um painel da capela. Ficou encantado: "fundo sólido, forma excelente". No fim, o P. Libermann procurou-o para o animar, mas ele tinha-se escondido. Envia-o para o Gard, recomendando a Schwindenhamer que o ajude a evoluir, pois é impetuoso e ao mesmo tempo tímido e acanhado. Finalmente, faz-lhe a vontade de uma experiência missionária, perguntando ao Director do Gard se acha bem o que lhe ocorre: "mandar o P. François para a Guiné ou a Guiana, é mandá-lo para a sepultura, visto o temperamento que tem. Bourbon parece ideal para ele, pelo clima e o bom ambiente comunitário –o P. Schwindenhamer acha que é acertado (ND. Pg. 78). Em carta ao P. Collin, o P. Libermann apresenta-lhe o P. François, traçando com perspicácia o seu perfil psicológico, informando tê-lo autorizado, como pedia, a jejuar três vezes por semana e fazer duas horas de oração diária (ND.p.72). Mas diz: convém vigiá-lo, pois ele tende ao exagero; ele tem bom fundo, mas é infantil e de uma natureza em ebulição (pg.72).. Apesar disso, diz-se satisfeito por vê-lo tão alegre pela proximidade da partida, mas também lhe chama a atenção: terá levado as cartas para a Maurícia? Já não sei da carta do P. Levavasseur com perguntas de que ele espera resposta. Pegou na carta para o P. Collin? –talvez a levou, pois não a encontro (pg58). E por fim: onde pôs o caderno dos

endereços? Não consigo encontrá-lo; dê-me uma resposta no próximo correio (pg.59). Tendo partido o secretário, o P. Libermann aceita a ajuda do P. Levavasseur, com a vantagem de que este pode escrever cartas em nome de Libermann (pg.5).

-Aconselha o Provincial dos Jesuítas a ir com cautela, para não chocar com o Bispo de Bourbon, pois os Jesuítas tinham decidido abrir um Colégio em Rivières des Pluies, em terreno cedido por pessoa local, e queriam-no independente do Bispo, quando este andava procurando construir um Seminário Menor. Aconselha o P. Libermann: não entrem em choque com o Prelado, e vejam se o Colégio pode ao mesmo tempo servir como Seminário para os alunos da diocese (pg.34-5), obtendo desse modo apoio e protecção do Bispo.

- O P. Libermann interessou-se por ajudar a "numerosa" (diz) Congregação das Irmãs de S.José de Cluny, que tinham casas em todas as dioceses de França, mas entraram em desacordo entre si, e em choque com o Bispo de Autun, que entretanto falecera, e a Fundadora estava no fim da vida. Pensando que os Bispos onde as Irmãs tinham casa, lhe iriam pedir opinião, informa-se junto do Bispo de Guadalupe, que tinha na diocese uma casa das Irmãs, para cuja construção o P. Libermann pedira e obtivera ajuda do Governo. Diz: é necessário dar a estas Irmãs uma situação mais sólida. Se os Bispos me pedirem opinião, que me aconselha a dizer-lhes; ou seja: qual é a sua opinião sobre este conjunto de problemas das Irmãs? (Pg. 223-4).

- Na questão de uma Ordem Terceira associada à Congregação, que uma jovem senhora queria fundar (M.lle Clara), e sobre o desejo das Irmãs de Castres, que tencionavam ir para a Serra Leoa, terem alguma união com a Congregação, o P. Libermann é cauteloso e não se precipita. A primeira questão diz respeito a M.lle Clara; já havia um grupo de 6 jovens senhoras que se reuniram em comunidade, querendo vida contemplativa para oração em apoio da Missão; outro Grupo, vivendo fora, trataria de arranjar ajudas para as Missões, sobretudo em material litúrgico, que procurariam ou pensavam arranjar por suas mãos. O P. Libermann, para o primeiro grupo, diz: "é cedo para lhes atribuir um hábito religioso"; mas as senhoras que fizeram votos, não podem retirar-se sem mais. Além disso, eu não posso decidir sem voto do Conselho, que, à excepção do P. Levavasseur, que favorece a ideia, provavelmente seria contrário. Acho melhor que se espere: que se aceite o gérmen desta Obra, que querem titular como "Associação do Coração Imaculado de Maria", com espírito e devoções copiadas das nossas; depois que se tenham afirmado e crescido, então poder-se-á retomar o assunto. Notável prudência e bom senso (pg.216, 234-5, 299-300,740);

"O P. Libermann interessou-se por ajudar a "numerosa" (diz) Congregação das Irmãs de S. José de Cluny, que tinham casas em todas as dioceses de França"

"Na questão de uma Ordem Terceira associada à Congregação, que uma jovem senhora queria fundar (M.lle Clara), e sobre o desejo das Irmãs de Castres, que tencionavam ir para a Serra Leoa, terem alguma união com a Congregação, o P. Libermann é cauteloso e não se precipita."

no entanto, Libermann promete assistência espiritual a essas senhoras, dizendo que, se a Obra se consolidar, poderia vir a ser útil à Congregação. Libermann não "mata" a ideia (pg.216).

Era semelhante o desejo das Irmãs de Castres: queriam ir para a Serra Leoa, que era espaço da Missão da Guiné de Mgr. Bessieux, mas em união com os Espiritanos; Mgr. Kobès era favorável à ideia (pg.216). A madre Superiora apresentou um projecto, com Superioras locais e regionais, e. superintendência de um Espiririano. O P. Libermann objecta: a Obra de M.lle Clara tinha relação com as Irmãs de Castres; há risco de inveja entre umas e outras (p.235), se umas são preferidas e outras deixadas. Quanto ao esboço de projecto da Superiora de Castres (Irmãs da Imaculada Conceição), Libermann acha que é preciso ir devagar e conversar muito, pois o projecto parece complicado (pg.318): nele, não está claro que é que compete ao Bispo, e o que compete à Superiora Geral. Com tanta coisa imprecisa, parece-lhe difícil e arriscado tentar uma união com os Espiritanos, mesmo se o P. Levavasseur tem esperanças de obter a aprovação de Roma (pg.265). Depois, essa Congregação depende do Bispo d'Alby, que, tendo jurisdição sobre as Irmãs, iria imiscuir-se com a Missão da Guiné, contrapondo-se aos Vigários Apostólicos (pg.382-3). Numa carta de 24.11.1851, que na prática corresponde a uma Acta de uma reunião entre Libermann, Mgr. Bessieux e o P. Schwindenhamer, prevaleceu a ideia de que tal união não era possível. Mgr. Bessieux, que em princípio era favorável, foi encarregado de ir a Castres explicar à Superiora as dificuldades do seu projecto e do desejo das Irmãs (pg.382-86); no entanto, o P. Libermann consegue do Ministério das Colónias viagem de três Irmãs da Congregação, que irão para Goreia em companhia do P. Levavasseur, mais dois sacerdotes e um diácono.

Entretanto, Mgr. Bessieux chegara doente da Guiné, e com bastante tosse; pediu para ir passar o inverno a Lisboa. O P. Libermann escreve ao Ministro, pedindo que o apresente ao embaixador francês em Portugal (pg.378, pg.318).

Nessa reunião magna, apareceu a ideia de o P. Levavsseur ir tomar conta da Obra du Gard. O P. Libermann objecta: trabalharia por três; mas, com o seu temperamento impulsivo, em pouco tempo punha a Comunidade em confusão (pg.320).

"P. LIBERMANN: REALISTA E PRUDENTE NA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA, procurando receitas e evitando despesas."

5. P. LIBERMANN: REALISTA E PRUDENTE NA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA, procurando receitas e evitando despesas. Vejamos:

- a pedido do Bispo,manda 5 Padres e 2 Irmãos para Bourbon, mas pede ao Bispo, para o Seminário, a concessão de 10.000 francos anuais (em geral, por missionários enviados,

pedia ao Bispo interessado apoio financeiro para o Noviciado).

- ao P. Laval, que estava constuindo o santuário de "La Sainte Croix" na Maurícia, mais várias capelas, pede que economize e envie algum dinheiro para o Noviciado, lembrando que a sustentação dos missionários deve estar a cargo do Bispo (pg. 41-43). E explica: para vivermos, mesmo modestamente, precisamos de 24 mil francos por ano, pois trata-se de alimentar diariamente 75 pessoas, além do pessoal directivo e os Irmãos (pg. 42).

- solicita ao P. Collin poupança a enviar para o Seminário, e combina com vários Superiores de Missões serem estas taxadas com 1000 francos anuais, a enviar para o Seminário; para Religiosas da mesma Comunidade, manda as cartas num mesmo envelope (p.10). Solicita ao Governo franquia postal para a sua correspondência com e para os Bispos e Prefeitos Apostólicos das Colónias, à semelhança com o que acontecia com os Bispos de França.

- a um comerciante da Guiné que pedia um empréstimo de 10 mil francos, com promessa de apoiar os Missionários, responde que não, pois o dinheiro, diz, é só para a Missão.

- escreve à sobrinha Maria, pedindo que lembre, delicadamente, a um conhecido de ambos, em Estrasburgo, que deve dinheiro ao P. Libermann e que ele está fazendo falta.

- Nota erro, em relação aos Bispos missionários, na contabilidade do P. Briot, e manda corrigir. Preocupa-se com as necessidades do Seminário : "precisamos de ajuda, pois em 1847 tínhamos já esgotada toda a reserva, e estamos em risco de ter de mandar embora dois terços dos alunos (ND.pg.4).

"O P. LIBERMANN era dotado de grande sensibilidade humana e riqueza afectiva; com os Missionários"

6. O P. LIBERMANN era dotado de grande sensibilidade humana e riqueza afectiva; com os Missionários, tem por vezes expressões de amizade que se aproximam da ternura; pede desculpa por não responder logo às suas cartas, e pede que não mandem só notícias, mas também falem do seu interior: "vos lettres, si désirables". Presta apoio moral às mães dos P. Collin e Blampin, e à viúva de um amigo que falecera em Estrasburgo (pg.38-9).

Escreve carta amável ao Governador da Guiana, por morte do antecessor, e intervém na reconciliação de um alto funcionário (a pedido deste) com o Governador, por ele ofendido (ND, p. 61).

Em Maio de 1851, avisa Mgr. Dossat, de Guadalupe, de que há vários rumores em Paris de que estão em preparação graves acontecimentos (pg.155).

"Recomenda aos missionários relacionamento amigo com o povo ("sede pobres, no contacto com um povo ainda mais pobre do que vós"); isto é, nada de agressividade nem arrogância para com o povo;"

7. É INTENSO E CLARO O SENTIDO MISSIONÁRIO DO P. LIBERMANN:

- Recomenda aos missionários relacionamento amigo com o povo ("sede pobres, no contacto com um povo ainda

mais pobre do que vós"); isto é, nada de agressividade nem arrogância para com o povo; felicita o P. Berre por ter começado a estudar a língua local (pg.XII). E recomenda: não caiam no logro do excesso de dedicação ao trabalho, arruinando a saúde. E ainda (união com a Igreja local): sintam-se como os servos do clero diocesano; comportem-se como se tivessem de ficar aí para sempre (p.329). Em carta de 30.5. 1851, vê a Missão na Guiné como "luta contra o demónio em favor da África". Explica: essa luta começou em 1843; enviámos mais de 40 missionários, e 10 já morreram; mas venceremos a luta (pg.172, carta a Dom Salier).

"Une estreitamente "Missão" e santidade pessoal de vida"

- Une estreitamente "Missão" e santidade pessoal de vida (ND.pg.143-44, 145-46. 7), e atribui ao Superior uma espécie de capitalidade, no sentido de que ele deve dar o tom à Comunidade e à Missão. Como essencial à espiritualidade dos missionários, insiste na Vida de Comunidade e na sua "regularidade", para bem da fraternidade e da saúde, e para ajuda mútua e como remédio contra o desmazelo.

"Apoia a Obra dos Irmãos, e acha oportuno que lhes seja atribuído serviço de apostolado"

- Apoia a Obra dos Irmãos, e acha oportuno que lhes seja atribuído serviço de apostolado, embora também responsáveis por obras materiais (pg.33. 21. 115. 118).

"Libermann denota capacidade de previsão dos acontecimentos."

Libermann denota capacidade de previsão dos acontecimentos. Para que um diferendo entre o Bispo e o Governador da Guadalupe se não agravasse, por causa da colocação da cadeira deste na catedral, que o Governador queria na capela-mor (ao que se opunha o Bispo e os Vigários, acabando o pessoal do Governador por fixá-la na parede), recomenda calma e avisa: prevê-se que o presente Governo venha a cair em breve, e nessa altura haverá mudança dos funcionários; mas atenção, nos Ministérios há gente mal disposta contra os missionários, e o Governador previsto para as Antilhas não é de confiança em relação à Missão. Diz Libermann que, de ordinário, nos assuntos que tem de resolver, começa por "ponderar tudo diante de Deus "(pg.101).

"Pede ao Ministro que não sejam enviados para as colónias sacerdotes com problemas na sua diocese."

Pede ao Ministro que não sejam enviados para as colónias sacerdotes com problemas na sua diocese.

Entende a fusão de 1848 como indispensável e útil à Missão: "um sucesso", diz (pg.48, 3-4), não se deixando impressionar pelas reservas de alguns confrades, entre eles Mgr. Kobès. A redacção das "Instruções aos Missionários" tomou-lhe cerca de um ano, e humildemente, pede achegas e opiniões a Mgr. Kobès.

Depois da fusão, tem de rever as Constituições (pg.48), que apresenta a Roma para aprovação; nota-se o cuidado que pôs em que nenhum Bispo possa interferir na eleição do Superior Geral (pg.318); acha, contra o parecer de Schwinden-

hamer, que é melhor não obter a aprovação "Já", porque as circunstâncias podem evoluir, e o desejo de as Irmãs de Castres em apoiar-se nos Espiritanos para a sua Missão na Serra Leoa, pode vir a causar complicações; aconselha que não haja precipitação; aguardar, e, em tempo oportuno, salvaguardando o interesse da Missão em África, se submeterão as Constituições ao juizo da Propaganda.

8. É conhecida e apreciada a grande capacidade do P. Libermann para Direcção espiritual e aconselhamento, baseada no seu jeito para ler a alma e a psicologia das pessoas. É notável a descrição que faz do perfil psicológico do P. François (pg.30-31) e a descrição psicológica que faz dos sobrinhos Jérôme e Xavier (pg.130-31), do P. François, quando o apresenta ao Superior de Bourbon (p.30), do P. Duby (pg.139-40), do sobrinho Xavier (p.130); enfim, reage com humor a um passo da última carta do P. François, pouco antes de partir, em que escreve ""adieu pour toujours" –Por mim, não ousaria dizer tal coisa, comenta Libermann (pg.36), acrescentando: "com a alegria de partir, está a esquecer tudo" (pg.30).

Das suas cartas, quase se pode compor o seu esquema de Vida Espiritual, em que põe a claro as relações Natureza-Graça (pg.44-5), e destaca, como virtudes missionárias fundamentais, a abnegação de si próprio, a humildade, a "famosa "douceur" (mal traduzida em português por "doçura", já que em francês e no P. Libermann, pelo contexto em que o termo aparece, ele significa, conjuntamente, 50% de bondade e outro tanto de mansidão). Para os missionários, insiste no "amor à Regra", como expressão da vontade de Deus, salvaguarda da vida comunitária e prevenção contra o desmazelo; ainda, o "abandono total a Jesus", que é quem actua na Missão, através do missionário. Libermann usa a metáfora do "saco do semeador", donde, santamente, sai a semente da Palavra de Deus, saco que às vezes é necessário "coser", se aparece algum buraco por onde a semente se possa perder (ND,pg.51). Acima de tudo, santidade de vida e união a Jesus. (pg.44-45).

Como caracteristicas do P. Libermann, poderiam referir-se ainda o tacto que revela na relação com as Autoridades governamentais. Mas vale a pena salientar mais um aspecto de relativa importância: o seu amor à Igreja e sentido de comunhão com os sacerdotes. Citemos somente o seguinte:

- No início do seu Comentário ao Evangelho de S. João, apresenta uma declaração em que afirma uma comunhão total com a "santa doutrina da Igreja" à qual adere totalmente; deu-lhe o título de "PROTESTATION". A sua dedicação aos sacerdotes revela-se ainda na sua inciativa de reunir cada quinze dias,

"É conhecida e apreciada a grande capacidade do P. Libermann para Direcção espiritual e aconselhamento, baseada no seu jeito para ler a alma e a psicologia das pessoas."

"Das suas cartas, quase se pode compor o seu esquema de Vida Espiritual, em que põe a claro as relações Natureza-Graça"

"Como caracteristicas do P. Libermann, poderiam referir-se ainda o tacto que revela na relação com as Autoridades governamentais."

"uma comunhão total com a "santa doutrina da Igreja""

desde 1849, o clero de Paris no Seminário do Espírito Santo, para conferências e reunião colectiva: mas sobretudo com um caso que ajudou a resolver, e que dizia respeito à diocese de Beauvais, o que fez com muito tacto e caridade.
Tratava-se de um sacerdote dessa diocese com vida pouco exemplar que o Bispo suspendera, pedindo ao P. Libermann que o acolha no Seminário e o assista, ajudando-o a recuperar. O P. Libermann acompanha-o, e a certa altura informa o Bispo de que ele está evoluindo bem. Mas depois, nota ao Bispo que, com admiração dos alunos, o sacerdote não se sente apto a celebrar a Eucaristia: Aproximando-se o fim do retiro, pede ao Bispo que lhe levante a suspensão, afim de ele poder celebrar o santo sacramento ao menos no fim do mesmo, o que veio a acontecer.

- Tendo ele pedido para entrar na Congregação, responde Libermann que os "nossos" regulamentos não o permitem, mas oferece-se para mediar, considerando as qualidades do sacerdote como professor e pregador, que ele seja aceite na Congregação do P Louis-Marie (Grignon de Monfort) (ND.XIII.pg.IX-X), em Rennes.

- Para avaliar a preocupação do P. Libermann em ser absolutamente correcto nas relações tanto com Roma como com o Governo, cite-se o seguinte: Pede desculpa ao Prefeito da Propaganda por haver pedido ao Governo a erecção de um Vicariato Apostólico na Guiana, sem mandato para tal da parte da Propaganda. Explica: não cheguei bem a pedir isso. Mas, uma vez que na Guiana a Autoridade civil usurpou o poder do Vigário Episcopal, e vi as boas disposições que havia nos Ministérios de regularizar a situação, limitei-me a pedir que a antiga situação fosse reposta (p. 18-19).

Contou-me um antigo Postulador da Causa de Beatificação do P. Libermann que procurara convencer a Congregação das Causas dos Santos de que não seria preciso o segundo milagre requerido pelo Direito da Igreja, pois bastaria considerar que foi milagre, além de ser Fundador de uma Congregação (o que dispensa um dos milagres), o facto de ele ter fundado a "Sociedade do Sagrado Coração de Maria", e depois ter revitalizado com ela a Congregação do Espírito Santo, nas limitações de saúde que eram as suas. Simplesmente, os regulamentos romanos não exigem prova de que na vida do Fundador houve milagre, pois o que se requer é uma prova do seu poder de intercessão junto de Deus; e esse tem faltado. No entanto, a santidade pessoal do P. Libermann não pode ser posta em causa: se ele iniciou tanta gente pelos caminhos da santidade, não é isso sinal de que ele próprio trilhava essa mesma via da santidade?

A missão em situação de conflito *Testemunho*

- *António Moreira Loureiro*

Pediram-me para dar um testemunho sobre a experiência que eu vivi numa situação de conflito. Não vou fazer teoria sobre isso. È só um testemunho. Também não é para recordar um passado que felizmente já está ultrapassado. Mas situações como esta fazem parte da Missão de todos os tempos e da missão do tempo de hoje. A missão tem uma vertente pascal que vem já do tempo de Cristo. Confesso que não me é muito fácil falar sobre esta experiência. Situações como a que se viveu em Angola durante longos anos, vividas na fé, ocultam um mistério que só no silêncio e na intimidade com Deus podemos recordar. Mas é natural que haja interesse em saber quais as dificuldades por que passámos, quais os valores que descobrimos nesta situação, quais as lições que recolhemos. Uma situação de conflito é sempre ponto de partida para um aprofundamento da nossa vocação missionária.

Todos conhecem a situação de guerra por que passou Angola no período da pós-independência. Foi uma guerra que varreu Angola de lés a lés. Podemos dizer que não houve cidade, vila, povoação ou aldeia pequena que fosse, que não tivesse sofrido os reflexos nefastos desta duradoira e terrível guerra civil que durou quase trinta anos.

Toda a guerra é uma grande calamidade, mormente se se trata de uma guerra civil. Foi esta calamidade da guerra civil que se bateu sobre Angola, depois da guerra pela independência.

Esta guerra atingiu todas as estruturas da vida angolana. Cidades belas, já em vias claras de desenvolvimento, algumas delas ficaram reduzidas a escombros. A quando da independência, Angola tinha já uma rede de estradas asfaltadas que ligavam as capitais das províncias, por onde se podia circular com bastante comodidade e rapidez.

Com a guerra, a grande maioria destas vias de comunicação ficou intransitável. Os blindados que por elas pas-

"Toda a guerra é uma grande calamidade, mormente se se trata de uma guerra civil. Foi esta calamidade da guerra civil que se bateu sobre Angola, depois da guerra pela independência"

savam, as minas que rebentavam, as pontes destruídas, a ausência total de manutenção, deixavam-nas num estado lastimável.

Os combates que se travavam numa determinada zona, cidade ou povoação, obrigavam as pessoas a abandonar as suas casas, os seus campos, os seus bens e deslocar-se para outras paragens, onde não tinham casa nem campos nem comida.

Podemos pensar nos milhares de pessoas que se deslocaram para as cidades onde pensavam encontrar segurança e alguma qualidade de vida. Basta pensar que na altura da independência, Luanda teria uns 500 mil habitantes e hoje deve rondar os 5 milhões. E o que aconteceu em Luanda aconteceu, embora em escala menor, em todas as outras cidades. Todas elas receberam milhares de refugiados que se juntaram em enormes bairros periféricos, vivendo em péssimas condições.

"na altura da independência, Luanda teria uns 500 mil habitantes e hoje deve rondar os 5 milhões."

Podemos ainda pensar nas feridas que a guerra provocou no tecido social. Muitas famílias perderam o rasto dos parentes e ainda hoje os procuram. Muitos pais perderam os seus filhos, obrigados a combater nos exércitos beligerantes. Hoje, há ainda pais que não sabem dos filhos: se morreram ou se estão perdidos em qualquer recanto de Angola.

Podemos também pensar nos sentimentos de ódio e vingança que a guerra semeia no coração das pessoas. Ouvia-se dizer: "não podemos dar ao inimigo nem um palmo de terra". Este "inimigo" podia ser um parente, um conterrâneo ou alguém da mesma tribo. Mas como se estava em guerra, o parentesco e a amizade não contavam: era preciso matar.

"Mas como se estava em guerra, o parentesco e a amizade não contavam: era preciso matar."

Podemos ainda pensar na violência de que os civis, que nada tinham a ver com a guerra, foram vítimas. Muitas pessoas não queriam a guerra mas os senhores da guerra não deixavam que eles ficassem na neutralidade. Se não estás connosco, se não nos apoias é porque estás com o inimigo. Quantas pessoas foram mortas a frio em obediência estas lógicas. Quantas pessoas que nada tinham com a guerra e foram vítimas da sua neutralidade

"Quantas pessoas que nada tinham com a guerra e foram vítimas da sua neutralidade"

A guerra teve também uma influência nefasta «no aspecto religioso. Nas últimas décadas, em Angola o trabalho de missionação foi notável O Evangelho tinha atingido uma percentagem notável de angolanos. Com mais ou menos profundidade, o Evangelho tinha penetrado no coração de muitos angolanos. Actualmente é já significativa a percentagem dos indiferentes. Para isto contribuiu sem dúvida a guerra. Na grande maioria dos soldados a sua mentalização era marxista. Um militar não podia entrar na Igreja nem ter qualquer compromisso com ela. Nem para casar. A vida militar não lhes dava tempo nem liberdade para frequentar a prática religiosa. Isso terá feito com que um certo número de antigos militares tenham caído na indiferença religiosa.

"Um militar não podia entrar na Igreja nem ter qualquer compromisso com ela."

Este panorama que marcou toda a Angola, durante a guerra, não podia deixar de ter a sua repercussão no Kuito. Bie, onde eu vivi todo este tempo da guerra

Em 1993 a cidade do Kuito-Bié esteve sujeita a um cerco de quase 9 meses. A cidade esteve cercada de 9 de Janeiro a 21 de Setembro. Os bombardeamentos eram contínuos: não se podia sair da cidade. A comida não entrava e as vítimas foram aos milhares. Os mortos eram enterrados nos jardins e nos quintais. Uma vez a guerra terminada, os corpos foram trasladados para um cemitério-monumento, fora da cidade. Nesse cemitério estão para cima de sete mil campas.

"Em 1993 a cidade do Kuito-Bié esteve sujeita a um cerco de quase 9 meses."

A cidade ficou em escombros. Quando Maître Blondin Berge, ele que era o mediador da paz entre o Governo e a Unita, depois do Acordo de Lusaka em 1994, veio, pela primeira vez ao Kuito-Bié, disse para toda a população: "Parece que uma bomba atómica caiu sobre esta cidade!"

No dia 21 de Setembro de 1993, a Unita tirou-nos à força do Bispado do Bié: o Bispo, os missionários e outros civis num total de 80 pessoas que ali estiveram refugiados durante todo o cerco.

Nesse momento a cidade do Kuito ficou sem um único missionário. Foram os leigos que ficaram na cidade que assumiram a coordenação das actividades das paróquias e das missões. Só em Kamakupa (General Machado) é que restava um sacerdote e outro no Chinguar, mas estavam isolados pois encontravam-se em campos opostos na situação da guerra.

"Nesse momento a cidade do Kuito ficou sem um único missionário."

No fim desta guerra do Kuito-Bié pode-se dizer que a diocese do Bié, quanto à organização, estava completamente desmantelada. Com as missões e paróquias sem missionários e com as estruturas destruídas ou semi-destruidas, com a cidade-mãe da diocese sem bispo e sem padres, o panorama era confrangedor.

"No fim desta guerra do Kuito-Bié pode-se dizer que a diocese do Bié, quanto à organização, estava completamente desmantelada."

Durante estes quase trinta anos de guerra pouco mais ou menos contínua em Angola e em particular no Kuito-Bié, qual foi a atitude da Igreja e a nossa atitude como missionários?

Durante todo este tempo, a Igreja procurou iluminar a situação que o povo angolano vivia, com a sua Palavra clara, objectiva e até provocatória. Sobretudo pedia que se tomassem atitudes justas para acabar com o conflito que estava a dizimar o povo angolano.

"Durante todo este tempo, a Igreja procurou iluminar a situação que o povo angolano vivia, com a sua Palavra clara, objectiva e até provocatória."

Em 1998, a Conferência Episcopal de Angola coligiu num só volume todos os documentos emanados pela Conferência Episcopal entre 1974 e 1998 com o título: "A Igreja em Angola entre a guerra e a paz". Foi a Igreja iluminando com o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja as situações dramáticas que o povo vivia. Não eram teorias abstratas, generalizadas, elas focavam situações muito concretas.

Segundo chegou a constar, depois da publicação de alguns documentos mais directos como "Firmes na Esperança" no décimo aniversário da independência de Angola não faltaram as ameaças de repressão e prisão

Quando a Igreja começou a falar em reconciliação, houve da parte do Governo uma forte reacção contra esta posição da Igreja. Falar em reconciliação era assunto tabu durante a guerra.

Recordo algumas passagens que demonstram quanto a Igreja descia a situações concretas: "É um crime continuar com a guerra em Angola", "Bem-aventurados os obreiros da paz, porque serão chamados filhos de Deus." Aqueles que querem continuar com a guerra não se podem chamar filhos de Deus". Reflictam sobre as palavras de Paulo VI na ONU: "Deixai cair as armas das vossas mãos" e "Matar é pecado contra Deus e contra o homem"

Alguns dos títulos destas mensagens são por si só bastante elucidativos: "Sobre a Paz; "Sobre a reconciliação nacional"; "Sobre a violência"; "Sobre os últimos acontecimentos´(A Pátria está de luto)", "Sobre o perigo do regresso à guerra"

Falei atrás dos acontecimentos trágicos levados a cabo na cidade do Kuito-Bié: o cerco de vários meses, os milhares de mortos dentro e nas cercanias da cidade.

"os missionários fizeram tudo o que estava a seu alcance para evitar esta calamidade."

Nesta situação concreta que eu vivi, os missionários fizeram tudo o que estava a seu alcance para evitar esta calamidade. Mas é preciso dizer, que numa situação de guerra, todos estamos embarcados no mesmo barco e que as soluções ao nosso alcance pouco diferentes das do comum das pessoas. Antes do facto acontecer, aconselhamos as duas partes beligerantes a evitar esta situação extrema. Depois de desencadeado o conflito, procuramos ajudar as pessoas nas mais diversas situações: recolher as pessoas das casas que estavam a ser bombardeadas, levar os feridos para o hospital, muitas vezes debaixo de tiroteio. A residência do bispado albergava ordinariamente 15 pessoas, durante a guerra chegou a acolher 120. Todos os compartimentos do rés do chão e eram bastantes, todos ficaram ocupados pelos refugiados.

Isto que aconteceu na residência episcopal também se passou noutros edifícios da Igreja como o Colégio das Irmãs de S. José de Cluny, o Colégio dos Maristas e o Seminário diocesano.

Uma das consequências do cerco à cidade foi a fome. Esta fome foi a causa directa de muitas mortes. Cada uma das paróquias e comunidade religiosas foi acudindo como podia e enquanto pôde. Depois a fome bateu à porta de todos. Cada um procurava sobreviver com o mínimo ao seu alcance e

fazendo ginástica para partilhar com quem mis precisava. A "Caritas" diocesana tinha uma pequena reserva, mas depressa essa reserva acabou, tanto mais que nada podia entrar na cidade. Os próprios militares estavam esfomeados e usavam de violência sobre os lugares onde suspeitavam houvesse qualquer reserva de alimentos. O Colégio dos Maristas que tinha acolhido muita gente foi assaltado e ficou sem nada.

Durante a guerra na cidade, procuramos através da Radio local fazer apelos, chamar a atenção do país e do mundo para a situação dramática que estávamos a viver. Conseguimos fazer chegar ao Cardeal Nascimento uma mensagem deste teor: "Faça chegar ao Presidente de Angola e à Direcção da Unita, o seguinte apelo: Que acabem com a guerra ou daqui a algum tempo no Kuito-Blé não haverá nem gente nem estruturas. Sem gente esta terra não interessará a mais ninguém". Sei que esta mensagem por vias não oficiais chegou ao seu destinatário.

"Durante a guerra na cidade, procuramos através da Radio local fazer apelos, chamar a atenção do país e do mundo para a situação dramática que estávamos a viver."

Para além destas iniciativas que mais fazíamos? Rezávamos, celebrávamos a Eucaristia com fé e esperança, no refeitório do Bispado que era o lugar mais seguro. A Semana Santa de 1993 foi toda ela uma Sexta-Feira Santa. Mas se a Páscoa foi celebrada, no silêncio e na angústia, não deixou de ser a Páscoa de Cristo, anunciadora da Esperança e da Libertação. Foi com certeza a Páscoa mais íntima e mais verdadeira de toda a minha vida de missionário.

Na varanda do Bispado todos os dias rezávamos o Terço com a pessoas que se tinham acolhido na nossa casa. Com que emoção cantávamos, já noite, cânticos a Nossa Senhora, pedindo-lhe junto de seu Filho o dom da paz!

Recordo um facto: a residência episcopal estava situada na área governamental. Num dado momento a área passou a ser controlada pela Unita e nós lá continuávamos. Um oficial do Governo ficou gravemente ferido na presença do bispo. Pediram para ali ser assistido, pelas melhores condições de que a casa dispunha. Mais tarde, quando a Unita entrou na cidade, até comida nos arranjaram.

Esta é efectivamente a missão da Igreja em situação de conflito: não tomar partido e acudir a todos os que precisam. Ser Igreja e ser missionário nestas situações sé sobretudo um ministério de reconciliação e de acolhimento, de fé e de esperança.

Depois, com o decorrer dos dias, procurávamos estar perto das pessoas, concretamente com os feridos e vítimas da guerra. Partilhávamos o seu sofrimento e as suas notícias sempre dolorosas de desaparecimentos e mortes. Eram notícias que nos diziam respeito e que uníamos à nossa oração. Quando mais se não podia fazer ficávamos em silêncio, recolhidos diante

deste mistério que ultrapassa a nossa capacidade de compreensão. Como Maria junto da Cruz a beber o sofrimento de seu Filho, numa atitude oblativa cujo valor só Deus conhece.

O P. Ernesto Lecomte, prefeito apostólico da Cimbebásia[1]

Pela sua larga actuação e lealdade com que, sendo estrangeiro, soube trabalhar de harmonia com a política colonial portuguesa, o Padre Ernesto Lecomte é sem dúvida, uma das grandes, se não a maior, figura da nossa obra de evangelização de Angola.
Gastão de Sousa Dias[2]

O P. Ernesto Lecomte é o símbolo de uma gesta missionária que abriu o interior de Angola à evangelização cristã, nos meados do século XIX. Nele encontramos todos os elementos que marcaram os pioneiros dessa aventura missionária: os contratempos de toda a espécie, as viagens lentas em carros boer, pelas distâncias africanas, as primeiras tentativas da ciência missiológica, a aventura da fundação das missões, as suas primeiras experiências, a criação das "aldeias da missão" ou "da liberdade". Ler a sua biografia é avivar a memória de uma aventura missionária que marcou com sangue e lágrimas os tempos heróicos da missão das origens.

O P. Ernesto Lecomte nasceu em Mortagne, a 25 de Março de 1862, na diocese de Saez. Pouco sabemos dos anos da sua infância. Mas o interesse que lhe dedicaram os padres da paróquia, dando-lhe as primeiras lições de latim e mais tarde pagando a sua pensão no seminário, os numerosos prémios que ele obteve no decorrer dos seus estudos e o testemunho de "seminarista fervoroso" com que o classificaram os seus directores quando entrou na Congregação do Espírito Santo, tudo isto chama a nossa atenção para as suas qualidades de inteligência e de coração com que era dotado.

[1] *Neste estudo seguimos fundamentalmente a nota biográfica publicada pela Casa Mãe, a quando da morte do P. Lecomte, completando-a com dados recolhidos noutras fontes*
[2] *DIAS, Gastão de Sousa UM GRANDE MISSIONÁRIO PADRE ERNESTO LECOMTE. Agência Geral das Colónias. Colecção Pelo Império nº 115*

Terminados os seus estudos de filosofia, logo o seu espírito começou a ser invadido pela ideia de evangelizar os negros da África, tema abordado por toda uma literatura então vigente, na sequência das viagens dos exploradores do continente africano.

Assim, a 30 de Julho, escrevia ao P. Libermann, pedindo-lhe que o admitisse na Congregação do Espírito Santo, congregação que ele sabia particularmente vocacionada para a evangelização da África. Contudo, como esta resolução afectasse dolorosamente os seus pais, a 12 de Agosto respondi à carta que o admitia no seminário. *"O anúncio da minha decisão a meus pais foi para eles um rude golpe com que eu não contava. Mas, atendendo a que eles não se opõem formalmente à minha decisão, esperarei mais algum tempo antes de partir. Espero que Deus não nos abandonará e lhes proporcionará os meios de passarem sem mim".* De facto, a 4 de Setembro desse mesmo ano, entrava no Grande Escolasticado Espiritano de Chevilly.

Tal como no seminário menor de Saez, tinha sido aluno inteligente, virtuoso e modesto, assim agora o foi no Grande Escolasticado de Chevilly. Seis meses depois de ter entrado, fazia o seu pedido de admissão à Tomada de Hábito: *"Desde a minha entrada na Congregação, sempre me tenho sentido feliz e resolvido a entregar-me ao Coração de Maria pelas almas mais abandonadas... Se não posso prestar à Congregação grandes serviços, devido à minha falta de talentos e virtudes, ao menos farei o possível para mais tarde ser capaz de catequizar os negros ou de fazer um pouco de bem lá onde for do vosso agrado enviar-me".* No final dos seus estudos classificaram de "muito bom" o seu aproveitamento escolar e o seu comportamento.

Assim, desde o seu tempo de seminarista, transpareciam já as qualidades que mais tarde o caracterizariam nas suas actividades apostólicas

"Estou pronto a entregar-me à Congregação e a todas as suas obras, onde quer que seja e sejam quais forem as circunstâncias."

Quando acabou o noviciado e chegou o momento da sua profissão religiosa, pôde escrever: *"Estou pronto a entregar-me à Congregação e a todas as suas obras, onde quer que seja e sejam quais forem as circunstâncias. Contudo, sinto-me mais particularmente motivado pela situação miserável dos pobres negros da África e desejo sofrer e trabalhar com eles e por eles".* Estes desejos viriam a ser cumpridos: a África seria de facto o seu campo de acção e quanto aos seus trabalhos e sofrimentos, ele viria ser amplamente atendido. A 28 de Agosto de 1884, Ernesto Lecomte fazia a sua profissão religiosa e recebia como obediência a jovem Missão da Cimbebásia[3].

[3] *NOTICES BIOGRAPHIQUES. Le P. Ernest Lecomte. Congrégation du Saint Esprit p. 423-425*

Na Cimbebásia heróica

Por essa altura, encontrava-se o território de Angola distribuído por duas circunscrições eclesiásticas: a do Padroado (diocese de Angola e Congo) limitado a leste pelos rios Cubango e Cunene e o da Propaganda Fide que abrangia as duas Prefeituras Apostólicas do Congo e da Cimbebásia.

A da Cimbebásia compreendia os distritos de *Betchunalândia* ao sul, junto do rio Orange, de influência inglesa e a da *Cimbebásia*, propriamente dita, em territórios entre o Cunene e o Zambeze, de influência portuguesa. Na Cimbebásia tinha o P. Duparquet fundado as missões do Humbe e preparado as fundações do Cuanhama e dos Amboelas.

Os começos desta fundação tinham sido duros. Uma primeira estação estabelecida no Oramuru, na Damarlândia, terra de influência inglesa, teve que, pelo menos de dois em dois anos se deslocar, primeiro em Walwich-Bay, depois na sequência de conflitos suscitados contra ela pelos protestantes da região e finalmente para o Humbe, em território português.

Quando nos finais de 1884, o P. Lecomte, desembarcou em Moçâmedes, com destino à Cimbebásia, a Prefeitura estava reduzida a dois postos: a procuradoria na Huíla e a missão do Humbe. É verdade que duas outras missões estavam em vias de fundação, uma no Ovampo, em S. Miguel do Cuanhama e outra no país dos Amboelas, em Nossa Senhora de Quinuangombe ou de Kakélé.

"Quando nos finais de 1884, o P. Lecomte, desembarcou em Moçâmedes, com destino à Cimbebásia, a Prefeitura estava reduzida a dois postos: a procuradoria na Huíla e a missão do Humbe."

O jovem missionário, que ansiava por se lançar ao trabalho, não se demorou muito tempo na costa: logo a seguir, com o seu companheiro de viagem o P. Paloc, tomou o rumo do interior para alcançar a missão da Huíla e a da Humbe na Cimbebásia. Esta viagem foi uma das mais pitorescas e o P. Lecomte gostava de a recordar mais tarde aos jovens missionários, cuja inexperiência necessitava de estímulos.

Desembarcado em Moçâmedes, tinha conforme o costume da época atravessado o deserto num carro boer, puxado a bois, e atingido as montanhas da Chela. Huíla, a mais próxima missão do Cunene ficava, segundo se dizia, do outro lado desta montanha e seria coisa de três dias de viagem. Cansado da lentidão da marcha na carroça, o fogoso missionário não se conteve: convenceu o seu companheiro de marcha e os dois abandonando o carro, decidem avançar a pé e atravessar a montanha a fim de chegar antes do pôr do sol à Missão. O caso foi que eles não tinham previsto as chuvas, que não são para brincadeiras naquela região. Obrigados a parar, tiveram que dormir na floresta, aconchegados a uma miserável gruta, depois de terem tomado como jantar umas papas de milho que a compaixão de

um negro lhes oferecera. Quando no dia seguinte à noite chegaram à Huíla, estavam mortos de cansaço e sem pés para continuar a viagem.

Da Huíla, o P. Lecomte foi ao Humbe, onde recebeu a sua nomeação para a missão do Ovampo. Mas enquanto esperava pela partida que as chuvas tinham retardado, lançou-se ao estudo da língua nativa e tão bem o fez que em menos de seis meses tinha já recolhido os elementos essenciais para um catecismo e um pequeno dicionário. Entretanto tinha preparado uma quinzena de crianças para o baptismo, que ele mesmo administrará na Páscoa de 1885. Este grupo deveria ser o núcleo da futura missão de S. Miguel do Cuanhama. Efectivamente, a 8 de Abril, desse ano, o P. Lecomte partia com eles do Humbe e chegava à missão do Cuanhama.

A sua primeira estada neste posto não foi de longa duração. Os confrades desta estação queixavam-se do procedimento do rei Nambadi, da pouca protecção que lhes dava contra os ladrões da região, das más disposições dos indígenas contra eles e procuravam transferir-se para outro lado, o território da Handa onde seria menos certa a sua insegurança.

O P. Lecomte, alguns dias depois da sua chegada, recebeu ordens para ir para este território a fim de encontrar aí um lugar conveniente. Tinha ele já escolhido os lugares para a missão e preparado as primeiras casas, quando ele soube da má notícia da situação dos seus confrades nos Amboelas o que o fez deslocar com o Ir. Lúcio para Kakélé.

Quando chegou a missão recebeu a confirmação da morte dos Padres Hogan e Lynch, vitimados pelas febres, com poucas semanas de distância. O Ir. Rodrigues encontrava-se doente com as pernas cobertas de chagas e devoradas pelas chiques; só o Ir. Onofre estava ainda de pé, mas todo minado pelas febres e fortemente abatido. A chegada do P. Lecomte levantou os ânimos e deu coragem a todos.

Em face de uma tal situação, o P. Lecomte logo viu que não podia regressar a S. Miguel do Cuanhama; enviou para lá o P. Lúcio; quanto a ele, ficou nos Amboelas, ocupando-se da missão e das crianças. Mas as emoções pelas quais ele acabava de passar não tardaram em abalar a sua saúde. Depressa a febre o atingiu sem vontade de o deixar. Não vendo meio de se curar, decidiu, embora contra a sua vontade, regressar à Huíla, deixando só na missão, o Ir Rodrigues, garantindo-lhe a próxima chegada do P. Schaller e do Ir. Anastásio.

Durante a viagem, tomou conhecimento no Humbe das terríveis desgraças que acabavam de se abater sobre a jovem missão de S. Miguel do Cuanhama. Aproveitando a morte do rei Nambadi que tanto nos tinha mortificado assim

como aos seus súbditos, toda a terra do Ovampo se revoltou recorrendo às armas contra todos os brancos da região. As missões foram assaltadas e P. Delpuech e o Ir. Lúcio que tinham ido em socorro destes últimos, foram mortalmente feridos pelas flechas e pelas lanças e o P. Geraldo só com muito custo conseguiu escapar à morte, refugiando-se no Humbe com algumas crianças.

Todos estes desastres que golpe a golpe atingiam as obras da missão não desencorajaram o P. Lecomte e quando ao fim de cinco meses, ele se sentiu recuperado de forças, deixou a Huíla e, em companhia do P. Génié, retomou o caminho dos Amboelas. Mas, mais uma vez a sua chegada a Kakilé foi verdadeiramente providencial. Alguns dias antes, um imenso incêndio causado pela explosão de um pequeno barril de pólvora, tinha destruído a missão: armazém, biblioteca, provisões, tudo foi consumido pelas chamas. Foi com grande mágoa que o P. Schaller, doente, foi arrancado ao fogo no seu leito, enquanto o Ir. Anastásio ficou com os braços e as mãos terrivelmente queimadas.

"Todos estes desastres que golpe a golpe atingiam as obras da missão não desencorajaram"

Chegado a 23 de Dezembro, o P. Lecomte lançou-se imediatamente ao trabalho, preparou à pressa as festas do Natal, procurou criar abrigo para as crianças e para os missionários. Por outro lado, como o terreno da missão parecia insalubre, procurou-se transferi-la para um terreno mais alto, a 300 léguas dali, entre as aldeias dos chefes mais importantes da terra e num planalto onde havia todo o espaço para construir, cultivar e organizar uma aldeia cristã. Todos estes trabalhos de construção e de deslocação se fizeram bastante rapidamente e em Julho de 1887, a missão de Nossa Senhora dos Amboelas estava completamente instalada no território de Cassinga, onde se desenvolveria rapidamente.

Entretanto, a doença tinha feito estragos entre os padres e as crianças, devoradas por chagas purulentas; e por sua vez, a fome tinha caído sobre a missão. Para acudir às necessidades mais urgentes, o P. Lecomte teve que partir para o Quiteve em busca de víveres de toda a espécie, mas a sua viagem não foi sem acidentes. Por duas vezes, o leão não conseguiu devorá-lo e só por milagre conseguiu escapar deixando-lhe o "Irland", o boi que o conduzia. De outra vez, surpreendido durante a noite, à entrada da floresta, teve que fugir dos leões, passar a noite encostado a uma árvore de fuzil na mão, enquanto o seu pequeno companheiro de viagem atiçava as brasas e mantinha o fogo aceso[4].

[4] *Ibid. p. 426-427*

A prisão do P. Lecomte

Pelos fins de 1886, convidado pelo Governo Português para efectuar os necessários conhecimentos para o estabelecimento de uma missão no Cubango, escolheu para esse fim, por conselho de Artur de Paiva, que acabava de construir o forte Princesa Amélia, a região do Catoco, principal centro de população desse território. Foi enviado para lá pelo prefeito apostólico P. Schaller a 6 de Dezembro de 1886. As impressões colhidas durante a viagem foram as melhores e começaram-se a construir as estruturas necessárias.

Mas aconteceu que o prestígio da missão ia pouco a pouco afectando a influência do soba Chinuaco, cuja ira, por esse motivo, não cessava de crescer. Qualquer pretexto servia para ele manifestar a sua má vontade. Lecomte, conhecedor do que se passava dirigiu-se ao posto militar Maria Pia, no Dongo, pedindo auxílio militar que imediatamente foi prestado. Uma peça de artilharia foi transportada através do mato, acompanhada de alguns soldados nativos. Mas o Chinuaco, avisado pelos seus espiões, mandou incendiar o forte Princesa Amélia e atacar a missão.

A luta começou e ao fim de alguns tiros, a peça encravou e a luta estava renhida. O P. Lecomte ofereceu-se para parlamentar com os revoltosos, mas foi brutalmente tratado. Voltou então para o lugar onde deixara Chinuaco e os seus. Estes, no meio de muita gritaria, agarraram-no pelos braços, levaram-no para junto de uma árvore, que ainda hoje ali se vê, bastante perto do rio, no lugar antigamente ocupado pela libata, despiram-no das suas vestes e amarraram-no à arvore. Foi um verdadeiro calvário para o P. Lecomte.[5]

"levaram-no para junto de uma árvore, que ainda hoje ali se vê, bastante perto do rio, no lugar antigamente ocupado pela libata, despiram-no das suas vestes e amarraram-no à arvore."

Auxiliado às escondidas pelo soba Lhambeze, que lhe forneceu carregadores, o P. Lecomte conseguiu evadir-se[6].

O P. Lecomte na Sociedade de Geografia de Lisboa: o seu plano para as missões da Cimbebásia

O P. Schaller que receava ir para Cassinga, bem como todos os brancos da terra devido aos recentes acontecimentos, decidiu enviar o P. Lecomte à Huíla e daí a Moçâmedes, para informar o Governador Geral dos acontecimentos e pedir o seu auxílio. Mas, segundo o parecer de todos, a única interferência capaz de oferecer alguma garantia de sucesso era que ele

[5] *Mons. Keilling QUARENTA ANOS DE ÁFRICA. Ed. Missões de Angola e Congo p. 40*

[6] *Gastão de Sousa Dias UM GRANDE MISSIONÁRIO p. 9-11 ARTUR DE PAIVA Ed Agéncia geral das Colónias I vol p. 127*

partisse imediatamente para Lisboa e pôr o Governo Português ao corrente da situação. E o P. Lecomte partiu para Portugal a fim de defender os interesses da missão e da colónia.

"P. Lecomte partiu para Portugal a fim de defender os interesses da missão e da colónia."

Alguns dias depois da sua chegada a Portugal, em Maio de 1889, o P. Lecomte podia escrever para Paris: *"Segundo a opinião do Núncio, do Sr Pedroso e a convite do Sr. Luciano Cordeiro, secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, redigi um relatório bastante extenso sobre os acontecimentos do Cubango e a Missão dos Amboelas, que apresentei à dita Sociedade na sua sessão mensal (Maio de 1889) a que o Sr. Pedroso me tinha conduzido. O Núncio quis estudar em pormenor este relatório e dele me deu uma apreciação bastante lisonjeira. Este escrito será publicado no Boletim da Sociedade de Geografia".* Lecomte neste relatório reclamava como medida de urgência a recuperação do forte Princesa Amélia como chave do domínio português no Cubango.

"Lecomte neste relatório reclamava como medida de urgência a recuperação do forte Princesa Amélia como chave do domínio português no Cubbango."

Segundo o seu parecer, que largamente expôs, todos os grandes problemas africanos poderiam ser encarados debaixo de dois pontos de vista, inteiramente distintos; a colonização por introdução do elemento europeu e a civilização do indígena pela aplicação ao trabalho, pelo ensino intelectual e pela mentalização religiosa. Ora estes elementos existiam em Angola numa harmonia perfeita, para facilitarem a solução do problema africano. E o P. Lecomte desenvolve este binómio, tal como se processava em Angola.

Depois, alarga-se na descrição das etnias de Caconda, Huambo, Galangue, Sambo, Bailundo, Bié e Luceque, Quicungo, Quilengues, Huíla, etc.

Em seguida, fala do papel das missões neste projecto, sendo para isso necessário levar a cabo o seguinte plano:

"Em Caconda, uma missão é da mais urgente necessidade. A sua benéfica influência estender-se-á pelo Galangue, Nbemba, Amboelas do Cubango, Cuíto e Cuanado; preparará o estabelecimento de estações civilizadoras nessa direcção e sustentará eficazmente as já estabelecidas de Cassinga (Ambolelas do Cului) e Maria Amélia (Catoco e Cubango). Apenas conseguido em Caconda um posto para garantir as comunicações, dever-se-á dirigir imediatamente para o Bailundo e o Bié. O bieno, uma vez civilizado, difundirá as principais noções que tiver recebido até ao Onfarajanja e abrirá o caminho aos missionários que chegarão ao Alto Zambeze, por Quimbandi, Luchaze, Lovale".

Para já era urgente restabelecer em Catoco o prestígio das armas portuguesas, reconstruindo o forte Princesa Amélia e a missão que ali funcionava. O momento actual seria particularmente favorável.

"Esta conferência, publicada no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa com o título "No Cubango"[7] despertou as atenções oficiais, ficando desde logo assente a ocupação do território e o apoio militar à missão do Cubango"

Esta conferência, publicada no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa com o título "No Cubango"[7] despertou as atenções oficiais, ficando desde logo assente a ocupação do território e o apoio militar à missão do Cubango[8]

Mas o P. Lecomte em Lisboa fez ainda outras diligências. *"O Sr. Barros Gomes, ministro dos Negócios Estrangeiros, recebeu-me com a maior afabilidade e prodigalizou-me todas as mostras de simpatia, recorri à sua intervenção para chamar a atenção do actual Ministro da Marinha e das Colónias para os nossos problemas. Este deu-me audiência a 18 de Maio; prometeu-me a reocupação do Cubango e encarregou o nosso amigo pessoal Gomes Coelho para traçar os detalhes".*

Finalmente, numa carta de 11 de Maio Lecomte completava a informação sobre o emprego do seu tempo em Lisboa: *"Segunda-Feira passada, li um pequeno estudo em português sobre a terra e as gentes que eu conheço um pouco. Posso dizer que ele foi bem acolhido, com notável simpatia, pois todos os jornais do dia seguinte o elogiaram. Este estudo está já na tipografia; tiraram-mo no fim da minha exposição, dizendo que este trabalho já me não pertencia. O presidente deu-me calorosos parabéns".*

"Desta viagem e das relações que o P. Lecomte soube criar com os amigos das missões e os diversos chefes administrativos em Lisboa, resultou uma nova era para a consolidação e o desenvolvimento das missões da Congregação em Angola, sobretudo na Cimbebásia"

Desta viagem e das relações que o P. Lecomte soube criar com os amigos das missões e os diversos chefes administrativos em Lisboa, resultou uma nova era para a consolidação e o desenvolvimento das missões da Congregação em Angola, sobretudo na Cimbebásia.

Quando Artur de Paiva chegou ao Cubango em Agosto de 1889, encontrou a missão do Catoco em ruína completa.[9] Artur de Paiva procedeu à reconstrução dos fortes Princesa Amélia e Maria Pia e em pouco tempo a missão do Cubango recuperava a antiga prosperidade.

Quando aquele ilustre militar, de regresso à Huíla, passou por Cassinga, em 13 de Novembro de 1889 e visitou a missão, traça desta uma descrição muito elogiosa.[10]

A fundação da missão de Caconda

Depois de em Lisboa e de acordo com a Casa Mãe, ter regulado os problemas que diziam respeito à Cimbebásia, o P. Lecomte regressou a Angola, levando consigo os PP Merlen e Richard, destinados a uma nova fundação. Há já vários anos

[7] *BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA 8ª série nº 7 (1888-1889)*
[8] *Gastão de Sousa Dias oc. P.14-15*
[9] *ARTUR DE PAIVA I vol. p. 128*
[10] *Ibid. p. 132. Sousa Dias p. 16-17*

que se projectava uma missão em Caconda. Muitas vezes, o P. Schaller, visitando a região tinha pensando quanto seria bom para as missões do Sul e para as que se projectavam ao Norte. Era de toda a vantagem que não estivessem dependentes da procuradoria da Huíla. Além disso por Benguela e Caconda as comunicações seriam não só menos longas, como também mais fáceis. Tanto mais que o governo de Angola tinha votado um subsídio importante para a construção da nova estrada. Por outro lado, a região outrora revoltada do Cubango, acabava de recuperar a calma, graças ao envio de tropas que tinham restabelecido a ordem e castigado severamente os culpados.

Por outro lado, o P. Lecomte tinha conseguido o interesse e a protecção do Estado Português para as missões de Angola. O ministro Ressano Garcia apresentava em 14 de Maio de 1889 uma proposta, reclamando o auxílio oficial para a Escola dos Irmãos Auxiliares, fundada em Sintra em 1887[11]. Nesse diploma define também o papel das missões no interior africano: *"Dar às missões um carácter eminentemente educador e docente, tornar o missionário não só apóstolo da fé mas verdadeiro soldado da cruzada da civilização e não só sacerdote de uma crença espiritual, mas um verdadeiro ministro da religião, do trabalho e do progresso; colocar ao lado do catequista o professor e o mestre e erguer ao pé da igreja a escola e a oficina de modo a criar simultaneamente neófitos e aprendizes, crentes e operários, fiéis e cidadãos, deve ser o empenho e ocupar o desvelo de todos os que sinceramente procuram dar àquela sociedade que nasce, todos os elementos da vida de formação, de desenvolvimento e prosperidade. Lutar por igual para que por mal vencer a impiedade, a ignorância e a indolência do gentio, levar-lhe ao espírito com a luz inefável de uma religião de justiça, de amor e de caridade, todas as noções de dever cívico, da solidariedade social e da dignidade humana; ensinar-lhe-ão não só as máximas sublimes da moral cristã, mas também todos os processos de trabalho, todos os recursos da indústria, todas as aplicações da ciência, todas a utilidades da arte, todas as forças da inteligência humana sobre os elementos naturais, tal é a missão útil e verdadeiramente benéfica a desempenhar no vasto continente escuro e inculto".*

O momento era portanto, propício para o P. Lecomte levar a cabo o seu plano de ocupação missionária que tinha proposto na Sociedade de Geografia, um plano de fundação de missões, devidamente articulado, como células vivas, ligadas entre si. Para isso era necessário começar por uma estação central: Caconda seria o coração dessa rede de missões.

"tornar o missionário não só apóstolo da fé mas verdadeiro soldado da cruzada da civilização e não só sacerdote de uma crença espiritual, mas um verdadeiro ministro da religião, do trabalho e do progresso; colocar ao lado do catequista o professor e o mestre e erguer ao pé da igreja a escola e a oficina de modo a criar simultaneamente neófitos e aprendizes, crentes e operários, fiéis e cidadãos"

"O momento era portanto, propício para o P. Lecomte levar a cabo o seu plano de ocupação missionária que tinha proposto na Sociedade de Geografia, um plano de fundação de missões, devidamente articulado, como células vivas, ligadas entre si."

[11] *João de Almeida, SUL DE ANGOLA p. 114*

Foi nestas circunstâncias favoráveis, que os três missionários partidos de Lisboa chegaram a Benguela nos primeiros dias de Novembro. A estadia nesta cidade, apesar do acolhimento benévolo por parte das autoridades, foi de curta duração: eles tinham pressa de chegar ao seu destino e foi assim que a 10 de Dezembro de 1890 chegavam a Caconda. E logo meteram mãos à obra

E em menos de dois anos, Caconda tinha a sua procuradoria das missões bem lançada, as suas escolas cheias de crianças, estábulos para o gado, podendo passar por uma das mais belas missões da África[12].

Lecomte, Prefeito Apostólico: a nova rede de missões

Enquanto se edificava a missão de Caconda, ponto central entre o norte e o sul da Cimbebásia, o P. Lecomte foi nomeado Prefeito Apostólico em substituição do P. Schaller a quem a doença tinha constrangido a regressar definitivamente à Europa. E desde então, como confessa Gastão de Sousa Dias, *"toda a obra dispersa e fragmentária, em que figurava como simples soldado, se achava enfeixada em sua mão, doce mas enérgica. A sua actividade «evangélica estava no auge. A região do Bié, agora inteiramente calma, achava-se amadurecida*[13] *para uma longa e generosa evangelização".* A sua primeira actividade como Prefeito Apostólico seria a fundação da missão do Bié. Foi uma fundação que teve de se retardar devido aos acontecimentos que se deram no Bié, em 1890, que levaram ao suicídio de Silva Porto. Ele o explica a Artur de Paiva, com quem trocou impressões sobre os seus projectos de avanço para o Bié. Pacificada a situação por Artur de Paiva, em Setembro de 1891, Lecomte partia para o Bié. Escreve Artur de Paiva: *"Encontramo-nos com o Reverendo Padre Lecomte que se dirigia para o Bié, a fim de escolher o local para a nova missão. Vinha entusiasmado com o país que percorreu e que comparou à Normandia"*[14].

"A sua primeira actividade como Prefeito Apostólico seria a fundação da missão do Bié."

Levantados os edifícios, a 6 de Fevereiro de 1892, a comunidade formada pelos PP. Lecomte, Roupnel, Aucopt e o Ir. Silvano tomava posse da nova missão, dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Lecomte informava Artur de Paiva: *"Agora vemos garantidas as duas condições sem as quais não há missão séria no sertão, que são as comunicações e a segurança".*

Depois desta fundação, outras se seguiram. Após Caconda e Bié, foi a vez do Bailundo e de Massaca.

"Depois desta fundação, outras se seguiram. Após Caconda e Bié, foi a vez do Bailundo e de Massaca."

---

[12] *D. Manuel Nunes Gabriel CACONDA, BERÇO DA EVANGELIZAÇÃO NO PLANALTO CENTRAL DE ANGOLA. Biblioteca Evangelização e culturas*

[13] *UM GRANDE MISSIONÁRIO p. 24-25*

[14] *ARTUR DE PAIVA I vol p.275*

Mas de todas elas, nenhuma ultrapassou em vicissitudes, a missão do Catoco. Começada como vimos em 1888 pelo P. Lecomte, na margem do Cubango, pouco depois foi abandonada a seguir a uma revolta dos negros. Mais tarde em 1891, quando Lecomte e Génié exploraram de novo, a pedido das populações pacificadas, a região para aí encontrar um lugar mais sadio e mais amplo, a falta de pessoal impediu-os de se instalarem aí. Tiveram de contentar-se com levar com eles para Cassinga, uma dúzia de crianças das melhores famílias, que seriam o núcleo da futura missão.

Enfim, em 1884, os PP. Génie e Streber instalavam-se definitivamente, mas regressando ao lugar donde outrora tinham sido expulsos. Foram, portanto, precisos seis anos para se estabelecerem na missão. Ao menos agora, ela poderia prosseguir, apesar das dificuldades, a sua marcha, nas vastas terras do Cubango. Catoco acabou por se tornar a principal missão da Cimbebásia.

A missão do Bailundo foi fundada em 1895 para contrabalançar a influência dos protestantes americanos; esta missão estava de facto muito desenvolvida graças às escolas e às oficinas de que estava provida. A indiferença, ou antes a desconfiança dos indígenas tinha dado lugar à confiança. A sua população contava já 400 jovens e 800 catecúmenos.

"A missão do Bailundo foi fundada em 1895 para contrabalançar a influência dos protestantes americanos"

Estas fundações, levantadas pouco a pouco a distâncias muito grandes umas das outras e em condições por vezes muito difíceis, não tinha esgotado a incansável actividade do Prefeito Apostólico da Cimbebásia. A missão de Massaca, resolvida depois de 1895, só pôde ser levada a cabo nos meados de 1897. Situada a sudeste da Prefeitura, na margem esquerda do rio Cuélé, a cinco dias de caminho, tanto de Cassinga como de Catoco, era, entre todas as missões, a mais avançada para o interior. A escolha do local, feita pelo P. Lecomte e pelo P. Muller, no centro de uma região muito povoada, com vinte aldeias, devia assegurar-lhe uma situação material sem problemas e um ministério abundante. Estas previsões não o desiludiram. Cedo, as crianças afluíram e a missão tornou-se demasiado pequena para as acolher; por sua vez as aldeias, quando o padre as visitava, eram uma multidão de homens, mulheres e crianças que acorriam para ouvir a Palavra de Deus.

Todo este processo não passaria sem provações e sofrimentos tanto em Massaca como em Caconda como em Cassinga como no Catoco eles não faltaram. Consagrada a Nossa Senhora das Dores, a missão de Massaca, cedo conheceu essas dores. As provações foram de toda a espécie: a guerra entre os terríveis Cuanhamas, a peste que dizimou todos os bois, a morte que visitou o pessoal e enfim um incêndio que destruiu a capela e parte das construções.

"Finalmente uma última missão, muito cara ao coração de P. Lecomte, não tardaria a nascer: a missão de Nossa Senhora do Socorro no Cuanhama"

Finalmente uma última missão, muito cara ao coração de P. Lecomte, não tardaria a nascer: a missão de Nossa Senhora do Socorro no Cuanhama.

Numa conferência que fez na Sociedade de Geografia de Lisboa, a quando da sua passagem por Portugal, a caminho da França, para participar no Capítulo Geral da Congregação, em Dezembro de 1886, o P. Lecomte, depois de dar um apanhado sobre a actividade das missões em Angola, disse:

"O plano está quase concluído. Basta agora prosseguir a realização do plano geral das missões na direcção do Zambeze. Está resolvido pôr-se em execução logo que eu lá chegar, o estabelecimento de uma sexta missão, pelos paralelos 16 e meridiano 18, perto do rio Cueve, na terra de Massaca. E mal esteja instalada, tenciono estabelecer ainda uma outra missão, no próprio rio Zambeze, nas margens do rio Cuchibi".

Se bem se lembram já uma primeira vez, em 1885, o P. Duparquet tinha estabelecido entre estas tribos turbulentas, uma estação missionária. Os começos tinham sido consoladores, mas depois a provação tinha sido terrível. A morte dos missionários e a pilhagem da missão, levou-a à ruína em Julho de 1885. Depois, muitas vezes o P. Lecomte tinha sonhado em voltar a esta terra; no seu pensamento, só um estabelecimento missionário seria capaz de domesticar este povo turbulento e de impedir a ameaça constante à segurança das missões vizinhas. Era preciso escolher o momento certo.

Em Setembro de 1890, as numerosas mensagens dos chefes da terra, para ter os missionários no seu seio e a amizade do rei Eyoulou, sucessor de Nambadi, pareciam favoráveis à retoma da missão. Os PP. Lecomte e Génié para ali se dirigiram a fim de escolher o local da missão e orientar as primeiras construções.

Em 1893, como rumores de guerra circulassem na região, por medida de precaução, procurou-se estabelecer mais ao norte, no caminho do Vale, num território que os cuanhamas acabavam de abandonar. O soba do lugar, julgando essa vizinhança nociva para o seu propósito de continuar as guerras e as pilhagens, provocou um ataque contra as aldeias vizinhas e aproveitou a confusão para destruir a missão. Da refrega resulta a morte do Ir. Dionísio.

Face a tal hostilidade, foi preciso abandonar a missão e tanto os cristãos como o padre retiraram-se para o Catoco, esperando o regresso da tranquilidade.

Retomada em 1904, por uma terceira vez, com os PP. Génié e Gaillard, a obra do Cuanhama parece ter encontrado definitivamente a paz e finalmente começou a dar frutos.

Com ela conclui-se para o P. Lecomte, a era das fundações na Cimbebásia. Em menos de 10 anos, 6 novas missões tinham

sido criadas ou reedificadas. Eram, além de Cassinga, ao sul, Catoco, Massaca e Cuanhama; e ao norte, Bié, Bailundo, com Caconda ao centro para servir de procuradoria e ser elo de ligação entre elas.

"Em menos de 10 anos, 6 novas missões tinham sido criadas ou reedificadas. Eram, além de Cassinga, ao sul, Catoco, Massaca e Cuanhama; e ao norte, Bié, Bailundo, com Caconda ao centro para servir de procuradoria e ser elo de ligação entre elas."

O P. Lecomte, pioneiro no campo científico

Estes trabalhos e estas fundações não impediram o P. Lecomte, como vimos, de se ocupar activamente na questão das línguas indígenas. Desde a sua chegada a África, ele compreendeu quanto este conhecimento era necessário ao missionário, para a evangelização dos negros e ganhar a sua confiança e simpatia. Não contente com recomendar este estudo aos seus confrades, ele próprio se entrega a essa tarefa, de tal maneira que os negros, ouvindo-o falar a sua língua, diziam entre eles: "Ele fala melhor que nós!" Foi em grande parte devido a isso que ele deve a popularidade de que gozava entre os nativos de todas estas regiões e foi isso que lhe permitiu em diversas circunstâncias prestar-lhes serviços notáveis.

O P. Lecomte foi um dos primeiros missionários de Angola que insere na missão os estudos geográficos, linguísticos e botânicos. Confessa o P. Carlos Estermann que *"se ele como superior de uma importante jurisdição eclesiástica e missionária, foi um grande organizador e realizador em todos os ramos da administração, por outro lado, a natureza tinha-o dotado com predicados excepcionais para vir a ser também um pioneiro no campo linguístico"*[15].

"O P. Lecomte foi um dos primeiros missionários de Angola que insere na missão os estudos geográficos, linguísticos e botânicos."

Profundo conhecedor das regiões que palmilhava, mantém-se em íntimo contacto com a Sociedade de Geografia de Lisboa, em cujo boletim colaborou.

"O mapa geográfico da região Entre o Cunene e o Zambeze[16]*, teatro da sua acção missionária e da sua actividade de explorador, é, para a época, um precioso esboço geográfico e a carta que o acompanha, um belo documento, contendo interessantíssimas notícias sobre a hidrografia e a etnografia dessa região então muito disputada.*

É da mesma natureza a primorosa descrição da zona meridional de Angola, que justifica o nome da conferência que realizará na Sociedade de Geografia de Lisboa em 1896 – Planalto do sul de Angola – encarado sob os pontos de vistas geográfico, hidrográfico económico. É perfeita a caracterização das quatro zonas que a constituem"[17].

---

[15] *Carlos Estermann O P ADRE LECOMTE LINGÜISTA in ETNOGRAFIA DE ANGOLA Colectânea p. 369*

[16] *Carta do P. Lecomte ao P. Rooney, procurador das Missões do Espírito Santo. Boletim da Sociedade de Geografia 13ª série nº 12 (1894)*

[17] *UM GRANDE MISSIONÁRIO p. 18*

"O estudo das línguas africanas e a sua aplicação pastoral foi outra das vertentes a que o P. Lecomte se dedicou de alma e coração."

O estudo das línguas africanas e a sua aplicação pastoral foi outra das vertentes a que o P. Lecomte se dedicou de alma e coração. Estudou e escreveu em quatro línguas: cuanhama, ganguela, mbundo e amboela. Como diz o P. Estermann: *"Aprendendo estas três línguas (P. Estermann não considera a língua dos amboelas diferente da dos cuanhamas) na ordem indicada, consoante se ia fazendo a ocupação missionária, avançando do sul para o norte, o P. Lecomte conseguiu compor obras em todas estas línguas, ficando algumas dessas obras manuscritas. Elaborou gramáticas e dicionários, publicou guias de conversação e doutrina cristã. Estas últimas publicações foram várias vezes reeditadas.*

Se a obra linguística do P. Lecomte como gramático e lexicógrafo foi notável, não foi menos perfeita no que respeita a traduções e adaptações. É nesta parte que o sábio missionário nos parece ainda mais digno de admiração"[18].

Além das gramáticas, das histórias bíblicas, dos catecismos, dos métodos de leitura em português, que ele editou e reeditou durante a vida, o P. Lecomte tinha ainda em preparação um grande dicionário Bundo, no qual trabalhou durante vários anos. Todas estas obras, trabalhadas com cuidado e compostas com método, formam uma pequena biblioteca para a instrução dos cristãos e catecúmenos das missões.

Eis a lista das obras do P. Lecomte que conseguimos colher:

Método de leitura em português. Caconda. Tipografia da Missão. 1905.

Elongiso linpulu – Pequeno manual de aprendizagem de português. Para os povos Vindu; Distrito de Benguela.

Elongifo Loputu. Para uso dos povos do Cuanhama

Mo VengiaKulilongeça iputu - Para uso dos povos Ganguelas e Amboelas.

Katekisinu ndi nana a kuli Kalunga - Pequeno catecismo ganguela.

Oninbu iolondaka viokoju suku - Pequeno catecismo em língua mbundo.

Mo atekula Kalunga vantu - Narrativas do Antigo Testamento em ganguela.

Omo akala posi - O olá na suku Jesu Kilisitu - Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo em mbundo.

Mo skala Hantei - Vida de Jesus Cristo em ganguela.

Cartilha da Doutrina Cristã em mbundo e português. São escritos nas quatro línguas da Prefeitura.

Além disso o P. Lecomte escreveu vários artigos para os *Annales de la Propagation de la Foi* e para a revista *Missions Catholiques.*

[18] *Estermann o.c. p. 340*

O P. Lecomte apóstolo e homem de relações humanas

De ora em diante, o Prefeito Apostólico da Cimbebásia trabalhará sobretudo para consolidar a sua obra, desenvolvendo as escolas, visitando as missões, encorajando os missionários. Neste vasto campo de acção que se estende do Bailundo a Massaca, do Bié ao Cuanhama, numa extensão de mais de 1500 quilómetros, há numerosas escolas de nativos que constantemente solicitam os seus préstimos. São mais de 40, das quais 28 funcionam à maravilha com uma média de 1100 rapazes e 700 meninas. O pessoal para estas missões é restrito: 20 padres, 18 Irmãos, 5 irmãs, 50 catequistas. Cada ano as conversões se multiplicam.

Em face de todos estes progressos, o Cardeal Gotti, em resposta ao relatório que o P. Lecomte lhe enviou sobre as missões da Cimbebásia, mandou-lhe uma carta elogiosa e estimulante: em que entre outras coisas lhe diz: *"O que me causa grande alegria foi antes de mais nada o facto de ter fundado várias missões de modo que a actividade missionária se possa implementar à volta dos centros, atingindo assim o máximo de pessoas.*

Felicito-o pelo cuidado que consagrou às quatro línguas da Prefeitura o que vos permitiu já editar os livros necessários além da autoridade de que gozam os missionários junto dos indígenas e que tem servido sobretudo para os defender das injustiças dos Europeus.

E não posso deixar de louvar igualmente o cuidado que tem tido em não facilitar admissão dos catecúmenos ao Baptismo... e quanto aos vosso trabalho esta Congregação vê com satisfação sobretudo a vossa solicitude, no meio dos trabalhos quotidianos, em fomentar as aldeias cristãs."

Por outro lado, podemos ver a estima que o Governador Geral de Luanda, Artur de Paiva, nutria pelo P. Lecomte, quando soube da sua morte:

"Tendo sabido, por telegrama do Bié, da triste notícia que Vossa Excelência me comunicou na sua correspondência oficial de 24 de Setembro, logo telegrafei ao Bié, para exprimir com quanta pena sinto a perda que as Missões e a Província acabam de sentir.

Com efeito, o P. Lecomte, pelas suas qualidades, a sua dedicação ao país português que adoptou, pelo seu infatigável trabalho a bem da civilização e promoção da raça negra, por esta longa série de serviços que todos conhecem e que fazem parte da história desta Província, durante os últimos vinte anos, o P. Lecomte adquiriu o direito ao respeito e alta consideração que são devidos aos maiores beneméritos desta terra. Estes são os meus sentimentos pessoais que transmiti

"Nas suas relações, nomeadamente com as autoridades civis, o P. Lecomte soube manter sempre o seu direito e o das suas obras, sem nunca ferir as pessoas nem os seus sentimentos."

"Estes serviços, os seus trabalhos sobre a geografia da terra, o Governo Português quis reconhecê-los e recompensá-los, nomeando o P. Lecomte Comendador da Ordem Militar da Imaculada Conceição de Vila Viçosa."

"Durante os seus 24 anos de vida missionária, dos quais 17 como Prefeito Apostólico, o P. Lecomte não cessou de ser para com os seus confrades um exemplo de fidelidade religiosa, missionário valente e estimulante."

aos Padres do Espírito Santo como sendo também os de toda a Província, de que tenho a certeza ser o seu intérprete fiel.

Como homenagem à memória daquele que nos deixou uma tão bela recordação, por iniciativa do Governo uma missa será celebrada pelo seu eterno repouso.

Palácio do Governo, Luanda 3 de Novembro de 1908. Artur de Paiva.

Nas suas relações, nomeadamente com as autoridades civis, o P. Lecomte soube manter sempre o seu direito e o das suas obras, sem nunca ferir as pessoas nem os seus sentimentos. A sua frontalidade, a sua justiça e a sua moderação eram apreciados por todos, tanto europeus como africanos. Era fora de discussão o seu interesse pelo país que tinha adoptado. Eis como ele fala sobre isso, numa carta de Julho de 1901:

"Na minha última viagem ao Cuanhama, tive ocasião de prestar ao Governo Português, um relevante serviço. Soube, quinta-feira, 29 de Junho, que uma força do Sudoeste alemão, caminhando dia e noite, acabava de chegar à aldeia de Guiva, residência do soba Eyoulou, que me fez chamar imediatamente. Eram 6 horas da nossa missão. No dia seguinte, para lá corri e imediatamente fui ter com os oficiais, acampados na missão protestante. Depois de os ter saudado, disse-lhes que era francês de nacionalidade, mas de uma missão católica portuguesa, oficialmente reconhecida e subvencionada pelo Governo de Lisboa; e exprimi-lhes a minha surpresa por ver uma bandeira estrangeira arvorada sobre um território que Portugal retém como sendo pertença sua... Acrescento que um oficial chegado o ano passado tinha sido repreendido e punido pelo seu governo... No dia seguinte, a tropa retomou o caminho por onde tinha vindo".

Estes serviços, os seus trabalhos sobre a geografia da terra, o Governo Português quis reconhecê-los e recompensá-los, nomeando o P. Lecomte Comendador da Ordem Militar da Imaculada Conceição de Vila Viçosa.

Sem dúvida, que os confrades do P. Lecomte tiveram a sua parte nos resultados obtidos, mas o espírito sobrenatural que reinava em toda a Missão e que ele tinha sabido comunicar a todos, tudo havia inspirado. A sua devoção a Nossa Senhora era tal que não houve uma missão sequer que a ela não fosse consagrada e cujo vocábulo não tenha sido inspirado num dos mistérios da sua vida. Ardente devoto do Coração de Jesus, a Ele consagrou toda a missão e a Ele recorreu em todos os seus momentos difíceis: epidemias, incêndios, guerras e roubos.

Durante os seus 24 anos de vida missionária, dos quais 17 como Prefeito Apostólico, o P. Lecomte não cessou de ser para com os seus confrades um exemplo de fidelidade reli-

giosa, missionário valente e estimulante. Vemo-lo girar constantemente de uma missão para a outra para tratar dos problemas que iam surgindo, participar nas situações difíceis, substituir os doentes.

A ele se deve o "Modus Vivendi" que regulou as relações entre a diocese de Angola e Congo e o Governo Português, tensas no tempo do P. Duparquet. Segundo este "Modus Vivendi" 1. a jurisdição espiritual do bispado estendia-se a toda a Angola; 2. Os Prefeitos Apostólicos eram nomeados pelos Vigários Gerais; 3. O registo paroquial devia ser feito em duplicado nos termos do decreto 9 de Setembro de 1863. Aprovadas por Roma estas propostas foram tornadas lei em todo o espaço angolano a 25 de Dezembro de 1906. A partir daí, todos os missionários a trabalhar em Angola foram nomeados agentes do Bispo.[19]

A morte surpreende-o na sua última viagem

Projectava o P. Lecomte lançar no extremo sudoeste de Angola os fundamentos de uma nova missão, pois estava preocupado com organizar uma procuradoria no caminho recentemente traçado que ia de Benguela ao Bié, por Catonga e Bailundo, com ligações por caminhos fáceis com as missões do sul: Catoco, Cassinga e Massaca.

Foi quando explorava a região para encontrar um lugar conveniente para esta procuradoria que foi surpreendido pela febre que o iria vitimar. No dia anterior à sua chegada ao Bié, sentiu um arrepio que o fez estremecer até à medula dos ossos, mas apesar disso, continuou a fazer as oito horas de marcha que ainda lhe restavam e para isso montou a cavalo. Mas, duas horas depois, as suas forças estavam no fim e foi necessário levá-lo de maca até à missão.

Apenas chegado à missão, recolheu ao leito, repousou, mas a febre não o deixou. Nem as pílulas purgativas nem os remédios que lhe aplicaram alteraram o seu estado. Tinha sempre a boca seca, o corpo suado e por vezes delirava.

Como o mal não cedia, foram chamar o médico que estava a três dias de distância e administraram-lhe a santa unção. Reconhecendo a gravidade da situação, o P. Lecomte pediu perdão a todos e abençoou os circunstantes. À uma hora e meia da manhã, entrou em agonia e às 2.30 de 9 de Setembro de 1908, festa de S. Pedro Cláver, rendeu a alma ao Criador.

Alguns anos mais tarde, o Bispo de Angola e Congo, D. João Evangelista Vidal, visitava o Muengo, lugar onde Lecomte havia fundado a primitiva missão do Bié e onde viera a falecer.

[19] *Serafim Lourenço. A MISSÃO ESPIRITANA NO SUDOESTE DE ANGOLA p. 122*

"O P. Lecomte morreu aos 46 anos de idade, aqui no Muengo e dessa medida, que não foi farta, gastou 25 a trabalhar e a sofrer pela evangelização dos sertões de Benguela e Moçâmedes. A rede missionária que abrange hoje as missões do Bailundo, Bié, Caconda, Catoco, Massaca e Cuanhama, devem-se a ele; estas palavras não levam meio minuto a escrever mas custaram-lhe a vida abundante, o sangue vivo e opulento das suas veias, ao P. Lecomte. Se fosse preciso andar um ou dois meses, dormir ao relento debaixo das árvores, comer uma caçoila de feijão frade, a camisa a cair aos pedaços como um mendigo, para lançar ou para assegurar uma trave do seu edifício ou para encontrar uma população, para reconhecer um caminho, para precatar um serviço à nossa pátria, ele, francês, não hesitava: a sua alma era de ferro e até o seu corpo parece que era de pau.

Ao mesmo tempo, era o tipo perfeito de diplomata: a questão era ele arranjar-se um pouco e aparecer nas capitanias-mor ou nos ministérios, com todo o seu talento, com todo o seu saber, com todos os seus serviços, com o seu esplêndido savoir faire"[20].

"Ligadas à memória do P. Lecomte existem ainda a árvore a que foi amarrado no Cubango e uma outra que foi plantada em sua honra, quando ele chegou a Caconda em 1889 para ali fundar a missão."

Ligadas à memória do P. Lecomte existem ainda a árvore a que foi amarrado no Cubango e uma outra que foi plantada em sua honra, quando ele chegou a Caconda em 1889 para ali fundar a missão.

No dia 6 de Fevereiro de 1940 foi inaugurado em Vila da Ponte um pequeno monumento em sua memória, construído às portas da antiga embala Chimuaco.

BIBLIOGRAFIA

NOTICES BIOGRAPHIQUES. Congréagation du Saint Esprit et du Saint Coeur de Marie. *Maison Mère* Paris

Sousa Dias *Gastão* UM GRANDE MISSIONÁRIO PADRE ERNESTO LECOMTE. Agência Geral das Colónias. Colecção "Pelo Império" nº 111

Nunes Gabriel *Manuel* CACONDA, BERÇO DA EVANGELIZAÇÃO DO PLANALTO CENTRAL DE ANGOLA. Biblioteca Evangelização e Culturas

Keilling, *Mons Luís* QUARENTA ANOS DE ÁFRICA . Ed, Missões de Angola e Congo

Estermann, *Carlos* O PADRE LECOMTE LINGUISTA in ETNOGRAFIA DO SUDOESTE DE ANGOLA. Colectânea de artigos dispersos col Por Geraldes Pereira p. 339-334

Lourenço, *Serafim* A MISSÃO ESPIRITANA NO SUDOESTE DE ANGOLA Ed. Missionários do Espírito Santo

[20] *D.João Evangelista de Lima Vidal POR TERRAS DE ANGOA p 331*

Páginas da História Espiritana

I. A divisa da Congregação:
"um só coração e uma só alma"

"Tomando como ideal da vida fraterna e apostólica o que se dizia das primeiras comunidades, a Congregação tomou como divisa. "Um só coração e uma só alma" RVE, 7)

Qual foi a origem desta divisa na nossa história e na nossa tradição?

1. Uma divisa secreta das "Assembleias dos Amigos" (AA)

Poullart des Places fez parte das "Assembleias dos Amigos" do Colégio Luís, O Grande, de Paris e provavelmente das Assembleias dos Amigos de Rennes, que marcaram a sua espiritualidade. As "AA" eram associações discretas, quase secretas, cuja finalidade era a santificação dos membros e o zelo apostólico.

Nos colégios Jesuítas, o objectivo das AA era a formação espiritual dos estudantes, sobretudo dos estudantes de teologia, a fim de os preparar para o sacerdócio.

Ora uma das regras das Assembleias dos Amigos diz: *"A Assembleia dos Amigos é uma congregação de pessoas unidas por laços de uma amável caridade; esta união é com efeito aquilo que elas mais procuram. Ela deve ser procurada como sendo o espírito das AA, nada omitindo para que, a exemplo dos primeiros fiéis, tenham um só coração e uma só alma".* A sua divisa eram as iniciais: JMJAS (Jesus, Maria, José Anjos Santos) e CUAU (Cor Unum et Anima Una). Certamente que foi nesta escola que Poullart des Places bebeu esta divisa. Mas como as Assembleias eram secretas, esta divisa era também secreta. E por isso Poullart des Places não a podia usar oficialmente nem inscrevê-la nos primeiros Regulamentos.

Contudo, ao longo da história de 1703 a 1848 este Cor Unum et Anima Una deve ter sido usado muitas vezes pelos di-

"Contudo, ao longo da história de 1703 a 1848 este Cor Unum et Anima Una deve ter sido usado muitas vezes pelos directores e pelos alunos do Seminário"

rectores e pelos alunos do Seminário e pouco a pouco veio a tornar-se uma espécie de divisa de que os directores e os alunos do seminário se apropriaram. Em 1739 M.Warnet, superior geral interino, num dos seus sermões fala em "fazer reinar a paz entre todos os membros da comunidade, de modo que haja "um só coração e uma só alma". Depois outros testemunhos se seguiram usando já abertamente a mesma expressão.

2. As primeiras Regras de 1734 (Bouic)

Nas primeiras Regras da Congregação, publicadas por Bouic em 1734 e que procuram recolher o espírito do primeiro fundador, a Congregação aparece já com um emblema: *"As armas da Sociedade são uma pomba voando com as asas abertas sobre a imagem ou pelo menos sobre o monograma de Maria, um A enlaçado com um M, tal é a Tutella Domus".* E um pouco mais longe: *"O selo do Sodalício é a imagem do Espírito Santo e da Virgem Maria, em cuja parte anterior está colocada a sua imagem com esta inscrição: "Tutela Domus". "A imagem de Nossa Senhora seja colocada em lugar de honra, na entrada principal da casa com a inscrição "Tutela Domus".*

Nesta altura as Assembleias dos Amigos já tinham desaparecido e nada impedia o uso público do Cor Unum et Anima Una na tradição espiritana.

Em 1845 começa a esboçar-se o emblema da Congregação: a pomba, símbolo do Espírito Santo, encimando um coração atravessado por uma flecha, símbolo do Coração de Maria, ladeando a pomba e o coração.

"Em 1845 começa a esboçar-se o emblema da Congregação: a pomba, símbolo do Espírito Santo, encimando um coração atravessado por uma flecha, símbolo do Coração de Maria, ladeando a pomba e o coração."

Na Regra de 1848 que precede a Fusão esta divisa aparece já sem nenhumas reticências: *"Os membros devem amar-se, ajudar-se e consolar-se mutuamente e não ter senão um só coração e uma só alma. Serão estas características que os identificarão como verdadeiros discípulos de Cristo".*

3. Depois da Fusão

Libermann, nos Regulamentos de 1849, adopta não a divisa dos Espiritanos mas o seu espírito procurando dar-lhe um alcance apostólico até para não ferir a susceptibilidade dos membros da Sociedade do Coração de Maria, mais motivados para a actividade missionária. Dizem os Regulamentos: *"Todos os membros, pelo seu compromisso na Congregação, põem em comum o uso das suas faculdades corporais, intelectuais e morais, para serem utilizadas para a glória de Deus e a salvação das almas, num só e mesmo fim, que é o fim especial da obra, por um mesmo espírito que é o espírito*

geral da Sociedade, e sob a direcção dos mesmos regulamentos que são os que ela adoptou.

Assim, todos os membros da comunidade não formam senão um só e mesmo corpo pensando, sentindo e agindo numa unidade perfeita, para a glória de Deus e a salvação das almas."

Mas na revisão das Regras feita por Scwindenhammer em 1853, o texto retoma de novo a antiga fórmula, precisando-a melhor: *"Um só coração e uma só alma: tal deve ser, segundo as nossas Santas Regras, a divisa da Congregação; tal deve ser uma das características distintivas de todos os seus membros".*

"Um só coração e uma só alma: tal deve ser, segundo as nossas Santas Regras, a divisa da Congregação; tal deve ser uma das características distintivas de todos os seus membros"

O primeiro selo oficial da Congregação aparece no final da Carta Circular n.11, de 27 de Dezembro de 1855.

Foi durante a proclamação do Dogma da Imaculada Conceição que Scwindenhammer conseguiu da Santa Sé que a Congregação passasse de Sociedade Missionária a congregação religiosa: a primeira profissão de votos perpétuos foi precisamente na festa do Imaculado Coração de Maria, que substituiu a da Imaculada Conceição, a 26 de Agosto de 1855: 18 padres, incluindo todo o Conselho Geral emitiram os votos perpétuos e 8 noviços os votos temporários. Os Irmãos fariam a profissão a 9 de Setembro seguinte, festa do Santíssimo Nome de Maria.

A primeira tomada de hábito na Congregação foi na festa da Imaculada Conceição de 1855, primeiro aniversário da proclamação do Dogma. Como complemento do hábito tomou-se o escapulário azul que era um complemento da batina.

Em 1863, o emblema espiritano toma a forma oval, a pomba figura no triângulo trinitário e aparece um novo elemento – os lírios, ladeando a pomba e o coração. Só no ano de 1875, na edição refundida das Constituições, se fala do emblema, a que em 1910 se daria a designação de "armas da Congregação".

"Em 1863, o emblema espiritano toma a forma oval, a pomba figura no triângulo trinitário e aparece um novo elemento – os lírios, ladeando a pomba e o coração. Só no ano de 1875, na edição refundida das Constituições, se fala do emblema, a que em 1910 se daria a designação de "armas da Congregação.""

Nas "Notas históricas sobre a Congregação", de 6 de Junho de 1877, encontradas nos Arquivos de Roma, aparece o emblema do Espírito Santo: uma pomba pairando sobre um coração cercado de flores de liz.

4. Divisa e emblema

Nos Boletins Gerais do P. Scwindenhammer, (1852-1881) litografados este emblema apresenta-se com diversas variantes. A forma definitiva foi fixada a partir da circular nº 50 de 4 de Junho de 1876. É esta divisa e este emblema da

Congregação que aparecem em forma definitiva nas Regras de 1878:. *"Em sinal do seu duplo vocábulo e da sua dupla consagração ao Espírito Santo e ao Imaculado Coração de Maria, o Instituto toma como emblema a imagem do Espírito Santo, em forma de pomba, pairando sobre o Coração de Maria e por divisa as palavras das nossas santas Regras: Cor unum et Anima Una, um só coração e uma só alma, a fim de lembrar sem cessar aos seus membros a sua dupla consagração ao Espírito Santo e ao Imaculado Coração de Maria, bem como a união e a caridade que devem reinar em toda a Congregação e entre todos os seus membros, padres e irmãos, para que Deus esteja sempre no meio dela com a abundância das suas graças e bênçãos".*

A partir daí tem-se mantido sempre igual. Só recentemente algumas províncias começaram a utilizar este símbolo em forma estilizada.

As Constituições de 1910, de Mons. Le Roy dizem: *"Todos, padres e irmãos, esforçar-se-ão por realizar plenamente nas suas relações mútuas, a bela divisa da Congregação: Cor unum et Anima Una".*

Nestas Regras além da menção da nossa divisa, aparecem as armas da Congregação. *"As armas da Congregação mostram a imagem do Espírito Santo sob a forma de uma pomba pairando sobre o Coração de Maria, com estas palavras como divisa: "Cor Unum et Anima Una, Um só coração e uma só alma".*

"As armas da Congregação mostram a imagem do Espírito Santo sob a forma de uma pomba pairando sobre o Coração de Maria, com estas palavras como divisa: "Cor Unum et Anima Una, Um só coração e uma só alma."

Mons. Le Roy colocou na Casa Mãe, à entrada da porta principal, uma imagem de Nossa Senhora com a inscrição "Tutela Domus" e ordenava que esta prática fosse adoptada em todas as casas de formação da Congregação, noviciados, escolas apostólicas, e tanto quanto possível, com a mesma inscrição. Esta cerimónia deveria fazer-se com uma pequena celebração, de preferência numa festa Mariana.

Esta divisa permanecerá sem mudanças nas Constituições seguintes.

Na "Regra de Vida Espiritana" a fórmula retoma o seu sentido original; ela procura unir a vida fraterna à vida apostólica, como Libermann a concebia nos Regulamentos de 1849. O que significa que a nossa divisa tem um carácter essencialmente apostólico: a referência ao dinamismo das primeiras comunidades cristãs, é um apelo à unidade de vida em ordem à missão. É uma divisa que nos situa na linha de uma espiritualidade apostólica. Mais que um pergaminho do passado, a nossa divisa é um programa que nos relança na missão do novo milénio

"É uma divisa que nos situa na linha de uma espiritualidade apostólica."

II. A Missão da Guiné: uma experiência fonte da Missão Espiritana

A missão da Guiné foi a primeira experiência comunitária da missão dos filhos de Libermann. Dos 15 missionários, dez dos quais espiritanos, protagonistas desta missão, quase todos sucumbiram em menos de dois anos, vítimas das febres tropicais. À primeira vista, teria sido um trágico fracasso que ficaria a marcar as origens da missão espiritana. De facto, este acontecimento foi uma provação, mas não uma desilusão. Esta missão acabou por ser uma fonte de inspiração e uma marca de origem, que acabaria por ser uma referência obrigatória para a missão espiritana.

"A missão da Guiné foi a primeira experiência comunitária da missão dos filhos de Libermann."

"De facto, este acontecimento foi uma provação, mas não uma desilusão."

A missão da Guiné

Depois da supressão da escravatura nos Estados Unidos, alguns filantropos que queriam melhorar a condição dos negros libertos, fundaram a 28 de Dezembro de 1816, em Washington, uma *Sociedade americana de colonização para o estabelecimento de homens livres de cor dos Estados Unidos*, nas suas terras de origem.

Esta sociedade comprometia-se a enviar para aí a população negra, que tendo já obtido a sua emancipação, quisesse emigrar para esta nova colónia. Vários patrões libertaram os seus escravos, com a condição de eles emigrarem para esta colónia.

Para acompanhar esta nova situação a Congregação da Propaganda criou o *Vicariato Apostólico das Duas Guinés e da Senegâmbia.* Guiné era um nome antigo, que significava terra dos negros, "adoptado pelos portugueses quando descobriram aquele território." Este Vicariato compreendia um vasto território que ia do Cabo das Palmas até ao rio Orange, excluindo os territórios de jurisdição portuguesa de Angola e Congo. No litoral desta imensa região havia vários postos ocupados pelos comerciantes das potências coloniais: os ingleses na Serra Leoa, os americanos no Cabo das Palmas e na Libéria e os Franceses em Assinia, Gran-Bassam e Gabão

Como Vigário Apostólico desta circunscrição foi nomeado o P. Eduardo Barron, sacerdote irlandês ao serviço na diocese de Filadéfia, nos Estados Unidos.

Na impossibilidade de obter a colaboração dos missionários Capuchinhos que tinham já evangelizado estas terras, o P. Barron formou a sua equipa com diocesanos e espiritanos. Os diocesanos eram leigos e seminaristas irlandeses e os espiritanos eram os primeiros sete padres acabados de

formar em La Neuville por Libermann e mais três leigos, arranjados à ultima da hora. Era portanto uma equipa muito heterogénea: seculares e religiosos, padres e leigos. Ao todo quinze pessoas.

Depois de várias hesitações e mal entendidos, os missionários acabaram por se estabelecer nas postos franceses de Assinia, Gran Bassam e Gabão.

"Ora estes lugares nada tinham preparado para os receber: nem sequer encontraram um tecto para os abrigarem."

Ora estes lugares nada tinham preparado para os receber: nem sequer encontraram um tecto para os abrigarem. As primeiras cartas foram escritas sobre os joelhos, por falta de mesa. Pior ainda tinha sido o momento escolhido: a estação das febres ainda não tinha terminado e a drenagem dos pântanos mal tinha começado. Daí que febres tropicais, acentuadas por um regime alimentar deficiente, depressa começassem a fazer vítimas. Em menos de dois anos a maior parte dos missionários tinha falecido e os restantes tinham regressado ao país de origem. Havia apenas dois sobreviventes no Gabão: o P. Remi Bessieux e o Ir. Gregório Sixte.

Por carta de 7 de Agosto de 1844 Mons. Barron dá conta à Propaganda desta situação que, no seu entender, implicava o fim da missão da Guiné. *"Quatro dos nossos missionários morreram. Outros dois, um padre e um Irmão, estavam de tal modo doentes que nem foi possível levá-los até ao barco para regressarem à França. Só me resta um padre, que pensa regressar à Europa, pois é contrário às regras da Congregação estar só e separado dos outros membros do seu instituto. Assim, só resto eu. Assim sendo, suplico a V. Eminência me conceda autorização para regressar à diocese de Mons. Kenrich, bispo de Fidadélfia, nos Estados Unidos da América, com o carácter missionário apostólico"*[1]. De facto, diante desta hecatombe, ele convenceu-se que só uma congregação religiosa poderia assumir esta tarefa.

Noutra carta de 7 de Janeiro de 1845, Barron aponta como solução o plano de Libermann proposto para a evangelização da África Ocidental à Propaganda. *"Desde que os nossos missionários se estabeleceram nas diferentes estações francesas, começaram a ressentir-se das inclemências do clima. No mês de Setembro, já sete tinham morrido. Um outro tomou o caminho da América; o único padre que me restava e dois catequistas embarcaram doentes para a França. Desta maneira a missão ficou sem um padre. Encontrando-me sozinho e na impossibilidade de fazer qualquer bem tomei também a resolução de regressar à Europa.*

Pelas dificuldades que esta primeira missão encon-

[1] *Carta de 7 de Agosto de 1844. ND V p. 33*

trou, pode-se imaginar quantos obstáculos o estabelecimento da religião na Guiné terá de vencer.

O plano proposto a este propósito pelo P. Libermann parece-me ser o único eficaz".

Este plano consistia em lançar estruturas que apoiassem a formação do clero local, pois que o clima não permitiria o estabelecimento dos europeus naquelas terras.[2]

"Este plano consistia em lançar estruturas que apoiassem a formação do clero local, pois que o clima não permitiria o estabelecimento dos europeus naquelas terras."

Regressado aos Estados Unidos, Mons. Barron recusou o cargo de uma diocese para se consagrar totalmente à obra das missões. A Prefeitura da Guiné vai agora continuar, como de resto era sugestão de Mons. Barron, confiada à Congregação do Espírito Santo.

É curioso que a missão da Guiné vai continuar apesar da retirada de Mons. Barron. A atitude de Mons. Barron é compreensível. Todos os seus missionários de Assinia ou do Gran Bassam estavam mortos ou tinham sido repatriados, à excepção de Bessieux e Grégoire. Mas a verdade é que Bessieux, por mais só que se sentisse de oito cartas que escreveu ainda não tinha obtido resposta - não se retirou.

Mons. Barron era generoso, voluntário para a missão e tinha realmente espírito missionário. À missão sacrificou tudo o que tinha, inclusive o seu estatuto de professor e de candidato ao episcopado. Era um padre diocesano, um intelectual. Professor de teologia tinha passado grande parte da sua vida sacerdotal no ensino. De resto era um anglófono que sempre teve dificuldade em se mover em espaços franceses. Foi sempre mal aceite pelos meios franceses. Mesmo o seu contacto com os missionários nem sempre foi fácil. Muito delicado para com todos tinha dificuldade em tomar decisões.

Para Bessieux, pelo contrário a sua vocação missionária era toda a sua vida. É um religioso observante até ao pormenor. É querido e estimado por todos; humilde, estava à vontade onde quer que se encontrasse. Amava de tal maneira o seu querido Gabão, que sem ele não saberia viver. Daí que nunca pusesse o problema de se retirar. Era outro espirito e outra paixão.

Uma experiência-fonte da missão espiritana

Este facto, indiscutivelmente um dos mais marcantes da história da missão das origens proporciona-nos uma leitura profundamente inspiradora para a missão espiritana. Efectivamente esta expedição que se processou de maneira tão trágica em vez de ser o fim de um sonho, foi realmente um fermento e um ponto de partida que ficou a marcar profundamente a missão da Congregação.

"Este facto, indiscutivelmente um dos mais marcantes da história da missão das origens proporciona-nos uma leitura profundamente inspiradora para a missão espiritana."

[2] *Carta de 7 de Janeiro de 1845. ND V p. 35-39.*

"Antes de mais, pela dimensão de fé pascal que ela revelou."

Antes de mais, pela dimensão de fé pascal que ela revelou. Regnier, o primeiro missionário a sucumbir, no Cabo das Palmas, sentindo-se morrer, escreveu a Libermann, o seu último adeus: *"Diga à minha família e aos meus amigos que me sinto muito feliz por ter deixado tudo por amor do nosso divino Mestre; se tivesse de fazer o mesmo sacrifício, eu o faria ainda mil vezes; por nada deste mundo eu trocaria a minha missão. Coragem, querido padre; quando tudo estiver perdido, Maria se revelará e tudo será salvo"*[3].

"Estes missionários morreram vítimas do seu zelo e do seu amor à Africa."

A mesma leitura foi feita por Libermann quando soube da trágica notícia. Conhecemos algumas cartas que ele escreveu nessa altura a Le Vavasseur, à Ana Maria Javouhey, à Propagação da Fé e a outros amigos. Destas cartas colhemos as seguintes linhas de força:

"Libermann teria sido infiel se não tivesse aceitado esta missão."

- Estes missionários morreram vítimas do seu zelo e do seu amor à Africa: foi este amor que os não deixou abandonar a sua missão. Apesar de verem a insalubridade do clima, não a quiseram abandonar pois estavam lá por obediência e viam os povos bem dispostos. Quando Libermann soube das primeiras mortes fez todo o possível para os fazer partir, mas as suas cartas nunca chegaram aos destinatários. Para Libermann aqui só pode ter estado o dedo de Deus.

"Esta missão agora começada, não pode ser abandonada."

- Libermann teria sido infiel se não tivesse aceitado esta missão. Por isso ela em nada afectou a sua paz interior e a sua confiança em Deus.

"Estes missionários são as vítimas que o Senhor enviou à Guiné para a salvação deste vasto país."

- Esta missão agora começada, não pode ser abandonada: seriam milhões de almas que se perderiam para sempre e de que o protestantismo se aproveitaria. Por isso ele continuará a fazer tudo o que puder por este país, a não ser que a vontade de Deus se manifeste de outra maneira. O que fará será tomar todas as providências para que estes factos não se repitam.

- Estes missionários são as vítimas que o Senhor enviou à Guiné para a salvação deste vasto país. Ele imolou-as para a sua glória. Eles são os alicerces, os fundamentos da missão espiritana na África.

"Divino Mestre quis dar à Guiné estes sete missionários, não como seus apóstolos, mas como seus intercessores junto do seu trono da divina misericórdia.""

- Libermann está convencido que o Divino Mestre quis dar à Guiné estes sete missionários, não como seus apóstolos, mas como seus intercessores junto do seu trono da divina misericórdia".

Foi neste mesmo espírito que os missionários sobreviventes desta missão receberam a notícia da morte dos confrades:

"O navio tinha entrado na embocadura do Gabão às dez horas da noite. O comandante por uma delicadeza toda de louvar fez chegar as cartas às 11 horas da noite a Mons.

[3] *nD. V p. 139*

Bessieux, que estava ainda acordado. Este bom padre acordou o seu companheiro e os dois foram para a capela ler as cartas de joelhos diante do Santíssimo Sacramento. Quantas lágrimas então caíram! Eles não tinham recebido nenhumas notícias de França nem da Congregação há já dois anos; pensavam eles que a Sociedade se tinha dissolvido e pelas cartas viram que, pelo contrário, ela estava florescente e que novos confrades vinham em sua ajuda. Puseram-se a cantar o Magnificat em acção de garças. Era meia-noite, pouco importa. Continuaram o resto da noite a trocar impressões sobre estas belas notícias. Pela manhã a missa e a comunhão foram oferecidas em acção de graças"[4].

Mas esta experiência abriu também a missão a uma nova política missionária.

"Mas esta experiência abriu também a missão a uma nova política missionária."

Já Mons. Barron tinha sugerido que uma missão com tantos riscos só poderia ter garantias de estabilidade se fosse confiada não a um bispo em particular mas a uma congregação missionária que garantisse a sua continuidade.

O P. Libermann, ao mesmo tempo que confessa a sua confiança em Deus e procura fazer uma leitura de fé deste acontecimento, vai abrindo pistas para que tal não volte a acontecer. E isso só se conseguirá com uma nova política missionária. Ele fala desta política abertamente ao Prefeito da Propaganda, na sua carta de 3 de Novembro de 1844: *"A dolorosa experiência do mau clima que acabamos de fazer em África, juntamente com todos os males de que são vítimas os franceses nos postos que estabeleceram ao longo das costas da África demonstra claramente que não é enviando directamente missionários europeus para estas regiões tão inóspitas, que a sua salvação deve ser procurada"*[5].

Para Libermann esta política consistia na promoção das pessoas em vista da formação de um clero indígena e de uma igreja local. Os missionários estrangeiros teriam sempre dificuldade em evangelizar a África. Começar-se-ia pela educação e formação dos jovens. Criar escolas e oficinas de artes e ofícios e a partir daí seleccionar os mais aptos para a vida sacerdotal e enviá-los para a Europa a fim de aqui os preparar para o sacerdócio. Efectivamente só a promoção do clero indígena seria a solução para a missão da Àfrica. E Libermann desenvolve largamente todos os pormenores deste projecto.

"Para Libermann esta política consistia na promoção das pessoas em vista da formação de um clero indígena e de uma igreja local."

Este primeiro esboço estará na origem de um famoso *"Memorial sobre as missões dos negros em geral e sobre as da*

[4] *Notes du Frère Pierre Mercy sur le Frère Grégoire. ND V p. 333*
[5] *Carta à Propaganda de 5 de Novembro de 1844 ND V p. 392*
[6] *ND VIII p. 222 e sts.*

"o desastre da Guiné abriu o caminho a toda uma nova estratégia missionária que marcaria o século XIX."

Guiné em particular", apresentado por Liberamnn à Sagrada Congregação da Propagação da Fé em 1846, que constitui um dos marcos mais memoráveis da política missionária.

Daqui se conclui que efectivamente o desastre da Guiné abriu o caminho a toda uma nova estratégia missionária que marcaria o século XIX.

T. Neiva

A missão também se escreve

Recensões Críticas

1) Morel, Gérard. *JEAN-RÉMI BESSIEUX ET LE GABON. La fondation de l´Eglise catholique à travers sa correspondance. Tome I: 1803-1849. Ed Karthala, Paris, 2007*

Jean Remi Bessieux, conhecido na Congregação do Espírito Santo por Mons. Bessieux, é o fundador da Igreja Católica do Gabão e um dos missionários de Libermann enviados para a sua primeira missão, a missão das Duas Guinés. Desembarcando no Gabão em 28 de Setembro de 1844, Remi Bessieux permitirá à Igreja católica prosseguir a sua obra no vasto Vicariato das Duas Guinés, erigido há apenas dois anos, a 3 de Outubro de 1842. A missão do Gabão está na origem de todas as igrejas que viriam a ser fundadas neste imenso território. A acção de Bessieux será decisiva para a emergência das igrejas na costa oeste da Africa, no século XIX.

Ao tornar pública a sua correspondência, Gerard Morel terá contribuído, para além de nos elucidar sobre todos os meandros de uma das primeiras igrejas a ser fundada nesta fronteira do continente africano, para satisfazer uma exigência da causa da beatificação de Remi Bessieux, introduzida a 22 de Janeiro de 2001 por Mons. Basike Mvé Angone, seu oitavo sucessor em Libreville.

Os escritos de Remi Bessieux foram conservados nos Arquivos Gerais da Congregação do Espírito Santo, nos Arquivos das Irmãs da Imaculada Conceição de Castres e nos Arquivos da Família Bessieux. Quanto aos escritos dos seus correspondentes e outros documentos são em geral extraídos das "Notes et Documents" (Paris 1929-1941).

Estamos em presença de um dos mais vastos espólios de correspondência, que constituem uma fonte interessante para acompanhar de perto todos os problemas e esperanças de uma igreja nascente. Esta correspondência interessa de

facto não apenas às origens da igreja do Gabão, como à leitura de toda a fase nascente da missão espiritana. Para além dos nomes dos primeiros missionários, das suas expectativas e das suas desilusões, é toda uma caminhada de fé e de perseverança que se vai fazendo, não sem dificuldades e contratempos. A doença dos primeiros encontros com a África, as febres e limitações de saúde num clima ignorado acompanham toda a caminhada desta missão. O seu itinerário é interrompido continuamente por cruzes desta via sacra permanente.

Esta correspondência é sem dúvida uma documentação fundamental para a missão espiritana das origens. Esta correspondência é intermediada por uma contínua referência aos factos principais que nos situam no contexto destas cartas e que são balizas indispensáveis para seguirmos o seu itinerário. A missão é aqui vista por dentro, lida à luz das convicções e da fé dos seus protagonistas, toda feita de pormenores que parecem de segunda importância mas que nos dão o dia a dia de uma aventura que está a nascer. Elas cons-tituem verdadeiramente um compêndio ou um diário desta aventura de fé, uma das mais impressionantes em toda a história missionária.

Bessieux foi um dos missionários que mais cartas escreveu e é fácil concluir quanto à vontade se sentia neste ministério de partilhar a vida em todos os seus pormenores. Os destinatários desta correspondência são os superiores, os confrades, as autoridades, os familiares. De salientar a correspondência com a sua família que é verdadeiramente numerosa: pais, irmãos irmãs, cunhadas em particular o seu irmão Benjamim. As suas numerosas cartas dirigidas à sua família testemunham um cuidado especial pela evangelização dos seus, descendo a todos os detalhes das exigências da vida cristã, como o respeito pela prática dominical, a atenção aos mais pobres, a paciência e a honestidade em todas as actividades, os deveres da educação dos filhos, etc.

O livro está dividido em sete etapas cronológicas: o tempo da juventude até à ordenação sacerdotal, a sua actividade como padre diocesano na sua diocese, a sua entrada no noviciado de La Neuville até à sua partida para a África, a longa viagem de Bordeus para o Gabão, os dois primeiros anos no Gabão, a sua estada em França para recuperar da saúde e um ano no Senegal, depois de ter sido nomeado Vigário Apostólico. Este é apenas o primeiro volume que acompanha o P. Bessieux durante 15 anos: a sua primeira carta é de 1833. Esperamos o volume seguinte até porque sabemos que Bessieux na sua correspondência se refere várias

vezes às colónias portuguesas, nomeadamente a S. Tomé e Príncipe, de que nos dá informações interessantes.

Estas cartas revelam-nos um mestre espiritual, com uma capacidade de discernimento, um homem de grande delicadeza e ao mesmo tempo de uma transparência sem reticências sobre os mais pequenos pormenores da vida de comunidade. É um verdadeiro pivot de pioneiros na aventura da missão.

O seu bom senso e simplicidade são sempre sublimados por uma fé a toda a prova, a sua submissão à vontade de Deus, a sua obediência incondicional aos superiores, a sua atenção às pessoas e a sua esperança sem quebras na missão que Senhor lhe confiou.

As suas confidências com o P. Libermann são um tesouro inextinguível donde se pode extrair uma antologia de prática missionária e uma espiritualidade da missão, que apesar do contexto muito marcado da época em que foram escritas, são ainda uma fonte de inspiração para uma mística e pedagogia missionária do nosso tempo. Basta lembrar a sua posição quanto às línguas a ensinar nas terras de missão, como a presenta na carta de 10 de Agosto de 1848. Ele compara o "latim a um asno decrépito que não consegue arrastar a carroça". Ao contrário, as línguas vivas, como por exemplo, o francês, o inglês e o português, ao lado das línguas faladas como o wolof, impõem-se cada vez mais: "o bem da igreja pedirá este sacrifício da nossa parte", afirma ele com perspicácia.

Depois desta intimidade de 15 anos com Bessieux, podemos sem dúvida sublinhar alguns traços da sua personalidade:

Antes de mais a sua fé. Bessieux é um sobrevivente de uma catástrofe que dizimou praticamente toda a equipa dos primeiros missionários. Cerca de 12. A saúde e as desilusões estiveram na base das mortes e desistências, incluindo o próprio Vigário Apostólico, Mons. Barron. A fé de Bessieux era a fé que recebeu no seu tempo de criança e que depois aprofundou no noviciado. Uma fé que estava ligada a um conjunto de observâncias, sem as quais ele não conseguia viver a sua fidelidade. Para ele, quem não praticasse a fé católica, estava condenado ao inferno, conforme ensinava a teologia missionária daquele tempo.

Em segundo lugar, Bessieux era homem de oração, apesar do seu terrorismo espiritual. Durante toda a sua vida reservou quotidianamente várias horas para a oração, durante o dia e durante a noite, muito marcada pela sua devoção marial.

Formado na escola da "missão abreviada" a sua espiritualidade estava muito marcada pela obsessão do pecado, da morte, do demónio e do inferno. O demónio estava sempre presente no seu quotidiano.

Homem escrupuloso, encontrava resposta às suas angústias na misericórdia de Deus em quem tinha uma grande confiança.

Mas o que mais o marcou foi indiscutivelmente a sua paixão missionária. A missão longínqua que o seduziu já como padre diocesano, nunca o desiludiu. Ficar-lhe-á fiel até à morte. A sua actividade missionária era um absoluto, ao qual tudo sacrificava.

A sua humildade era sem dúvida a virtude que mais sobressai tanto nas suas cartas como nas atitudes que tomou, A sua humildade e maneira simples de ver as coisas, levou Libermann, quando ele, regressando do Gabão, chegou a La Neuville, a dizer: "Será bom não acreditardes em tudo o que ele vos disser sobre a missão do Gabão" (Carta de 5 de Março de 1874).

Remi Bessieux não era capaz de dizer em poucas palavras tudo o que tinha para dizer. As suas cartas são geralmente longas, chegando a atingir cinco e seis páginas. Elas revelam realmente um coração transparente que não sabe nada esconder e em que transparece sempre a grande paixão da sua vida: a missão do Gabão.

2) Vacherand, Michel. *LOS MISIONEROS ESPIRITANOS EN EL PARAGUAY 36 anos de história – 1967-2003*

Michel Vacherand é um espiritano francês, licenciado em Letras Clássicas, que depois de 25 anos de professor num colégio da Martínica decidiu fazer uma experiência de apostolado directo entre os pobres do Terceiro Mundo. Optou pelo Paraguay, um país que nessa altura procurava missionários para a evangelização dos campesinos de Lima. Foi uma experiência que durou desde 1976 até hoje. Amou de tal maneira este país e as suas gentes que decidiu tomar a nacionalidade de paraguaio. Ninguém melhor que ele estava indicado para ela-borar a memória da presença dos espiritanos neste país, não só por ser o mais antigo e com mais longa permanência nessa terra de missão, como também por ser

um dos missionários estrangeiros que mais terá amado esse povo.

O seu livro, recheado de pormenores cheios de interesse, foi escrito por uma das testemunhas que esteve sempre presente nos momentos mais significativos desta caminhada de 36 anos. Por ele podemos acompanhar todas as etapas do seu itinerário: os primeiros tempos particularmente difíceis a cargo dos espiri-tanos da Trindade, a chegada e acção do grupo internacional que se foi alargando ao longo dos anos, o apostolado partilhado com os leigos a partir da primeira equipa mista em 1975, o lançamento das estruturas de formação de candidatos à vocação espiritana, a abertura à missão entre os campesinos guaranis. Todas estas etapas foram proficientemente conduzidas por superiores de visão lúcida, como o P. José Harris, Vítor de Oliveira, Jean Coquerel, Ir. Xavier Blanco, P. Pierre Jubinville, etc. Pena é que as fontes não tenham sido indicadas e que não se tenha apurado o trabalho com um elenco de todos os missionários que ali trabalharam e um quadro cronológico desta missão de tanta inspiração e provocação para os novos caminhos da missão espiritana.

O primeiro apelo dos espiritanos para o Parguay veio durante o concílio Vaticano II, em que o bispo D. Júlio Benigno Gonzalez, que tinha sido nomeado recentemente administrador apostólico da diocese de Conceição, no Paraguay, se encontrou com o Superior Geral dos Espiritanos, então Mons. Lefebure, e lhe pediu missionários para o vasto território de Lima, quase abandonado, que estava confiado ao seu zelo pastoral.

Ora como os espiritanos da Trindade, recentemente estruturados em "província espiritana", estivessem abertos a outras terras de missão, preferentemente na América Latina, com quem se sentiam identificados, Mons. Lefebure lembrou-lhes o pedido de Mons. Júlio Benigno, sugestão que acabou por ser aceite.

O primeiro missionário espiritano a chegar ao Parguay em 1967 foi o P. David Keegan logo depois seguido pelo P. Sydney Chang. Em 1968 assumiam a responsabilidade da imensa paróquia de Lima, uma antiga "redução" dos franciscanos com inúmeras "companhias" de campesinos espa-lhadas por todo o território. Em 1968, a quando da visita de Mons. Lefebure, atendendo ao isolamento e distância em que os espiritanos se encontravam, foi reconhecida a necessidade de uma casa de apoio na capital. Assim nasceu, quase logo desde o início, a comunidade espiritana "Laval", em Asunción

Depois, outros missionários vieram e novas comu-

nidades se foram criando, por entre perseguições e lutas da parte do governo e dos latifundiários da região. Santa Rosa, Choré, Santo Isidro. Foi um período muito agitado, de muitas convulsões sociais e de luta pelos direitos humanos dos campesinos, que viria a ser uma nota constante da presença dos espiritanos no Paraguay. Os missionários da Trindade viram-se mesmo obrigados a deixar o país.

Em 1975 o P. Harris seguiu para Roma a fim de narrar ao Superior Geral, Franz Timmermans, os pormenores do conflito no Paraguay e a situação dos campesinos, abandonados, enganados pela propaganda oficial, sem defesa nem liberdade... Era o tempo em que na Congregação se pensava em criar pequenas comunidade internacionais em situações mais significativas, como Angola, Paquistão, Etiópia, etc. Era uma política, mais condizente com o espírito missionário do Vaticano II. Com pequenos grupos internacionais conseguir-se-ia respeitar mais a igreja local, a identidade cultural do povo, a universalidade da missão e a inculturação do Evangelho. A sugestão foi aceite e logo se começou a procurar voluntários para esta missão. Foi a partir daí que os missionários foram chegando pouco a pouco, por unidades vindos de várias proveniências: França, Espanha, Canadá, Suíça, Estados Unidos, Portugal, Irlanda, México, Brasil, Polónia, Granada, Nigéria, Gana. O primeiro a mostrar-se disponível foi precisamente o P. Michel Vaccherand. O Paraguay acabaria por se tornar na Congregação um laboratório de inter- nacionalidade e interculturalidade.

Outro momento significativo foi em 1975 quando chegou a primeira equipa internacional organizada sob o patrocínio da Casa Geral, formada pelos portugueses Vítor Martins de Oliveira e João Souto Coelho e três leigas espanholas associadas à Congregação: Gela Serra Montejano, Amparo Urios Grande e Maria de Los Angeles Aguayo. Esta nova equipa tomou como base das suas actividades Choré e Cruce Liberación.

O grupo continuou a crescer cada vez mais diverso e internacional. Em concomitância desenvolveu-se cada vez mais a actividade das equipas de leigos uns que foram chegando do estrangeiro e outros gerados pelo próprio país e assumiram-se novos compromissos, como a paróquia do Rosário, Marano Roque, Vila Mora, General Resquin.

Outro momento particularmente interessante foi no Capítulo de 1987 quando os Espiritanos decidiram abrir-se à promoção vocacional espiritana dentro do próprio país. Em 1988 abria-se o aspirantado "Libermann" em Fernando La Mora, seguido do noviciado e da primeira ordenação sacer-

dotal espiritana a 25 de Janeiro do ano 2000, o P. Adelio Vilalva, e a profissão religiosa do primeiro Irmão paraguaio em 2001, Mariano Espinoza Sala. Em 2 de Fevereiro de 2002 abria-se o noviciado internacional em San Lorenzo para a América Latina.

À data da publicação deste livro, ou seja a quando da celebração dos trezentos anos de história da Congregação, no Paraguay havia 14 espiritanos, respectivamente da França, (3), Suíça (1), Portugal, (1), Espanha (2), Canadá (1), Ghana(1), México (2), Polónia (1), Brasil (1), Nigéria (1). As comunidades assistidas pelos Espiritanos eram: Fernando de la Mora, Asunción, Lima, Liberación, San Lorenzo, Choré, e Santa Rosa.

A missão do Paraguai é uma missão particularmente significativa para os Espiritanos. É uma missão de tipo rural, plenamente inserida no meio campesino, vivida dia a dia ao ritmo dos problemas dessa gente do interior de um país particularmente afeito às injustiças sociais e à tirania das grandes multinacionais. Os problemas da justiça e paz e defesa dos direitos humanos são uma das constantes que acompanham toda a sua história.

Os métodos de evangelização são particularmente integrados no viver e nos ritmos desta gente: as comunidades de base, a pastoral da terra, a formação de agentes pastorais, a inserção no meio, são características determinantes da sua actividade missionária: uma pastoral que acompanha o ritmo lento da opção pelos pobres, que a conferência de Medelin apontou.

Outra característica deste grupo é, como já foi sublinhado, a sua internacionalidade: actualmente nove nacionalidades num grupo de catorze membros. É talvez o grupo mais internacional de toda a Congregação. Essa característica fez deste grupo uma referência obrigatória para toda a congregação.

Mas ao longo destas páginas podemos constatar que os espiritanos não estiveram apenas ao lado dos campesinos e indígenas como também acompanharam os jovens do meio urbano. Eles falam-nos de um tempo em que os governantes não viam com bons olhos os que lutavam pela promoção social, cultural e a concretização das massas populares. Foram acusados de "subversivos" e "comunistas" chegando mesmo a ser expulsos do país. Não esqueçamos que a ditadura de Stroessener foi um capítulo amargo para todos os que se colocavam ao lado dos sem voz.

A partilha da missão com os leigos e a escolha de um Irmão leigo como superior do grupo são sinais bem evidentes da capacidade criativa e inovadora deste grupo.

É um apostolado difícil e exigente não só pelos riscos que corre como pelas condições em que é implementado: muitas vezes descalços, de calças arregaçadas, atravessando ribeiros e terrenos encharcados, arrostando chuvas intensas e percalços de toda a espécie. Ficaram famosas as viagens de Choré para Asunción, onde muitas vezes a caminheta, ficava dois e três dias, encharcada no lamaçal das picadas. Como é ainda recordado o tempo em que em Choré os missionários viviam numa barraca e o quarto de banho era a céu aberto e o chuveiro um regador pendurado numa árvore.

Bem merecem estes confrades este esforço do P. Vacherand para não deixar esquecer a memória destas "legendas douradas" da gesta espiritana.

T. Neiva

D. António Couto

Coração Ad Gentes na Igreja da cidade

Tony Neves

A Missão hoje: os caminhos da esperança

Serafim Lourenço

O culto dos espíritos no Sudoeste de Angola

Adélio Torres Neiva

O nome que recebemos

Joseph Lecuyer

A descoberta do Espírito Santo

Manuel Gonçalves

Sobre a personalidade psico-humana de Libermann

António Moreira Loureiro

A missão em situação de conflito - Testemunho

O P. Ernesto Lecomte, Prefeito Apostólico da Cimbebásia

Páginas da História Espiritana

1. A divisa da Congregação

2. A missão da Guiné: uma experiência-fonte da Missão Espiritana

A Missão também se escreve: Recensões críticas